

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA
Departamento de Sociologia

OS SILÊNCIOS DA PARENTALIDADE NA ADOLESCÊNCIA
Experiências de mães e pais adolescentes

Ludmila Maria Fernandes

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Sociologia

Orientadora:

Professora Doutora Ana Nunes de Almeida
Investigadora principal do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Abril de 2008

Aos meus pais

RESUMO

Este estudo tem como objectivo conhecer e interpretar a dimensão feminina e masculina da parentalidade na adolescência e os seus impactos a médio prazo. Especificamente, pretende-se com esta investigação captar a pluralidade de situações escondidas sob uma mesma designação, contrariando a tendência de grande parte dos estudos que abordam a parentalidade na adolescência como um percurso de vida (feminino) idêntico para todos os que o experimentam: necessariamente problemático e negativo, um “acidente” indesejado. Assim sendo, a pesquisa pretende desconstruir ideias feitas sobre a linearidade da parentalidade na adolescência, evidenciando a diversidade de percursos que podem ser experimentados.

Para cumprir os objectivos mencionados, recorre-se a uma metodologia qualitativa de tipo intensivo. O corpo empírico deste trabalho é constituído por 20 entrevistas semi-directivas aplicadas a mães e pais adolescentes que tiveram um primeiro filho até aos 19 anos. Para a constituição da amostra usou-se a técnica “bola de neve”. Na análise das entrevistas usou-se o método proposto por Marc-Henry Soulet (*in* Monteiro, 2005), que se baseia, entre outros aspectos, em não ter categorias *a priori* mas construí-las de forma indutiva.

Através da análise do material empírico, chegou-se à construção de cinco ideais-tipo de parentalidade na adolescência: cooperante, desprotegida, autónoma, frágil e demitida. O olhar a médio prazo que atravessa o estudo, a visibilidade dada aos pais adolescentes e a identificação de ideais-tipo que configuram a diversidade de experiências de parentalidade na adolescência resultam nas principais inovações deste trabalho, permitindo antever linhas de pesquisa para o futuro.

Palavras-Chave: parentalidade, maternidade, paternidade, adolescência, família e género.

ABSTRACT

The present study aims at knowing and interpreting both the feminine and masculine dimension of adolescent parenting and its medium term impacts. We intend to show the plurality of situations that may lie under a single designation therefore contradicting the generalized tendency to treat adolescent parenting as an essentially feminine and negative experience, similar to all of those who experience it. Therefore this research tries to deconstruct preconceived ideas about a supposed linearity in adolescent parenting by showing the diversity of experiences.

In order to do so we used a qualitative and inductive methodology. The empirical body of this work consists in 20 semi-directive interviews to adolescent mothers and fathers that had their first child before turning 19. The sample was drawn by using the snowball technique. When analysing the interviews we used the Marc-Henry Soulet (*in* Monteiro, 2005) method, based on the absence of preconceived categories and in using an inductive categorization procedure.

Through the empirical material analysis we came up with five ideal-types of adolescent parenting: cooperative, unprotected, autonomous, fragile and non-committed. The main innovations of this study consist in its approach on medium term impacts, in the visibility given to adolescent fathers and in the identification of ideal-types that demonstrate the diversity of experiences and provide clues to future investigations.

Keywords: parenting, maternity, fatherhood, adolescence, family and gender.

AGRADECIMENTOS

Foi sempre com grande entusiasmo e motivação que os meus pais, desde tenra idade, me estimularam a ser curiosa, a gostar de aprender e a ser determinada no cumprimento dos meus objectivos. São valores que me transmitiram e que me impulsionaram numa busca constante que culminou, entre outras coisas, na necessidade de realizar esta investigação. Sem um estímulo desta natureza, este percurso pela ciência não teria começado. Por isso, pela enorme força que sempre me tentaram transmitir e pela partilha de ideias, sempre presente no nosso percurso familiar, marcado pelas longas conversas que, por vezes, e sem dar conta disso, se prolongavam pela madrugada (sobretudo quando era apenas estudante), agradeço aos meus pais, pois sempre estive inserida num ambiente de grande cumplicidade e de suporte afectivo. Os meus pais são importantes protagonistas na história da minha vida, quer pessoal, quer académica, e ainda hoje vivem as minhas incursões pela investigação com muito entusiasmo, alegria e proximidade. Deram-me um apoio incondicional durante a realização desta tese, sobretudo na recta final, o momento difícil da redacção. Ajudaram-me a olhar o tempo de outra forma e a pensar que algumas opções são necessárias e nos trazem mais tranquilidade para viver com alegria esta “gravidez”, ou seja, os diferentes momentos de elaboração de uma dissertação de mestrado.

Seria inevitável o agradecimento à minha orientadora, a Professora Doutora Ana Nunes de Almeida. Não apenas porque prontamente se disponibilizou a orientar este trabalho (mesmo sem me conhecer) mas porque o fez de forma entusiasta, dando-me um grande suporte e partilhando os seus saberes. E por isso, é altura de fazer uma pequena confissão: o facto de ter ido ao encontro da Professora, pedindo que fosse minha orientadora num trabalho de investigação na área da parentalidade e da família, deve-se à minha primeira experiência de leitura de obras sociológicas. Com efeito, quando cheguei ao 1.º ano da licenciatura em Sociologia e Planeamento no ISCTE, a dissertação de doutoramento da Professora - “A Fábrica e a Família - famílias operárias no Barreiro” – foi o primeiro livro de sociologia que li com muito entusiasmo e curiosidade porque nasci, cresci e ainda vivo neste concelho. Gostaria de salientar e agradecer o apoio excepcional e invulgar que a Professora me deu durante a realização deste trabalho. Exemplo disso foi a criação de uma rede de orientandas (sim, é verdade, somos todas mulheres) que mensalmente se reúne para apresentar um documento relativo à sua investigação. Nestas reuniões, para além das discussões sobre temas relacionados com as investigações de cada uma (família, género, educação, sexualidade,

violência conjugal, entre muitos outros), discutem-se muitas vezes ideias alheias a estes interesses em comum. As ideias fervilham e fluem. Por isso, estes encontros ajudaram-me muito avançar no trabalho de investigação e sobretudo a concluí-lo com prazer e entusiasmo. Foi, sem dúvida, um suporte determinante na conclusão atempada deste trabalho.

Mas não seria justo não mencionar as minhas colegas de seminário, orientandas da Professora Ana Nunes de Almeida (entretanto, algumas já concluíram e defenderam as suas teses de mestrado ou doutoramento), que para além dos perspicazes e pertinentes comentários que realizaram a este trabalho, ajudando-me a aprofundá-lo, também me permitiram que partilhasse com elas as minhas dúvidas, angústias e incertezas. A realização de uma dissertação deve ser sempre um momento de prazer e de alegria mas é inevitável que estes pequenos momentos surjam. Por isso, um muito obrigada àquelas que mais de próximo me acompanharam neste percurso – Alexandra Graça, Alexandra Raimundo, Cláudia Casimiro, Fátima Forreta, Rosalina Pisco Costa, Teresa Líbano Monteiro e Verónica Policarpo – incentivando-me bastante, criando agradáveis espaços de debate de ideias e por vezes dando-me caixinhas de mimosinhos.

Chega agora o momento de agradecer aos amigos. As pessoas que nos acompanham quase diária ou semanalmente. O apoio da Berta - uma colega e amiga inseparável, cúmplice em muitos momentos da minha vida - foi muito importante. Foram preciosas as horas gastas a ler os meus textos e a comentar de forma perspicaz e entusiasta aqueles, mesmo não sendo a sua formação base em sociologia. Deu-me confiança no trabalho realizado e, por isso, agradeço o precioso tempo gasto, numa jovem que tem uma vida profissional e artística muito preenchida, mas que mesmo assim arranja tempo para os amigos.

Não poderia também deixar de agradecer à Dra. Sofia a quem se deve, em muito, a forma organizada e tranquila como encarei o meu crescimento como aprendiz de investigadora. Foram muitas as conversas sobre as dificuldades sentidas, em particular de conciliar um emprego muito exigente, que me ocupa muito tempo, com a elaboração de uma dissertação que sempre idealizei que atingisse os parâmetros mínimos de qualidade neste grau de ensino. Nem sempre foi fácil conseguir aliar as minhas expectativas ao tempo disponível. Sobretudo na fase final, foram muitos os dias de poucas horas de sono e de fins-de-semana sem vida social. Mas a Dra. Sofia, minha companheira de conversas, foi um elemento central para que eu pudesse compreender que há um tempo para tudo e que quando estamos disponíveis, é possível alcançar tudo. Por isso, decidi despedir-me da minha tese e encerrar este capítulo da minha vida. Pode ser que outros desafios académicos surjam...

Não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas, amigos, vizinhos e colegas de trabalho, através dos quais consegui recolher os contactos das mães e dos pais adolescentes que entrevistei. Alguns foram de uma dedicação e persistência admiráveis.

E, finalmente, um muito obrigada aos meus entrevistados, sem os quais esta dissertação não existiria. Disponibilizaram-me uma parte do seu tempo, partilharam comigo aspectos íntimos da sua vida, com os quais pude aprender muito e crescer como pessoa e como investigadora. Espero que as suas experiências e a dedicação com que os relatos me foram feitos possam ser úteis a um conhecimento mais aprofundado sobre este acontecimento que é a parentalidade na adolescência.

ÍNDICE

Resumo e palavras-chave (Resumo e Abstract)	
Agradecimentos	
Índice Geral	I
Índice de Quadros	III
Índice de Gráficos	IV
Índice de Figuras	V
Lista de Abreviaturas	VI
Introdução	1
Capítulo 1 – Maternidade E Paternidade Na Adolescência	3
1.1 – Nota introdutória	3
1.1 – Retrato estatístico	4
1.3 – O estado da arte	13
1.4 – Classe social, género e juventude: opções de investigação	16
1.5 – Hipóteses e modelo de análise	22
Capítulo 2 – Notas Metodológicas	26
2.1 - Objecto empírico	26
2.2 - Estratégia metodológica	27
2.3 – Recorte da amostra	28
2.4 - Técnicas de recolha de informação: entrevistas semi-directivas e observação simples	30
2.5 – O método de análise dos dados	32
Capítulo 3 – Percursos e Discursos de Mães e Pais Adolescentes	38
3.1 – A decisão de ser mãe ou pai na adolescência	38
3.2 – O percurso familiar e conjugal	47
3.3 – O percurso escolar e profissional	54
3.4 – As sociabilidades juvenis	66
3.5 – Ideais-tipo de exercício da parentalidade na adolescência	73
Conclusão	77
Referências Bibliográficas	82
Anexos	86
Anexo I – Guião de entrevista	87

Anexo II – Declarações: consentimento informado, ISCTE e entrevistados	102
Anexo III - Biografia dos entrevistados	106
Anexo IV – Análise dos dados das entrevistas – ilustração de casos	118

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.1 – Caracterização dos entrevistados segundo a classe social	29
Quadro 1.2 – Caracterização dos entrevistados segundo o nível de escolaridade	29
Quadro 1.3 – Caracterização dos entrevistados segundo a situação na conjugalidade	29

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1.1 - Evolução da Maternidade Adolescente em Portugal – 12 aos 14 anos	6
Gráfico 1.2 - Evolução da Maternidade Adolescente em Portugal - 15 aos 19 anos	7
Gráfico 1.3 - Evolução da Taxa Específica de Fecundidade em Portugal – 12 aos 14 anos	9
Gráfico 1.4 - Evolução da Taxa Específica de Fecundidade em Portugal 15 aos 19 anos	9
Gráfico 1.5 - Evolução da Maternidade Adolescente na UE 15 - 12 aos 14 anos	10
Gráfico 1.6 - Evolução da Maternidade Adolescente UE 15 - 15 aos 19 anos	11
Gráfico 1.7 - Evolução da Paternidade Adolescente em Portugal - até aos 19 anos	13

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1 – Modelo de análise: diversidade de percursos da parentalidade na adolescência	25
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

EDL - Empresários, dirigentes e profissionais liberais.

PTE - Profissionais técnicos e de enquadramento.

EE - Empregados executantes.

OO - Operários.

AEpl - Assalariados executantes pluriactivos.

INTRODUÇÃO

Pretende-se com esta investigação conhecer e explicar a diversidade de percursos que são experimentados por pais e mães adolescentes, indivíduos que vivem o nascimento de um primeiro filho até aos 19 anos. Procuramos aprofundar os impactos do exercício da parentalidade ao nível da carreira escolar-profissional, da carreira familiar-conjugal e das sociabilidades juvenis. Para tal, optamos por olhar este fenómeno através da pertença de género e da classe social de origem. Tem-se, portanto, como objectivos principais, conhecer e interpretar a dimensão feminina e masculina deste acontecimento, bem como conhecer e explicar a parentalidade na adolescência inserida nas diferentes classes sociais onde o fenómeno ocorre.

A curiosidade científica em explorar esta temática surge a partir da constatação do vazio que existe em relação ao tema. De facto, a parentalidade na adolescência está envolta em muitos silêncios, quer ao nível das ciências sociais, quer também ao nível das estatísticas. Nestas não encontramos dados que aprofundem ou caracterizem os seus contornos. Isto é válido quer para o território nacional, quer para as estatísticas feitas a nível europeu. Aprofundando um pouco melhor os silêncios ao nível das ciências sociais, principal motivo que nos levou a estudar o tema, sublinhamos a inexistência de investigações que tratem a parentalidade na adolescência incluindo a dimensão masculina ou trabalhos que se debrucem sobre os impactos deste acontecimento a médio e longo prazo. De um modo geral, são estes os silêncios que nos movem a estudar o tema e que dão nome a esta tese. Espera-se contribuir para um conhecimento mais aprofundado da temática e iluminar algumas áreas menos conhecidas do fenómeno.

Ao longo do trabalho e de forma a não confundir os leitores, designamos os rapazes que vivem o nascimento de um primeiro filho até aos 19 anos “pais adolescentes” e as raparigas “mães adolescentes”. Quando falamos de ambos os protagonistas, designamo-los “progenitores”. Julgamos importante esta clarificação para que não haja equívocos.

Para cumprir os objectivos atrás mencionados, utilizamos uma metodologia qualitativa, de natureza etnográfica, no quadro de uma estratégia de investigação de tipo intensivo qualitativo que nos ajuda a conhecer e explicar a parentalidade na adolescência e os significados atribuídos pelos adolescentes ao seu comportamento. Para a construção da amostra, utilizamos a técnica “bola de neve”, que consiste em recorrer à nossa rede de contactos para aceder aos entrevistados – pais e mães adolescentes de diferentes classes

sociais. Do ponto de vista das técnicas de recolha de informação, utilizamos a observação simples durante a realização das entrevistas (normalmente realizadas em casa dos entrevistados) como forma de descrever os ambientes e o contexto envolvente e de, assim, nos auxiliar na análise dos dados recolhidos nas entrevistas. Utilizamos a entrevista semi-directiva para conhecer a parentalidade na adolescência. Esta técnica consiste num conjunto de questões predefinidas mas que não têm necessariamente de ser aplicadas segundo a ordem estabelecida, podendo beneficiar do discurso do entrevistado. Com efeito, consideramos que a grande vantagem da entrevista semi-directiva é a sua grande flexibilidade. O corpo empírico desta investigação é composto por 20 entrevistas, das quais 7 realizadas a pais e 13 a mães. Finalmente, relativamente à análise dos dados das entrevistas, recorreremos ao método utilizado em Portugal por Teresa Líbano Monteiro (2005) na sua dissertação de doutoramento. Este trabalho assenta no método proposto por Marc-Henry Soulet (Soulet *in* Monteiro, 2005) e, em linhas gerais, consiste em não ter categorias *a priori* mas construí-las de forma indutiva. No nosso caso, esta construção parte de um quadro teórico previamente definido. Soulet propõe ainda que se analise as entrevistas de forma holística, mantendo, assim, a sua integridade e não as recortando transversalmente, por exemplo, em função de temas.

Esta dissertação está organizada em três grandes capítulos. No capítulo 1 pretendemos dar conta do quadro teórico que utilizamos para interpretar a parentalidade na adolescência. Nesta fase do trabalho, incluímos, para além de um retrato estatístico do fenómeno e de uma apresentação e discussão das investigações realizadas em Portugal sobre a temática em causa, uma apresentação e discussão das conclusões de algumas investigações realizadas no estrangeiro, nomeadamente em Inglaterra e nos Estados Unidos. Posto isto, expomos as nossas opções de investigação: a escolha da classe social e do género para olhar este fenómeno. De seguida, enunciamos as nossas hipóteses de trabalho e o modelo de análise.

No capítulo 2 damos conta da metodologia utilizada, descrevendo a estratégia metodológica, a técnica de construção da amostra, as técnicas de recolha de informação e o método de análise dos dados, ilustrando com um caso de uma mãe adolescente.

Finalmente, no capítulo 3, apresentamos os resultados, culminando com a identificação, descrição e compreensão de cinco ideais-tipo de exercício da parentalidade: cooperante, desprotegida, autónoma, frágil e demitida.

Passemos então à apresentação mais detalhada desta investigação, com uma primeira incursão pelo quadro teórico.

CAPÍTULO 1 – MATERNIDADE E PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA

1.1 – Nota introdutória.

Em Portugal, as investigações realizadas sobre a temática da maternidade e da paternidade na adolescência levantam três questões que importa analisar e aprofundar.

Em primeiro lugar, a maternidade na adolescência é tratada, na maior parte dos estudos (APF, 2003; Almeida, 1997; Ferreira, 2004; Gerardo, 2004), como um problema social, experimentado da mesma forma por todas as mães adolescentes. Em nosso entender, homogeneiza estas vivências ignorando que existem diferentes formas de experimentar este fenómeno, ou seja, diferentes percursos que podem depender de factores como a classe social de origem. As investigações incidem quase sempre sobre as classes populares ignorando – talvez pela dificuldade de aceder a outras posições sociais - que este fenómeno é transversal às diferentes classes, embora possa ser mais frequente nas primeiras, pelo facto de as perspectivas profissionais e de os percursos escolares serem mais consistentes nas adolescentes de classes sociais mais favorecidas.

Em segundo lugar, as investigações realizadas centram-se exclusivamente nas mães e não entrevistam ou questionam os pais adolescentes e a sua experiência. Parece-nos que este aspecto se poderá relacionar com duas questões: por um lado, o número de pais adolescentes é mais reduzido por comparação ao número de mães adolescentes (normalmente os rapazes são mais velhos do que as raparigas¹) e, por outro lado, temos as diferenças sociais de género que atribuem à mulher um papel mais afectivo, direccionado para a família e para os cuidados aos filhos (domínio da esfera privada) enquanto que ao homem compete o sustento da família. Por isso, consideramos que os estudos reproduzem o senso comum, no seu obstáculo naturalista.

Esta assimetria de género, presente num passado histórico recente, tem-se vindo a diluir, mas continuam a ser as mulheres a ter uma dupla jornada de trabalho, conciliando a esfera familiar com a profissional (Torres, 2002). Curiosamente, a acrescer a estas diferenças sociais de género, não existe na língua portuguesa, uma expressão para designar um homem que está à espera do nascimento de um filho. Em contrapartida, na língua inglesa existe a

¹ Como refere Pedro Moura Ferreira (2004) apenas uma pequena parte dos pais (16,4 %) se encontra no mesmo intervalo etário das mães adolescentes. O autor chama a atenção para o facto de a maternidade precoce não envolver apenas adolescentes ou jovens. Ao caracterizar os pais, Pedro Moura Ferreira refere que “a maioria é constituída por jovens adultos, inseridos na maior parte das vezes, como veremos mais adiante, no mercado de trabalho e com uma capacidade mínima de sustentação económica” (2004, 7).

designação de *expectant father* e em alemão o “estado de pai” é designado por *vaterstand*. Consideramos que esta ausência de palavras cria um vazio de referências que possa mediar esta experiência, o momento de espera.

Finalmente, outro aspecto que é importante questionar nas investigações realizadas sobre a temática em causa é o facto de as entrevistas ou questionários serem imediatamente aplicados durante ou a seguir à gravidez não permitindo que se perceba quais são os impactos da parentalidade na adolescência no percurso escolar, profissional e conjugal dos adolescentes.

Posto isto, esta investigação procura aprofundar alguns aspectos: a) a importância da pertença de classe na configuração de diferentes percursos de parentalidade na adolescência; b) de que forma o factor género molda estas diferentes experiências de parentalidade adolescente; c) que impacto tem a parentalidade na adolescência no percurso de vida dos adolescentes.

Partindo destes três objectivos de investigação, interessa-nos agora contextualizar e caracterizar a maternidade e a paternidade na adolescência e, posteriormente, aprofundar sob a forma de hipóteses de investigação, de que forma a classe social e o género, no contexto da transição para a vida adulta, podem moldar os diferentes percursos de parentalidade. Assim, o pressuposto geral que norteia este trabalho é o de que não existe uma, mas sim várias formas de experimentar a parentalidade na adolescência.

1.2 – Retrato estatístico.

Até à década de 50/60 a maternidade na adolescência, entendida neste estudo como a maternidade ocorrida até aos 19 anos², não é considerada um problema social. A partir da década de 70, em quase todos os países europeus, e mesmo nos Estados Unidos (Furstenberg, 1989), esta passa a ser tratada com um problema, uma patologia, que requer uma intervenção por parte do Estado. Trata-se de um desvio social relativamente à trajectória que é esperada para os adolescentes, ou seja, que concluam os estudos, para posteriormente entrarem no mercado de trabalho com alguma formação e, finalmente, iniciarem a conjugalidade.

² Esta é a idade convencionalmente definida (vg. Organização Mundial de Saúde) como limite da maternidade adolescente e permite-nos comparações com outros estudos realizados e com as estatísticas sobre esta temática. Embora seja uma definição imperfeita, uma vez que assenta em critérios biológicos, usamos este limite de idade por razões práticas (Sim-Sim, 1997).

Interessa-nos perceber que mudanças sociais ocorreram em Portugal para que a maternidade na adolescência passe a ser percebida e tratada como um problema.

Em primeiro lugar, de acordo com Ferreira “*em 1981, cerca de três quartos dos nascimentos das mães adolescentes e jovens ocorrem dentro do casamento. Vinte anos depois, esse número desce para um terço*” (2004, 4). A maternidade adolescente começa a aparecer dissociada do casamento e da conjugalidade e conseqüentemente é entendida como um problema na medida em que, por um lado, evidencia a actividade sexual que só “deve” ter lugar no casamento e, por outro, é vista como um acontecimento que apresenta algum risco social uma vez que não está enquadrada, nem é suportada pela conjugalidade.

Em segundo lugar, as actuais culturas juvenis e o facto de estas assentarem numa lógica de hedonismo (Pais, 1999), fazem com que a maternidade afaste (supostamente) as adolescentes das sociabilidades juvenis, perda significativa, pois constituem um aspecto central na vida dos jovens.

Finalmente, decorre um processo de emancipação feminina, em que houve uma progressiva entrada das mulheres no mercado de trabalho, onde estas são cada vez mais escolarizadas. Neste contexto, a maternidade é entendida como um obstáculo a que estes objectivos se concretizem e parece não as afastar da subordinação ao papel social de doméstica, a que estão remetidas durante muitas décadas, para além de poder encurtar os percursos escolares, conseqüentemente as oportunidades profissionais e, nessa medida, conduzir a processos de exclusão social. Muitas vezes, porém, os adolescentes já se encontram em processos desta natureza, antes de entrarem na parentalidade.

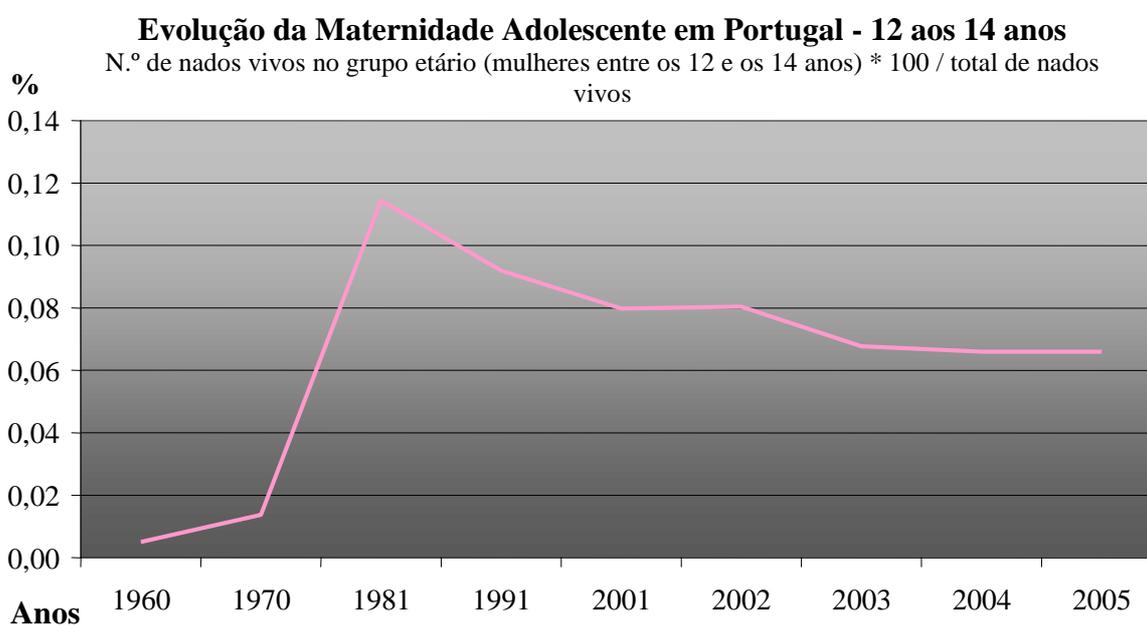
Estes são alguns dos pressupostos que estão na base do tratamento da maternidade na adolescência como um problema social, aspectos que se pretende explorar e questionar nesta investigação.

De seguida, apresentamos alguns dados estatísticos que podem caracterizar o fenómeno da maternidade e da paternidade ao longo do tempo. Os dados relativos à paternidade na adolescência são bastante limitados. Com efeito, é de assinalar a inexistência de informação estatística sobre a distribuição de nados-vivos segundo a origem geográfica de residência do pai, apenas sendo possível encontrar, a partir de 1991, a distribuição de nados-vivos por origem geográfica de residência da mãe, segundo a idade do pai. Relativamente aos países da União Europeia (Eurostat) esta informação é inexistente. Só estão disponíveis dados referentes à maternidade. Esta inexistência de informação sobre a paternidade na adolescência

é acompanhada em matéria de fecundidade. Só recentemente, em 1997, o INE contemplou os homens no *Inquérito à Fecundidade e à Família*.

Neste retrato estatístico, no que diz respeito às mães adolescentes, realizamos uma divisão entre a maternidade ocorrida até aos 14 anos e aquela ocorrida entre os 15 e os 19 anos. Consideramos que a vivência deste acontecimento pode ser bastante diferente consoante se trate de uma ou de outra faixa etária, existindo risco perinatal para todas as grávidas com 15 ou menos anos (Zukerman *in* Almeida, 1987).

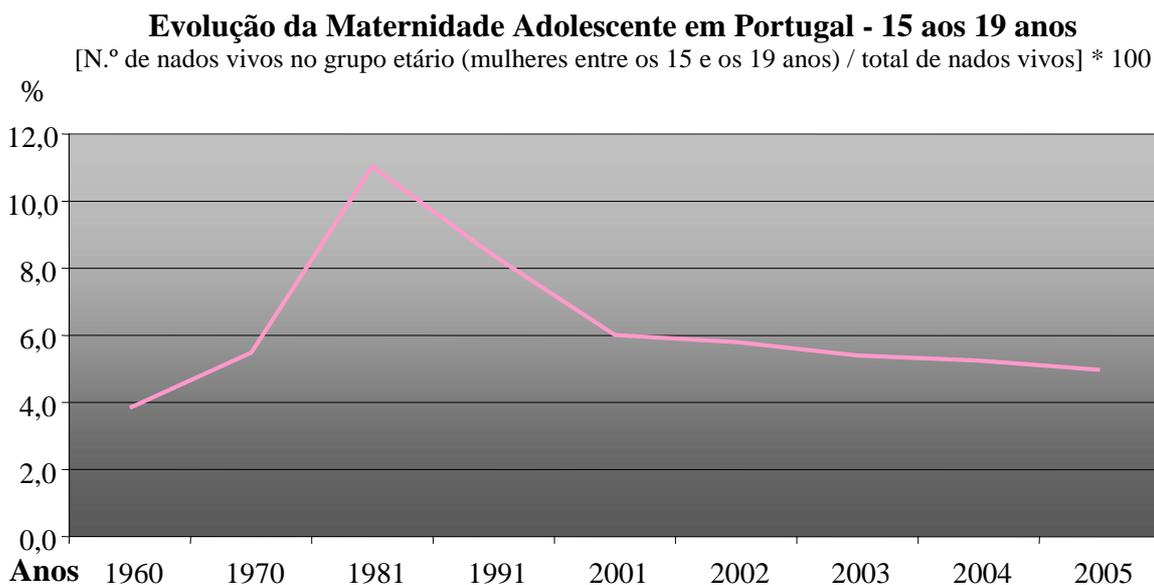
Gráfico 1.1



Fonte: Cálculos elaborados a partir das Estatísticas Demográficas do INE (Instituto Nacional de Estatística)³.

³ Fórmula: $\frac{\text{nados - vivos}_{\text{mulheres}_{12-14}}}{\sum \text{nados - vivos}} \cdot 100$ (1)

Gráfico 1.2



Fonte: Cálculos elaborados a partir das Estatísticas Demográficas do INE ⁴.

Como podemos observar através destes dois gráficos que descrevem a evolução da maternidade adolescente (por muitos apelidada de precoce⁵) em Portugal - entenda-se por maternidade adolescente o peso que esta tem no total de nados-vivos - é a partir de 1970 que se dá o aumento do número de mães adolescentes. Quer no caso das mães que têm até 14 anos, quer no das mães que têm entre 15 e 19 anos, os valores mais elevados são atingidos em 1981.

A partir da década de 80 começa-se a assistir a um decréscimo das mães adolescentes, estando os valores mais ou menos estabilizados a partir do ano de 2001. Consideramos que

⁴ Fórmula: $\frac{\text{nados-vivos}_{\text{mulheres15-19}}}{\sum \text{nados-vivos}} \cdot 100$ (2)

⁵ Pensamos que a expressão maternidade precoce é utilizada com frequência nas investigações e estudos científicos uma vez que as expectativas sociais depositadas nos adolescentes conferem à maternidade e à paternidade este estatuto. Nestes trabalhos de investigação a expressão parentalidade na adolescência é frequentemente utilizada remetendo para um retrocesso ou uma ameaça à concretização dos ideais contemporâneos associados à juventude. Contudo, esta é uma expressão que deve ser questionada, sobretudo quando analisamos os dados recolhidos. Isto porque a expressão maternidade ou paternidade precoce remete-nos para aquilo que aconteceu antes do tempo próprio. E, para alguns adolescentes, a parentalidade não é sentida dessa forma. Pelo contrário, é planeada e desejada. Por isso, rotular a maternidade ou paternidade adolescente como precoce significa que podemos estar a mascarar situações e experiências completamente distintas.

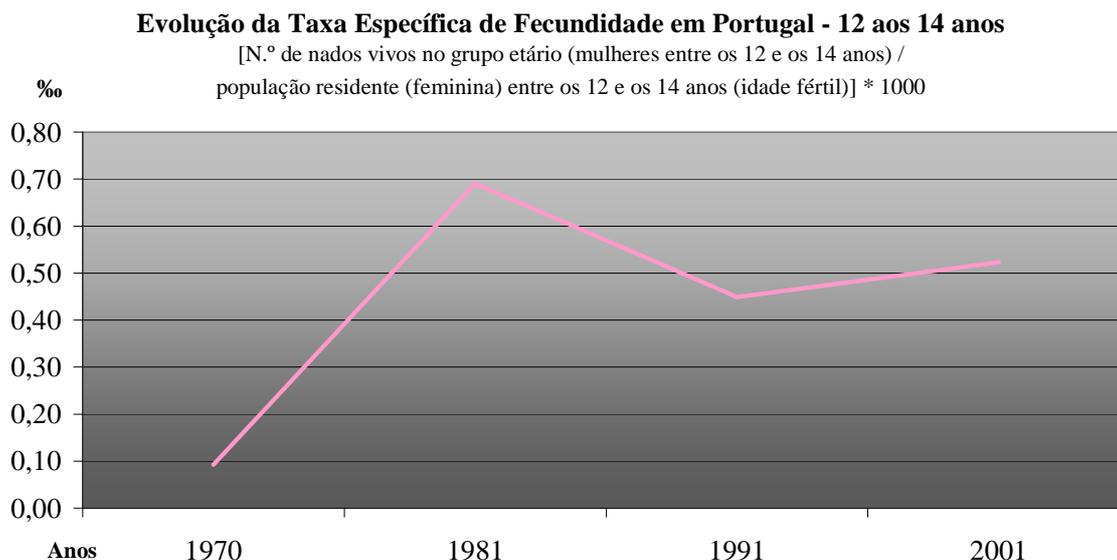
este decréscimo se deve ao progressivo acesso à contracepção⁶ e também à crescente importância do projecto escolar que decorre da democratização e da massificação escolar.

Paralelamente, assiste-se a uma queda acentuada da fecundidade (Almeida *et al*, 1995) na medida em que “*ter filhos tornou-se, para a grande maioria, em apenas algumas décadas, uma escolha afectiva e não um destino biológico a cumprir*” (Almeida *et al*, 1995, 10). Esta ênfase na escolha afectiva pode ser explicada pela difusão das práticas contraceptivas eficazes e por um processo de emancipação feminina: com a acentuada inserção das mulheres no mercado de trabalho, com expectativas de uma carreira profissional, em detrimento da expectativa do papel de doméstica, num cenário em que as mulheres estudam cada vez até mais tarde e são uma população maioritária nas universidades. A necessidade de conciliar a vida familiar com o emprego pode desencorajar a opção de ter filhos. Como refere Anália Torres (2002), independentemente da pertença social da mulher, a vida exclusivamente doméstica já não serve como referência positiva ao projecto de vida feminino.

Reportando ao último ano em que existem dados disponíveis para a maternidade na adolescência – 2005, podemos observar que no caso das mães que têm até 14 anos, em cada 100 nados-vivos, quase 1 nado-vivo resulta de uma mãe adolescente, tratando-se de um valor muito baixo e, portanto, de uma situação rara. Relativamente às mães entre os 15 e os 19 anos a situação é diferente. Com efeito, por cada 100 nados-vivos, cerca de 5 são de mães que se encontram dentro desta faixa etária, ao contrário do que acontece em 1981, em que este número ronda os 11 nados-vivos.

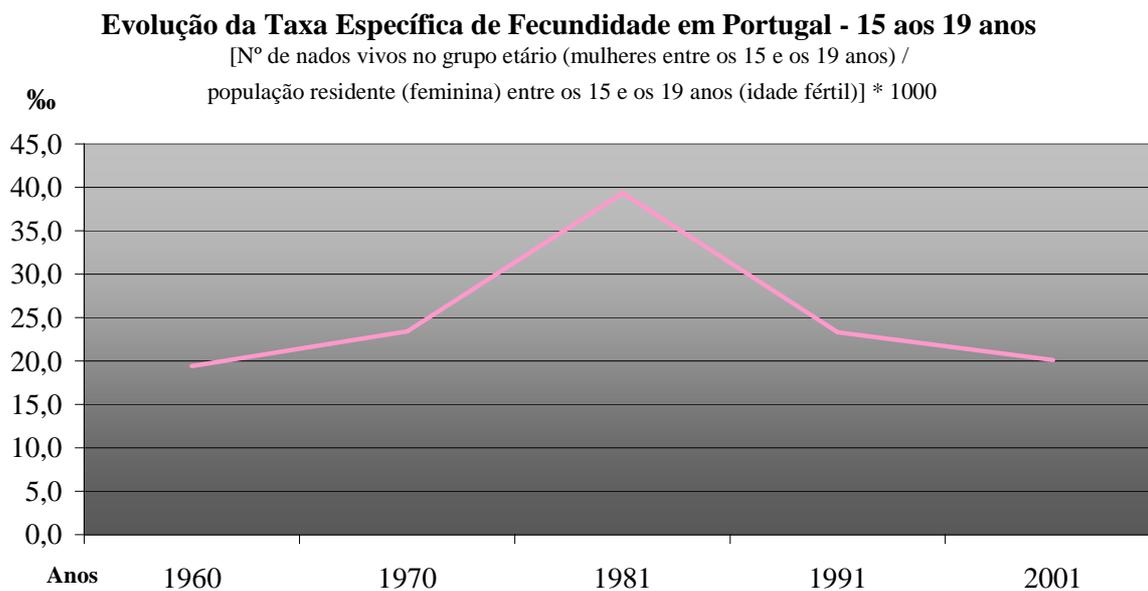
⁶ Como refere Almeida *et al* (1995), a fecundidade juvenil terá sido fortemente influenciada pelos novos valores emergentes do 25 de Abril, embora o recurso à contracepção não tenha acompanhado de forma imediata a liberalização da sexualidade.

Gráfico 1.3



Fonte: Cálculos elaborados a partir das Estatísticas Demográficas e Recenseamento Geral da População do INE ⁷.

Gráfico 1.4



Fonte: Cálculos elaborados a partir das Estatísticas Demográficas e Recenseamento Geral da População do INE ⁸.

⁷ Fórmula: $\frac{nados - vivos_{mulheres12-14}}{pop.residente_{mulheres12-14}} \cdot 1000$ (3)

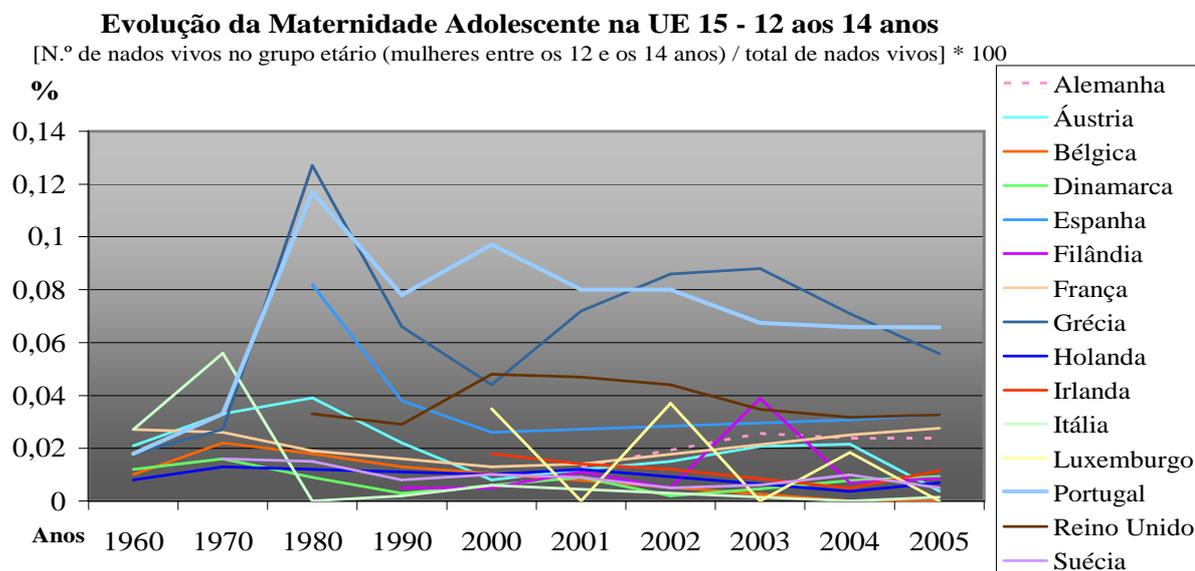
⁸ Fórmula: $\frac{nados - vivos_{mulheres15-19}}{pop.residente_{mulheres15-19}} \cdot 1000$ (4)

Relativamente aos dados observados nos gráficos de evolução da taxa específica de fecundidade na adolescência – entenda-se esta pelo peso que a maternidade adolescente tem no total de população adolescente feminina residente em território português – os valores são semelhantes aos dados observados nos gráficos relativos à evolução da maternidade adolescente. Assim, os valores mais elevados são novamente atingidos em 1981. Em 2001, no caso das adolescentes que têm até 14 anos, os valores são igualmente baixos, não chegando a ser contabilizado 1 nado-vivo por cada 1000 adolescentes. Também é de assinalar que a taxa específica de fecundidade no caso das adolescentes que têm até 14 anos apresenta valores muito baixos em 1970 mas aumenta ligeiramente entre 1991 e 2001. Esta é uma população na qual se revela importante perceber os impactos da maternidade na adolescência nos seus percursos de vida.

No que diz respeito à taxa específica de fecundidade entre os 15 e os 19 anos, o cenário é diferente. A fecundidade nesta faixa etária tem vindo a decrescer desde 1981. Em 2001, por cada 1000 adolescentes, cerca de 20 foram mães entre os 15 e os 19 anos.

O próximo passo será o de comparar a situação da maternidade adolescente em Portugal com a de outros países da União Europeia - UE15 – para uma contextualização do fenómeno mais abrangente.

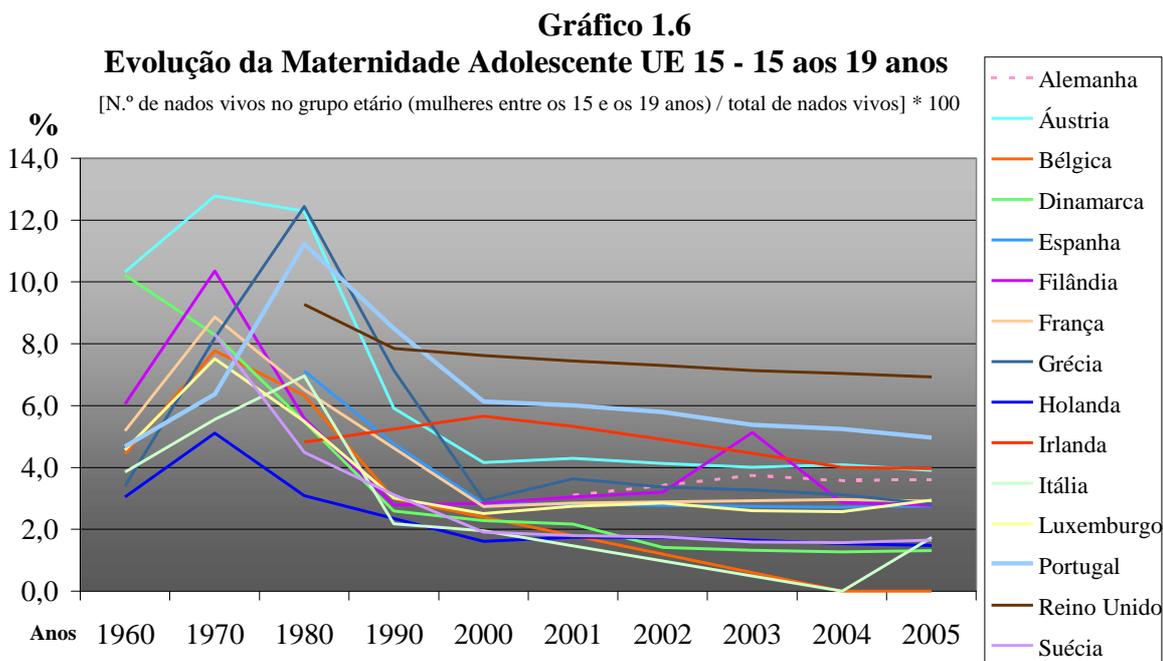
Gráfico 1.5



Fonte: Cálculos ⁹ elaborados a partir de População e Condições Sociais – Demografia – da Eurostat ¹⁰.

⁹ No gráfico as linhas descontínuas interpolam pontos de dados que representam células em branco, preenchendo os espaços com linhas de ligação.

¹⁰ Fórmula: $\frac{\text{nados - vivos}_{\text{mulheres12-14}}}{\sum \text{nados - vivos}} \cdot 100$ (5)



Fonte: Cálculos elaborados a partir de População e Condições Sociais – Demografia – da Eurostat ¹¹.

Esta comparação revela-nos que Portugal é um dos países da Europa onde a maternidade adolescente apresenta valores mais elevados.

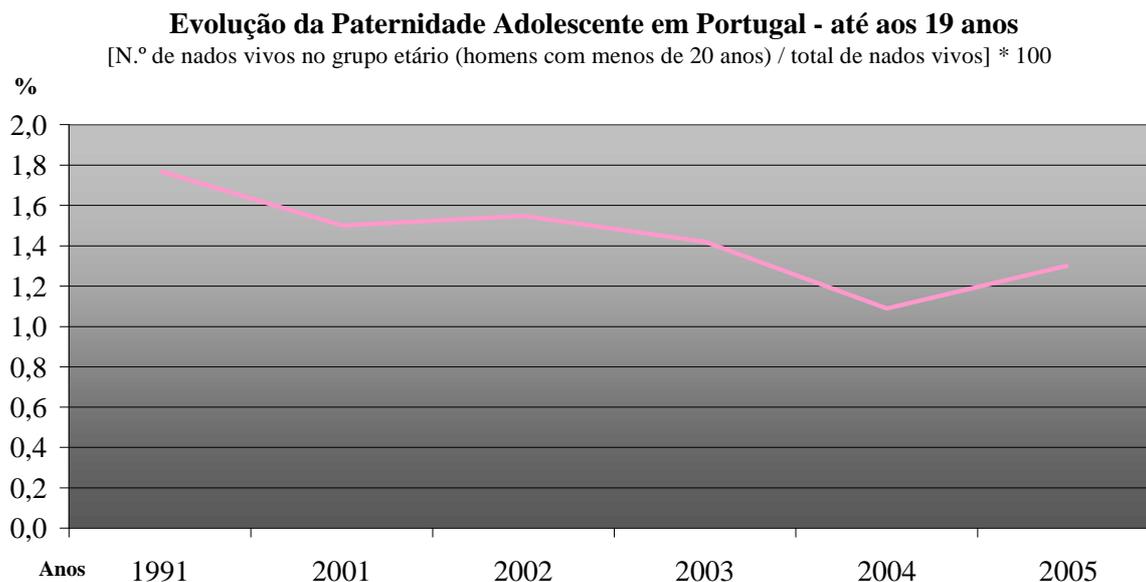
Com efeito, no caso das adolescentes que têm até 14 anos, Portugal destaca-se, juntamente com a Grécia, por ser um dos países onde a maternidade adolescente é mais elevada. Contudo, os valores são relativamente baixos – não atinge 1 nado-vivo de uma mãe adolescente por cada 100 nados-vivos. Para além disto, em quase todos os países, os valores mantêm-se relativamente estáveis, não decrescendo de forma expressiva. Os países onde a maternidade adolescente até aos 14 anos apresenta valores mais baixos são a Itália e a Bélgica.

Na maternidade ocorrida entre os 15 e os 19 anos, destaca-se o Reino Unido, logo seguido de Portugal. Em 2005, enquanto no Reino Unido, por cada 100 nados-vivos, cerca de 7 são de mães adolescentes, em Portugal este número é de 5 mães adolescentes. Mais uma vez, a Itália e a Bélgica são os países que apresentam os valores mais baixos. Outro aspecto a salientar é o da existência, em Portugal, desde 1980, de uma quebra da fecundidade na faixa etária entre os 15 e os 19 anos, quebra esta que acompanha as tendências gerais da fecundidade no país (Almeida *et al*, 1995).

¹¹ Fórmula: $\frac{\text{nados - vivos}_{\text{mulheres15-19}}}{\sum \text{nados - vivos}} \cdot 100$ (6)

A este propósito é importante referir que de acordo com um estudo da UNICEF (*in* Ferreira, 2004), a maternidade adolescente nas sociedades desenvolvidas pode ser vista como um indicador do grau de inclusão dessas sociedades: “*ela (a maternidade adolescente) é mais comum nas sociedades em que as perspectivas educacionais e profissionais das mulheres se apresentam mais limitadas e as suas responsabilidades mais confinadas à esfera doméstica*” (Ferreira, 2004, 1). Contudo, em Portugal, como refere Anália Torres (2002), a emigração e a guerra colonial dos anos 60 fazem com que as mulheres venham a assumir um papel central na organização social, ao ocuparem postos de trabalho que em outros países são ocupados por homens. Actualmente, a taxa de actividade feminina em Portugal é elevada - 62% em 2006, valor superior à média europeia (UE 15) que se situa nos 58,6% (cf. Eurostat, Emprego). Este dado indica-nos que as responsabilidades das mulheres portuguesas não se confinam à esfera doméstica. Ainda assim, a elevada incidência da maternidade adolescente em Portugal pode ser explicada através da sua apreciação genérica a fracas perspectivas profissionais (Unicef *in* Ferreira, 2004) se a entendermos como o desempenho de profissões pouco qualificadas (activos desqualificados). Também se pode explorar a capacidade explicativa da hipótese das fracas perspectivas educacionais, pois em 2006, dentro da faixa etária 25-64 anos, 29,8% das mulheres portuguesas termina o ensino secundário enquanto que a média europeia (UE 15) é de 65,1%. (Eurostat, Educação e Formação). Contudo, isto não impede que haja bolsas que destoem da média, pois em Portugal as raparigas estão mais presentes nos níveis mais avançados de escolaridade. Por exemplo, enquanto que 29,8 % das mulheres portuguesas entre os 25 e os 64 anos terminam o ensino secundário, relativamente aos homens esta percentagem decresce para 25,4%. Mas estas são pistas de investigação a explorar em futuras investigações.

Gráfico 1.7



Fonte: Cálculos elaborados a partir das Estatísticas Demográficas do INE ¹².

Finalmente, podemos observar o comportamento da paternidade adolescente em Portugal. O primeiro aspecto a salientar é o número relativamente baixo de pais adolescentes. Com efeito, sendo poucos, são difíceis de entrevistar e conhecer o percurso de vida. Este é um dos factores que permite compreender alguns dos silêncios que marcam este fenómeno, mais precisamente a invisibilidade social e científica. Enquanto em 2005, por cada 100 nados-vivos, cerca de 5 são de mães entre os 15 e os 19 anos, no que diz respeito aos pais temos cerca de 1 pai adolescente por cada 100 nados-vivos. Apesar de os dados relativos à paternidade adolescente apenas estarem disponíveis a partir de 1991, podemos observar uma ligeira tendência de decréscimo desde então.

1.3 – O estado da arte.

Em Portugal, a maternidade e a paternidade na adolescência não têm merecido suficiente atenção científica, em especial no domínio das ciências sociais. Os poucos estudos que se realizam sobre esta temática são de curto prazo e incidem sobre a gravidez ou sobre o período pós-parto, não avaliando os impactos da experiência da maternidade adolescente a médio ou longo prazo. Adoptam ainda uma perspectiva feminina, que ignora a forma como os

¹² Fórmula: $\frac{\text{nados-vivos}_{\text{homens}<20}}{\sum \text{nados-vivos}} \cdot 100$ (7)

rapazes experimentam este acontecimento (Marques e outros, 2001; Lourenço, 1998; Sim-Sim, 1997; Raposo, 2002).

Os silêncios que dão o nome a esta tese também ocorrem ao nível dos encontros científicos. Dos seminários organizados pela Associação Portuguesa de Sociologia desde 2001, na área da família, género e sexualidade, apenas num colóquio internacional a questão da parentalidade na adolescência foi abordada. No II Congresso da Associação Portuguesa de Demografia, realizado em 2004, embora a temática da maternidade adolescente tenha sido apresentada, a questão da paternidade não foi discutida.

Somente no plano internacional encontramos estudos que se debruçam sobre a forma como os rapazes experimentam a paternidade (Lyra, 1997; Trindade e Toledo, 1999; Bozon *et al*, 2002; Reis, 2004). Em Portugal, a produção de conhecimento numa perspectiva masculina é inexistente, estando por fazer uma abordagem comparativa, que cruze as perspectivas feminina e masculina. A incursão sociológica de Ana Micaela Gaspar (1997) sobre este fenómeno, é a única que questiona a forma como os rapazes experimentam este acontecimento, embora aqueles não sejam os protagonistas do estudo.

Encontra-se também por estudar de que forma a experiência de ter um filho na adolescência é inserida no projecto de vida dos adolescentes e que custos isso comporta ao nível das oportunidades, das condições e qualidade de vida futura dos adolescentes. Os estudos que se têm realizado em Portugal abordam o fenómeno a curto prazo, o que não permite saber se o percurso de vida dos adolescentes pode ser mais variado do que se pressupõe, com base nos estudos de curto prazo que descrevem um conjunto de desvantagens e perdas (APF, 2003; Almeida, 1997; Ferreira, 2004).

Um dos trabalhos que descreve as desvantagens da maternidade na adolescência é o de Pedro Moura Ferreira (2004) que refere que “*os baixos níveis de instrução alcançados (pelas mães adolescentes), não deixam adivinhar carreiras escolares promissoras*” (2004, 12). Outro trabalho que poderá ilustrar a descrição das perdas a que a maternidade adolescente pode conduzir, é o de Filomena Gerardo (2004) que defende que as mães adolescentes “*são muito mais susceptíveis de ter um maior número de experiências negativas na idade adulta do que as outras mulheres*” (2004, 4).

Para contrapor a esta perspectiva menos optimista, podemos assinalar algumas investigações, sobretudo no domínio da psicologia, que concluem que este acontecimento “*excepcional*”, (relativamente ao que é a norma nesta faixa etária) é experienciado entre

ganhos e perdas e proporciona oportunidades de crescimento e sentimentos de gratificação (Marques *et al.*, 2001; Canavarro *et al.*, 2001; Sim-Sim, 1997; Lourenço, 1998). Outros estudos, nomeadamente ao nível da sociologia, referem a maternidade como uma âncora que resgata a jovem da incerteza do seu futuro pelo menos temporariamente, como forma de criar ou reforçar vínculos sociais à família, ao pai do bebé e, sobretudo, ao filho, assumindo um papel de compensação, quando não é possível concretizar outros projectos (vg. escolares e/ou profissionais) (Gaspar e Vilar *in Pais*, 1999). A este nível, consideramos que a maternidade, entendida como uma âncora, também poderá ser sentida por mães mais velhas, não se constituindo como uma exclusividade da adolescência. Sim-Sim (1997) refere que existe uma perspectiva de investigação que defende que o processo de maternidade na adolescência não é substancialmente diferente do processo da maternidade em geral, existindo subjacente a ideia de necessidade de apoio à adolescente.

O estudo de Vilar e Gaspar (*in Pais*, 1999) demonstra que a gravidez na adolescência pode não ser acidental mas uma forma de adquirir reconhecimento social ou mesmo de avaliar a autenticidade da relação amorosa. A este propósito Le Van (2006) considera que a maternidade na adolescência pode traduzir uma vontade de testar os sentimentos do parceiro, de obter uma prova de amor, de oficializar e/ou estabilizar a relação amorosa ou de colmatar carências afectivas e, no âmbito de um percurso de vida que poderá estar à deriva, o(a) filho(a) constitui-se como um pólo afectivo que é o centro de gravidade de uma nova existência. Como sublinham Canavarro e Pereira (2001), a maternidade na adolescência pode ser perspectivada como um porto de abrigo e uma forma gratificante de dar e de receber amor, embora as autoras também refiram que pode ser usada como instrumento de agressão à família. Sim-Sim (1997) conclui que a maternidade é uma vivência experienciada entre perdas e ganhos, sendo que pode ser uma experiência gratificante e vivenciada de forma positiva se houver suporte social, sobretudo o apoio vindo da parte da avó materna do bebé. Também Isabel Soares *et al* (2001) concluem a partir do seu estudo sobre a gravidez e a maternidade na adolescência que estes fenómenos, enquanto acontecimentos de vida não normativos, não se constituem como situações de vida que despoletam desequilíbrio interno e crise para as adolescentes. Pelo contrário, constituem-se como oportunidades de crescimento adaptativo, não sendo necessariamente uma situação de risco.

No plano internacional, interessa destacar o estudo de Furstenberg (1989), que estuda os impactos da experiência deste acontecimento a longo prazo nos Estados Unidos, mais precisamente em Baltimore, concluindo que as consequências negativas, ao nível económico

e escolar, se atenuam com o tempo. Este investigador inquiriu um grupo de mães adolescentes após o nascimento dos filhos, fazendo um acompanhamento contínuo (*follow-up*) durante os cinco anos que se seguem aos nascimentos e volta a inquiri-las cerca de doze anos depois. Furstenberg (1989) constata que as mães adolescentes atingem resultados positivos em vários domínios e que os percursos de vida destas adolescentes são mais variados do que se pode pressupor inicialmente. Com efeito, a maioria das mães retoma os estudos, uma grande parte delas conclui o ensino secundário, encontrando um emprego estável. Relativamente às mães adolescentes que não conseguem estabilizar a sua vida económica e profissional (uma pequena parte das inquiridas no estudo de Furstenberg), o investigador propõe a criação de programas específicos de apoio a esta população que se encontra num processo de exclusão social.

1.4 – Classe social, género e juventude: opções de investigação.

Como vemos, não se encontram na literatura produzida em Portugal estudos que permitam conhecer a forma como os rapazes experimentam a paternidade na adolescência, o que inviabiliza comparar as perspectivas feminina e masculina. Não existem sequer pesquisas que diversifiquem os meios sociais tratados, de forma a compreender de que maneira a classe social pode configurar a experiência da parentalidade nesta fase da vida.

Um estudo realizado em três cidades brasileiras, intitulado GRAVAD (Bozon *et al*, 2002) conclui que os dados recolhidos na pesquisa sobre a gravidez na adolescência revelam o “*carácter indissociável da articulação entre classe social e género na compreensão do fenómeno da gravidez na adolescência*” (2002, 13). Este estudo conclui que nas adolescentes das chamadas classes médias a maternidade conduz a irregularidades no percurso escolar que até então se processa de forma linear. Nas adolescentes das classes populares, essa irregularidade não é consequência da maternidade adolescente (pressupomos que existe um processo de exclusão social anterior à própria maternidade). Já no que diz respeito aos rapazes, o estudo de Bozon e outros (2002) refere que os adolescentes oriundos das classes médias não interrompem os seus projectos educacionais, enquanto que os adolescentes dos grupos populares ingressam precocemente no mercado de trabalho, não sendo essa uma consequência directa da paternidade.

Com a investigação de Bozon *et al* (2002), interessa-nos também perceber se os constrangimentos de género e de classe social se podem sobrepor à ocorrência da maternidade e da paternidade na adolescência. Esta é mais uma pista de investigação a explorar.

De acordo com Vilar e Gaspar (*in* Pais, 1999), nos meios populares a maternidade é fonte potencial de maior satisfação do que nas classes favorecidas, em virtude de as primeiras mais precocemente iniciarem as suas incursões na vida adulta. As adolescentes de classes mais favorecidas podem ter mais perdas mas não vêm os seus percursos de vida muito alterados, pois contam com o apoio da família. Estes autores concluem ainda que para os adolescentes de classes mais favorecidas a paternidade parece ter consequências mais dramáticas, pois equacionam-se perdas e ganhos em termos de investimento escolar, de amizades e diversidades afectivas.

Considerando que o lazer é um elemento central no percurso de vida dos jovens, é relevante estudar a experiência da parentalidade na adolescência inserida no contexto do cumprimento dos ideais contemporâneos de juventude, associados ao prazer e ao lazer, e de que forma pode haver um comprometimento destes (v.g. diversidade de projectos afectivos), gerado por algumas formas de experimentar a parentalidade na adolescência. Nesta linha de pensamento, prosseguimos com a questão de como as diferentes formas de experimentar, valorizar e investir na parentalidade, se articulam com a percepção das eventuais perdas ao nível das sociabilidades juvenis, e de como esta percepção é configurada pelos valores e representações sociais sobre o género (simetria vs assimetria).

Nesta investigação, optamos por interpretar as questões da irregularidade no percurso de vida dos adolescentes, partindo do pressuposto que estamos perante uma geração yô-yô¹³ (Pais, 2001). Por isso, exploramos até que ponto factores como os movimentos de reversibilidade que caracterizam o percurso de vida dos jovens contemporâneos e o prolongamento da juventude como um processo de transição para a vida adulta (processo que implica uma dessincronização das etapas que marcam esta transição - fim da escola, entrada no mercado de trabalho, saída de casa dos pais e início da vida conjugal), (Pais, 2001;

¹³ Pais (2001) considera que “os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimento autênticos de vaivém: saem de casa dos pais, para um qualquer dia voltarem; abandonam os estudos, para os retomarem tempos passados; encontram um emprego, e em qualquer momento se vêem sem ele; as suas paixões são como “voos de borboleta”, sem pouso certo; se casam, não é certo que seja para toda a vida... São estes movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do yô-yô ajuda a expressar” (2001, 69). Em suma, “a geração yô-yô é uma geração dominada pelo aleatório e parece assentar numa ética de experimentação que possibilita aos jovens que a integram uma deambulação pelos mais variados estatutos profissionais, estudantis ou conjugais – tornando possível o movimento yô-yô.” (2001, 75).

Galland, 1997), contribuem para que a eventual interrupção da carreira escolar-profissional seja apenas transitória e não assuma um carácter definitivo.

Consideramos importante explorar a capacidade explicativa deste modelo experiencial de prolongamento da juventude como redutor de interrupções permanentes em determinadas esferas da vida do adolescente, em especial no domínio dos estudos e da entrada no mercado de trabalho, embora a adequação e a capacidade explicativa deste modelo em meios sociais mais desfavorecidos, onde a transição para a vida adulta ocorre de forma linear, não deva ser muito expressiva. Com efeito, *“é conhecido o facto de nos meios sociais mais carenciados, a população jovem seguir trajectórias escolares mais curtas e conhecer inserções profissionais e passagens para a conjugalidade mais cedo do que os jovens da mesma idade pertencentes a outros meios sociais”* (Ferreira, 2004, 14). De acordo com Galland (1997), nos meios tradicionais a transição para a vida adulta faz-se de uma forma mais rápida, ocorrendo simultaneidade das etapas descritas anteriormente.

Em algumas situações, a maternidade é para muitas adolescentes um passaporte para o estatuto de adulto, consumado precocemente através da conjugalidade e da parentalidade (Ferreira, 2004), observando-se um processo de emancipação social e familiar. Com efeito, *“a maternidade pode surgir, muitas vezes, como um apelo à família para a sua valorização pessoal e a uma emancipação no seu contexto social e cultural”* (Gerardo, 2004, 3). Neste sentido, esboçamos a hipótese de que em algumas situações, quer de adolescentes oriundas de classes mais favorecidas, quer de adolescentes com uma pertença social desfavorecida, a maternidade pode surgir como um desejo de uma emancipação do seu contexto familiar, para adquirir um novo estatuto – o de mãe e o de adulto. Com efeito, a gravidez na adolescência pode ser desejada ou mesmo planeada. Como propõem Vilar e Gaspar (*in* Pais, 1999), em algumas situações a gravidez pode ter sido acidental mas torna-se desejada (processo de auto-assimilação da gravidez), ao passo que em outras situações pode efectivamente ter sido planeada ou ser uma antecipação a esse planeamento, motivada pela mudança de estatuto social.

Contudo, o prolongamento da juventude tem vindo a retardar os processos de emancipação social e familiar dos adolescentes, conduzindo a que nem a maternidade, nem a paternidade adolescentes, impulsionem necessariamente à constituição de uma nova unidade doméstica. Como sublinha Bozon (2001), uma parte expressiva dos adolescentes que são pais e mães na adolescência ainda se encontram sob a dependência afectiva e económica das suas famílias de origem.

Posto isto, esboçamos a hipótese de que existe uma tendência para que quanto mais favorecida for a origem social dos adolescentes, menos interrupções estes têm nos seus percursos de vida escolar e profissional, na medida em que existe um suporte social – a família – com recursos económicos e afectivos que neste âmbito pode, à semelhança do que propõe a pesquisa GRAVAD (Bozon *et al*, 2002, 34), evitar a suspensão dos estudos e a aceleração do ingresso no mercado de trabalho, diminuindo o impacto que o exercício da maternidade e da paternidade pode causar no percurso de vida dos adolescentes. Um estudo desenvolvido pelo Instituto Allan Guttmacher (*in* APF, 2003) conclui que no grupo de mães adolescentes que vivem com os pais, são mais elevadas as percentagens de permanência na escola e de conclusão do ensino superior, comparativamente às mães adolescentes que vivem sozinhas.

Contudo, temos necessidade de explicar a hipótese de que adolescentes com a mesma pertença social e de género experimentem percursos de vida completamente diferentes. Perante esta possibilidade, usamos a proposta de Lahire, que sublinha que o indivíduo é plural e que combina no seu corpo múltiplas experiências socializadoras. O “Homem Plural” é guiado por diferentes tipos e graus de disposições que são adquiridas e accionadas em diferentes contextos e em distintos momentos da biografia do indivíduo. Lahire defende a existência de um mecanismo de inibição - suspensão / activação – e operacionalização de disposições, sendo que o indivíduo plural é multissocializado e esta socialização heterogénea dá origem a disposições para agir e para crer heterogéneas e, muitas vezes, aparentemente contraditórias. As disposições têm graus de constituição e de reforço, que remetem para o tempo e para o número de contextos onde estas são constituídas (aprendidas) e confirmadas (sobre-aprendidas), ou seja, remetem para “*a frequência e a intensidade do treino seguido, distinguindo assim as disposições fracas [...] das disposições fortes*” (2005, 17). Assim sendo, “*quanto mais a socialização (ou seja, a instalação corporal dos hábitos) tiver sido precoce, regular e intensa*” (Lahire, 2005, 20), mais forte é uma disposição. Contudo, uma disposição mais fraca pode ter um contexto que a actualize e, nesse sentido, pode ser accionada. Um aspecto interessante da proposta de Lahire é a da defesa de que “*certas disposições constituídas podem enfraquecer ou apagar-se pelo facto de não encontrarem condições para a sua actualização, e às vezes mesmo pelo facto de encontrarem condições de repressão*” (2005, 21).

Esta proposta apresenta-se-nos com uma inovação e uma reformulação que ultrapassa alguns dos problemas teóricos das propostas de Bourdieu (2002), nomeadamente de haver um

único sistema homogéneo e individual de disposições e de existir um *habitus* de classe, comum aos membros, que homogeneíza os indivíduos num todo. Podemos concluir que a classe social pode ser um factor configurador de diferentes formas de experimentar a parentalidade mas não é um factor que homogeneíze estas vivências dentro de cada classe social. Com efeito, dentro da mesma classe social também podem existir diferentes formas de experimentar e de entrar na parentalidade, uma vez que o indivíduo é multissocializado. Com esta proposta, procuramos ultrapassar algum do determinismo social que pode ter ficado presente ao esboçar como hipótese de investigação, a pertença de classe, para explicar as diferentes formas de experimentar a parentalidade.

Neste trabalho exploramos ainda a hipótese de que os percursos escolares e profissionais dos pais são mais preservados do que os das mães, na medida em que do ponto de vista social (sobretudo nas classes mais desfavorecidas, onde a assimetria de género pode ser mais acentuada) compete à mãe os cuidados e o acompanhamento dos filhos nas tarefas do quotidiano e por isso tem um maior impacto no seu percurso de vida. As consequências para o pai dependem em grande medida do grau de envolvimento deste.

Globalmente, consideramos que a abordagem proposta nesta investigação permite a desconstrução de alguns estereótipos existentes no domínio social e até mesmo científico, que associam a experiência do fenómeno da parentalidade na adolescência, catalogado como indesejado, aos processos de reprodução da pobreza, de interrupção dos estudos e de entrada precoce (com qualificações precárias) no mercado de trabalho.

No caso das famílias de adolescentes oriundos de meios populares, a paternidade implica o desempenho de um papel reconhecido socialmente - trabalhar para sustentar os filhos. Trata-se de um bastião de identidade que se ergue, já que os restantes capitais (económicos, escolares e culturais) são reduzidos (Vilar e Gaspar *in* Pais, 1999). Em contrapartida, para os adolescentes de classes superiores, a paternidade pode ser um acontecimento sentido de forma mais dramática, pois pode colocar algumas restrições às liberdades de escolha, às diversidades afectivas e ao investimento escolar. Contudo, independentemente da pertença social, os projectos afectivos, que Vilar e Gaspar (*in* Pais, 1999) designam por “namoro de curtição”, integrados num tipo de relação hedonista, podem ficar limitados se a atitude do jovem for de comprometimento.

Em Espanha, o estudo de Rodríguez-Spiteri (1994) constrói uma tipologia de comportamentos dos pais adolescentes perante a gravidez: a) comprometida – em que o

adolescente tem uma relação estável e assume um compromisso, de delegação de responsabilidades na companhia ou de participação activa; b) responsabilidade legal – em que a paternidade apenas é reconhecida legalmente; c) irresponsável – quando o adolescente desaparece, às vezes mesmo antes da gravidez chegar ao fim, pois a impossibilidade de “carregar” o bebé facilita este alheamento.

Entendemos que o comportamento do adolescente está fortemente relacionado com a educação familiar que em muitos casos tende a enfatizar a responsabilidade feminina na contraceção e no cuidado com os filhos, fazendo com que muitos pais se julguem livres de responsabilidades maiores. Mesmo que esta questão não seja verbalizada pela família no momento da notícia da gravidez, a interiorização de valores transmitidos pela socialização comanda as atitudes e o comportamento do adolescente.

Deste modelo cultural de masculinidade podem decorrer muitos alheamentos que, na tipologia de Rodríguez-Spiteri (1994), correspondem a comportamentos de responsabilidade legal ou de irresponsabilidade.

No caso da maternidade na adolescência, apesar de uma primeira reacção negativa dos pais (avós maternos do bebé), decorre quase de seguida um processo de adaptação à nova situação, encarando-a positivamente, sendo que muitas vezes o nascimento de um bebé pode funcionar como um motor de aproximação da família (Vilar e Gaspar *in* Pais, 1999). Este processo de adaptabilidade tem que ver com um forte sentimento positivo da maternidade no imaginário social. A rejeição inicial da família¹⁴ está relacionada com dois aspectos: em primeiro lugar, e como já foi referido anteriormente, trata-se de um desvio em relação à norma; e em seguida, o facto de a provável precariedade da relação amorosa da adolescente poder provocar algum receio pelo bem-estar emocional da criança.

Em relação à sexualidade dos pais e mães adolescentes, consideramos importante abordar duas questões: os significados do início da vida sexual e a utilização de métodos contraceptivos.

O início da vida sexual tem para rapazes e raparigas significados sociais completamente diferentes. Se, para o rapaz, é sinónimo de virilidade, a rapariga, pelo

¹⁴ Os espanhóis usam o termo “embarazo” para designar a gravidez e não deixa de ser uma expressão que ilustra bem as dificuldades dos adolescentes, das famílias e dos círculos sociais envolventes em lidar com o inesperado (cf. Rodríguez-Spiteri, 1994 e Vilar e Gaspar *in* Pais, 1999).

contrário, perde a virgindade. E, portanto, se perde é porque este é um valor tradicional a preservar (Vilar e Gaspar *in Pais*, 1999), o que é revelador da acentuada diferença de género.

Relativamente à utilização de métodos contraceptivos e de acordo com o estudo de Vilar e Gaspar (*in Pais*, 1999), muitas das mães adolescentes não tomam a pílula, pois o seu uso está associado a relações estáveis, apesar de este ser talvez o melhor método para experimentar uma sexualidade separada da reprodução, ou seja, uma sexualidade hedonista que vive do prazer. Contudo, é uma sexualidade que não é legitimada pela família, levando a que muitas vezes seja vivida com um sentimento de culpa.

O preservativo, apesar de protector das IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e em particular do VIH (Vírus da Imunodeficiência Humana), não é usado com frequência pelas mães adolescentes, pois é conotado com a perda de prazer. Outras vezes, o preservativo não é simplesmente utilizado correctamente (Vilar e Gaspar *in Pais*, 1999).

Finalmente, o coito interrompido, apesar de ser um método que exige sacrifício do prazer sexual é o mais utilizado pelas mães adolescentes entrevistadas no estudo de Vilar e Gaspar (*in Pais*, 1999). A sua utilização pode ter a ver com o facto de as relações eróticas, no âmbito de uma relação de namoro adolescente, serem na maior parte das vezes ocasionais e imprevistas.

Consideramos que este mau uso ou o uso inexistente de métodos de contracepção, está relacionado com a educação familiar, pois no seio desta instância, as questões relacionadas com a sexualidade não são, pelos menos numa grande parte dos casos, abordadas. Com efeito, são objecto de silêncios e omissões. O discurso do “tem cuidado” impera nas famílias, reflectindo o papel desempenhado pela igreja católica ao nível da introdução de valores como o pudor e o sexo com o único objectivo da reprodução, excluindo assim o prazer desta dimensão da vida, pelo menos para as mulheres. De acordo com Vilar e Gaspar (*in Pais*, 1999) também estes pais foram socializados nestes silêncios e reproduzem assim os riscos que estes comportam.

1.5 – Hipóteses e modelo de análise.

Esta investigação parte do pressuposto de que a parentalidade na adolescência não é vivida da mesma forma por todos os pais e mães adolescentes. Pensamos encontrar no material empírico recolhido tendências para o exercício da parentalidade que irão diferir em função da classe social e do género.

Posto isto, enumeraremos, de forma sintética, as hipóteses de investigação que guiam este trabalho.

Hipóteses:

1. A parentalidade na adolescência é vivida de forma diferente pelos pais e pelas mães;

1.1 As sociabilidades juvenis e os percursos escolares e profissionais dos pais são mais preservados do que os das mães;

1.2 As consequências do exercício da parentalidade para o pai dependem em grande medida do grau de envolvimento deste, enquanto que para as mães adolescentes, quer pelo facto de “carregarem” o bebé no ventre, quer por socialmente se atribuir à mulher a responsabilidade de cuidar do filho, as consequências são mais marcantes e evidentes;

2. A parentalidade na adolescência é vivida de forma diferente consoante o meio social de origem.

2.1 A parentalidade desejada ocorre com maior frequência nas classes sociais mais desfavorecidas;

2.2 Existe uma tendência para que a parentalidade adolescente que ocorre nas classes sociais mais favorecidas seja acidental e indesejada, embora se suceda, quase sempre, um processo de adaptação que a torna desejada (processo de auto-assimilação da gravidez);

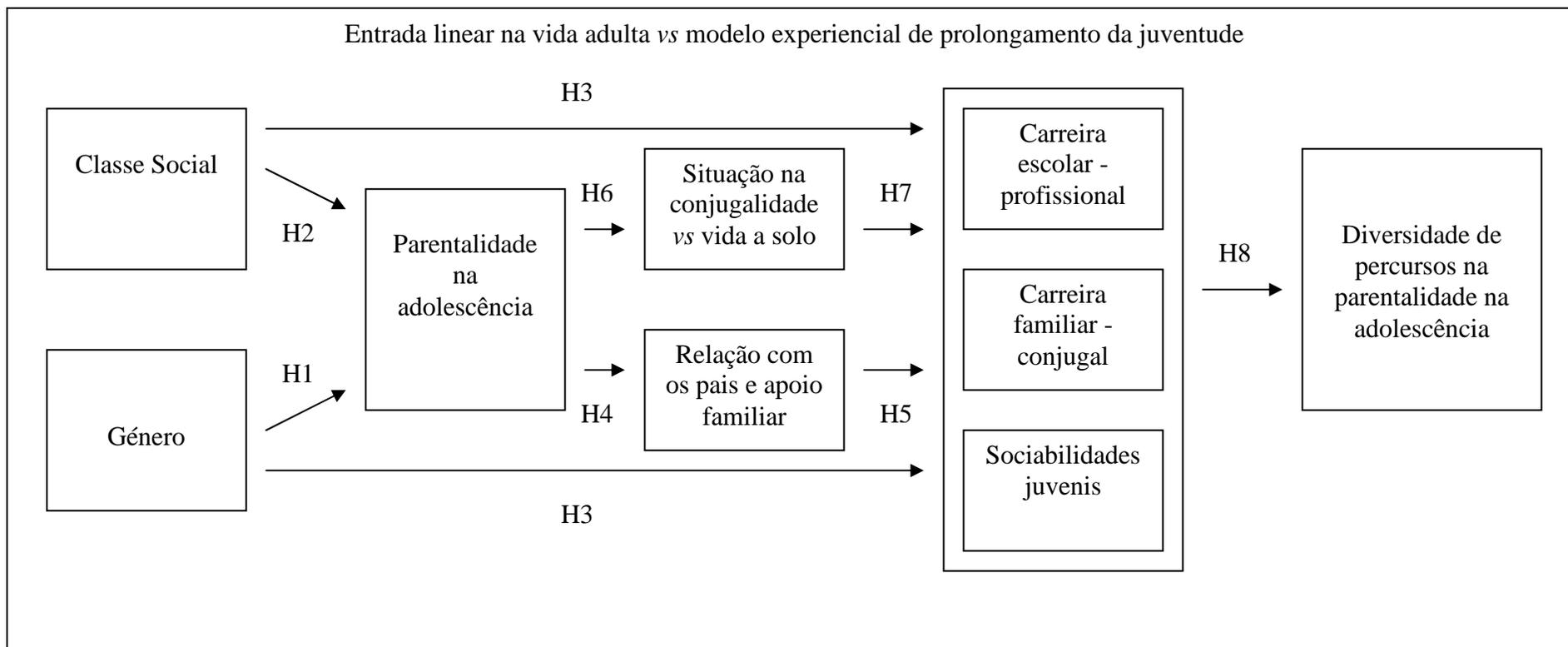
2.3 Existe uma tendência para que quanto mais favorecida for a origem social dos adolescentes, menos interrupções estes têm nos seus percursos de vida escolar e profissional, bem como nas suas sociabilidades;

3. Os constrangimentos de classe social e de género podem-se sobrepor ao impacto da parentalidade no percurso de vida dos adolescentes, sobretudo nas classes sociais mais desfavorecidas, onde a pertença a este meio pode provocar uma inserção precoce no mercado de trabalho, com níveis baixos de escolaridade;

4. A relação dos progenitores com a gravidez assenta, em primeira instância, numa relação com os pais e numa re-negociação de papéis na família, pois o adolescente desempenha papéis sociais diferenciados como filho/a *vs* pai/mãe (posição na família) ou como jovem *vs* adulto que agora poderá aceder a um novo estatuto.

5. O apoio familiar (económico, afectivo e nos cuidados à criança) que os pais dos progenitores estão ou não disponíveis/em condições para conceder, condiciona a forma como a carreira escolar-profissional, a carreira familiar-conjugal e as sociabilidades juvenis são vividas pelos progenitores.
6. A parentalidade na adolescência pode conduzir a um processo de emancipação familiar que se traduz na celebração do casamento, na coabitação ou num percurso de vida a solo, marcado pela decisão de viver sozinho(a).
7. Existe uma tendência para que a situação na conjugalidade (casamento ou coabitação) ou a decisão de viver sozinho(a) atrase ou interrompa os projectos escolares, condicionando os projectos profissionais e limitando as sociabilidades juvenis.
8. Não existe uma forma única de experimentar a parentalidade, necessariamente problemática e negativa, mas diversos percursos de parentalidade na adolescência.

Figura 1.1 – Modelo de análise: Diversidade de percursos da parentalidade na adolescência.



CAPÍTULO 2 – NOTAS METODOLÓGICAS

2.1 - Objecto empírico.

Antes de mais, é importante realçar que o conceito de adolescência é tratado nesta investigação como um subconjunto da juventude, entendida sobretudo como uma condição social. Minimiza-se a centralidade do critério da idade (biológico), para incluir critérios sociais como a frequência da escola, a situação perante o trabalho ou a forma de ocupação dos tempos livres.

Porque pensamos ser um contributo positivo para a pesquisa circunscrever a amostra, estabelecemos um limite etário para a mesma. Entendemos por mãe/pai adolescente uma rapariga ou rapaz que inicia a parentalidade até aos 19 anos. Esta é a idade convencionalmente definida (v.g. Organização Mundial de Saúde) como limite da maternidade adolescente e permite-nos comparações com outros estudos realizados e com as estatísticas sobre esta temática. Embora a idade biológica não seja um critério de circunscrição da adolescência, usamos este limite de idade por razões práticas (Sim-Sim, 1997).

Este é um estudo de natureza exploratória, considerando a escassez de investigações sobre esta temática, que incide, sobretudo, nos distritos de Setúbal e de Lisboa. Contudo, por razões de diversificação do meio social de origem dos entrevistados, realizámos duas entrevistas no distrito de Beja e entrevistámos um jovem oriundo do Arquipélago dos Açores¹⁵.

A escolha dos distritos de Setúbal e de Lisboa está assim relacionada com dois aspectos. Por um lado, trata-se de distritos onde não são raras as situações de maternidade e

¹⁵ Podemos caracterizar a incidência do fenómeno da maternidade e da paternidade na adolescência nos territórios alvo da pesquisa da seguinte forma:

a) Relativamente à maternidade que ocorre entre os 12 e os 14 anos, entre 1960 e 1981, os distritos de Beja e de Setúbal apresentam as mais altas taxas de incidência deste fenómeno, só ultrapassadas pelo distrito de Faro. Neste mesmo período, o distrito de Lisboa aparece em sexto lugar, num total de vinte distritos. Entre 1991 e 2005, apesar da tendência generalizada de decréscimo, o Baixo Alentejo (onde se integra o distrito de Beja) apresenta uma das mais altas taxas de maternidade na adolescência, enquanto que a Península de Setúbal e a região da Grande Lisboa se encontram a meio da tabela, apresentando valores ligeiramente acima dos observados para Portugal;

b) No que diz respeito à maternidade ocorrida entre os 15 e os 19 anos, entre 1960 e 1981, o distrito de Beja é o que apresenta a mais alta taxa de maternidade nesta faixa etária. Os distritos de Lisboa e de Setúbal encontram-se, mais uma vez, a meio da tabela, apresentando valores próximos dos observados para o país. Entre 1991 e 2005, o Baixo Alentejo é a região com a terceira mais alta taxa de maternidade entre os 15 e os 19 anos. A Península de Setúbal e a Grande Lisboa encontram-se a meio da tabela, ligeiramente abaixo dos valores observados para o país;

c) Finalmente, em relação à paternidade ocorrida até aos 19 anos, entre 1991 e 2005, o Alentejo apresenta a segunda mais alta taxa de paternidade nesta faixa etária, logo seguido pelo Arquipélago dos Açores. A região de Lisboa e Vale do Tejo encontra-se a meio da tabela, próxima dos valores para o país.

de paternidade na adolescência; por outro lado, as condições de eficácia que se apresentam à partida, devido à rede de contactos da investigadora, levam à escolha desta área geográfica.

Este último aspecto parece-nos de extrema importância, em virtude de considerarmos que esta rede de contactos nos conduz a populações raras e “ocultas” nos trabalhos realizados sobre a temática da parentalidade na adolescência. Estamos a referir-nos a pais e mães adolescentes de classes favorecidas. Alguns dos estudos realizados (Gaspar, 1997; Trindade e Toledo, 1999) descrevem a resistência dos pais adolescentes em acederem à concessão de uma entrevista. Esta questão, a par da menor quantidade de pais, por comparação às mães na mesma situação (normalmente os parceiros são um pouco mais velhos que as raparigas), conduz a que a rede de contactos que dá origem às entrevistas não seja um dado negativo, como pode ser pensado logo à partida pelo facto de poder ser um elemento que não facilita a distância do olhar sociológico. Trata-se, assim, de uma vantagem capaz de desbloquear algumas resistências dentro do tempo, sempre limitado, de realização de uma tese de mestrado. E, com efeito, percebemos que a concessão de algumas entrevistas se deve à relação de proximidade que os entrevistados têm com as pessoas que indicam os seus contactos à investigadora.

A opção foi, portanto, por um meio com níveis de fecundidade relativamente elevados no grupo etário dos adolescentes até aos 19 anos e onde exista alguma diversidade cultural.

2.2 - Estratégia metodológica.

Para concretizar os objectivos atrás definidos, entendemos que uma metodologia qualitativa de natureza etnográfica é capaz de nos ajudar nesta árdua tarefa que implica conhecer o percurso e os contextos de vida das mães e dos pais adolescentes. O método permite a abertura à novidade, pela sua flexibilidade e indução.

Adoptamos o quotidiano como a perspectiva metodológica de uma pesquisa que consiste em olhar a sociedade pelo ponto de vista dos indivíduos e, portanto, entendemo-la como a alavanca do nosso conhecimento (Pais, 2002). São os detalhes da vida social que nos ajudam a conhecer, descrever e interpretar a parentalidade na adolescência.

No presente caso, pretende-se que a construção de um quadro teórico seja apenas uma das etapas desta investigação, a par de outras, todas decisivas e alvo de uma construção e de redefinição constantes. Esta estratégia permite que a observação não fique condicionada (ou pelo menos assim se pretende) a um quadro teórico pré – definido. Com isto não queremos

que haja um alheamento em relação à teoria, pelo contrário, esta orienta a nossa viagem, apenas não pretendemos que a teoria limite a observação.

Efectivamente, sendo o objecto de estudo da sociologia um objecto “falante” e autónomo, consideramos de extrema importância a função de guia exercida pela teoria que contribui para que tenhamos, enquanto investigadores, uma atitude de permanente vigilância, equacionando sempre a influência da posição social e dos (pré) conceitos, por forma a que o investigador se mantenha no caminho da ruptura com o senso comum e aposte no desenvolvimento da ciência enquanto actividade cognitiva – conhecer por conhecer.

2.3 – Recorte da amostra.

A constituição da amostra tem como objectivo a busca da diversidade de formas de experimentar a parentalidade na adolescência.

Entrevistamos jovens que foram pais na adolescência (até aos 19 anos) e que, no momento de aplicação das entrevistas, não têm mais de 30 anos, sendo pais há pelo menos um ano. Consideramos que este limite etário de 30 anos, quando se é pai/mãe até aos 19 anos, estabelece um intervalo de tempo, que permite conhecer e compreender os impactos da parentalidade no percurso de vida dos jovens. Em relação à situação em que entrevistamos os dois progenitores, é fundamental que um deles tenha sido pai/mãe na adolescência e que o outro progenitor não o tenha sido com mais de 24 anos.

Como não existe informação disponível que caracterize socialmente estes adolescentes não é possível uma amostra estatisticamente representativa do universo de pais e de mães adolescentes residentes nos distritos alvo da pesquisa. Contudo, não pretendemos chegar a resultados representativos da realidade nestes territórios, pretendemos apenas levantar pistas de investigação e hipóteses de trabalho.

Por isso, e dentro do objectivo atrás traçado, procuramos, recorrendo à técnica “bola de neve”, obter contactos através na nossa rede de conhecimentos. Foi nossa preocupação ter várias “portas de entrada” nesta amostra não-probabilística para que a diversidade em termos de classe social e de género fosse alcançada. A técnica de amostragem escolhida permite uma abordagem a populações raras e “ocultas”, embora os indivíduos mais cooperantes e com uma rede de conhecimentos mais alargada, possam estar sobre-representados na amostra (Hechkathorn *in* Monteiro, 2005, 153). Neste caso, a população que tem estado oculta nos

estudos realizados sobre a parentalidade na adolescência são as adolescentes de meios sociais favorecidos e os pais adolescentes em geral.

Contudo, esta “bola de neve” procura ter alguma orientação e não rolar ao acaso. Para isso, definimos um conjunto de critérios que procuram captar a pluralidade de situações que podem ser vividas. Construimos assim, uma amostra “útil” em que a escolha das unidades de observação foi feita segundo determinados critérios úteis à investigação (Patton *in* Maxwell, Joseph A., 2005, 88). Entrevistamos jovens de diferentes meios sociais, satisfazendo os seguintes critérios de selecção/ diversificação da amostra: a) adultos responsáveis pela criança (os dois progenitores ou um destes; os avós, mantendo algum tipo de relação com um dos progenitores); b) relação entre os progenitores (coabitação; casamento; namoro; separação); c) relação dos progenitores com a criança (apoio económico, afectivo, nos assuntos relacionados com a saúde, nos cuidados físicos do bebé, abandono).

Em termos de caracterização dos nossos entrevistados podemos apresentar alguns dados relativos à sua classe social, género, nível de escolaridade e situação na conjugalidade.

Quadro 1.1 – Caracterização dos entrevistados segundo a classe social¹⁶

Classe social	Mulheres	Homens
1 - Empresários, dirigentes e profissionais liberais	2	0
2- Profissionais técnicos e de enquadramento	4	2
3- Empregados executantes	3	3
4 - Operários	2	1
5 - Assalariados executantes pluriactivos	2	1
Total	13	7

Quadro 1.2 – Caracterização dos entrevistados segundo o nível de escolaridade

Nível de escolaridade	Mulheres	Homens
1 - Ensino Básico – 2.º ou 3.º ciclo	4	3
2- Ensino Secundário (concluído ou frequência)	5	3
3- Frequência de universidade	1	1
4- Licenciatura	3	0

Quadro 1.3 – Caracterização dos entrevistados segundo a situação na conjugalidade

Situação na conjugalidade	Mulheres	Homens
1 - Casado(a) / Coabitação	5	2
2- Divorciado(a) / Separado(a)	0	0
3- Solteiro(a) – a namorar	5	3
4- Solteiro(a) – a solo	3	2

¹⁶ Utiliza-se a classe social de origem nos casos em que o(a) entrevistado(a) ainda não desempenha uma profissão e está dependente financeiramente da família de origem ou de uma instituição de apoio social.

2.4 – Técnicas de recolha de informação: entrevistas semi-directivas e observação simples.

Recorremos a procedimentos sociológicos no quadro de uma estratégia de investigação de tipo intensivo qualitativo que permitem captar a variedade de formas de experimentar a parentalidade, através das seguintes técnicas de recolha de informação: a) observação simples, de modo exploratório, como forma de captar e descrever os ambientes e contextos onde os jovens entrevistados se movimentam; b) entrevistas em profundidade, onde se pretende conhecer mais detalhadamente que significados os jovens atribuem à parentalidade e como a experimentam.

As entrevistas realizaram-se na casa dos entrevistados, com excepção dos três jovens que estavam integrados numa instituição de apoio a mães adolescentes. Esta escolha tem por base dois objectivos: por um lado, realizar as entrevistas em casa permite que estas decorram num local tranquilo, onde o entrevistado se sinta confortável; por outro lado, desta forma é possível conhecer o ambiente e o contexto onde os entrevistados se movimentam. Após estas visitas, no mesmo dia ou no dia a seguir, escrevemos uma pequena biografia dos entrevistados, bem como um diário de investigação que descreve: as peculiaridades; a forma, dimensão e organização do espaço; a localização e uso de objectos; a roupa, as expressões corporais e faciais dos entrevistados; a acção.

Nas entrevistas aos pais e mães adolescentes, recorre-se à aplicação de entrevistas semi-directivas. Trata-se de uma técnica em que “*o entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reacções por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá introduzir são deixadas ao seu critério (do entrevistador), sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista*” (Ghiglione e Matalon, 2001, 70). É uma técnica relativamente flexível e que permite alguma liberdade ao entrevistado, embora lhe seja imposto um quadro de referência. Quer o discurso do entrevistado, quer a relação entrevistador-entrevistado podem beneficiar da flexibilidade desta técnica.

O corpo empírico desta investigação é constituído por vinte entrevistas realizadas entre 1 de Março de 2006 e 9 de Agosto de 2007. A entrevista mais longa tem uma duração aproximada de duas horas e a mais curta de cerca trinta minutos. Em média, cada entrevista tem a duração de uma hora. Para além deste período, entre Janeiro e Fevereiro de 2006, realizámos três entrevistas de pré-teste a dois rapazes e a uma rapariga, pais na adolescência, no sentido de perceber potenciais ajustes, quer na linguagem, quer na colocação e organização

das perguntas. O guião de recolha de informação sofre, desta forma, várias alterações até chegar à versão final aplicada.

A realização das entrevistas dura cerca de um ano e meio, em virtude da enorme dificuldade em cumprir os critérios de selecção e de diversificação da amostra. É especialmente difícil encontrar adolescentes que tenham sido pais até aos 19 anos. É igualmente complicado encontrar progenitores oriundos de meios sociais mais favorecidos. É um processo moroso e que implica recorrer a todos os contactos pessoais e profissionais¹⁷.

Na tentativa de ganhar a confiança dos entrevistados, optámos por entregar, antes de cada entrevista, uma declaração emitida pelo ISCTE, comprovando que estamos a desenvolver uma tese de mestrado sobre a temática da parentalidade na adolescência e que os dados recolhidos estão circunscritos às normas éticas da confidencialidade e anonimato dos entrevistados. Entregamos também uma declaração de consentimento informado, redigida pela investigadora, onde, para além de se descrever os objectivos do estudo, se explicam as condições em que a entrevista deve decorrer. No final da entrevista, solicitamos a cada entrevistado que assine uma declaração comprovando que tem conhecimento das normas de concessão da entrevista e que a concede efectivamente (cf. anexo II). Esta é a forma encontrada de promover um comprometimento mútuo entre entrevistador e entrevistado.

É nossa preocupação, antes do início de cada entrevista, falar um pouco com os entrevistados, no sentido de criar uma relação de empatia, de confiança e intimidade que possa beneficiar a entrevista. Iniciamos com um conjunto de perguntas de caracterização social (cf. anexo I) no sentido de quebrar o gelo e de nos familiarizarmos com a linguagem e com o capital verbal de cada entrevistado. Este primeiro bloco de perguntas traduz-se numa primeira dimensão da entrevista que se consubstancia nos atributos sociais, traduzidos em indicadores como a pertença étnica, de género, e de classe, onde se cruzam a escolaridade e a profissão da família de origem e do próprio.

Após este primeiro bloco de perguntas de caracterização, colocamos uma questão aberta – “Foi mãe / pai aos ... anos. Conte lá como foi.” – no sentido de dar liberdade aos entrevistados para falarem do que querem, sem adoptar uma postura impositiva, nem

¹⁷ Pode-se pensar que é mais fácil encontrar progenitores adolescentes, através dos centros de saúde e maternidades porque estas instituições têm um contacto privilegiado com as recém mães adolescentes. Contudo, esta hipótese não é viável, pois, por um lado, um dos critérios de selecção da amostra é o de ser pai ou mãe há pelo menos um ano e as instituições perdem o contacto com os progenitores após algum tempo e, por outro lado, o sigilo a que estão obrigadas não lhes permite fornecer dados. Em futuras investigações, este é um aspecto que deve ser tido em conta.

direccionar as respostas para um determinado fim. Afinal, o método qualitativo permite a abertura à novidade e queremos explorar novas hipóteses e pistas de investigação. Na maior parte das entrevistas, observamos que muitas das questões que se seguem a esta pergunta aberta, ficam respondidas nesta fase.

De seguida, no sentido de conhecer a diversidade de percursos que podem ser experimentados, entramos nas questões sobre a forma como os jovens experimentam a parentalidade na adolescência, abordando, quer as práticas, quer as representações e o significado desta experiência. Procuramos, nesta fase, compreender os valores, normas e representações sociais que constituem os universos simbólicos, reguladores do sentido atribuído pelos adolescentes à parentalidade. Posteriormente, passamos para um bloco de questões que aborda os objectivos e os valores educativos prosseguidos, quer em relação ao próprio, quer em relação ao seu filho(a). O último bloco de questões diz respeito às formas de conjugalidade desenvolvidas pelos jovens ou, caso sejam inexistentes, os percursos de vida a solo, e a parentalidade inserida no processo de emancipação social e familiar - transição para a vida adulta (cf. anexo I).

2.5 – O método de análise dos dados.

A análise dos dados recolhidos nas entrevistas desta investigação é desenvolvida a partir do método utilizado em Portugal por Teresa Líbano Monteiro (2005) na sua dissertação de doutoramento. Este trabalho assenta no método proposto por Marc-Henry Soulet (Soulet *in* Monteiro, 2005) baseado numa proposta de modelização da pesquisa qualitativa recomendada por Joseph Maxwell (2005). Consideramos importante sublinhar que, tal como proposto por Monteiro (2005), interpelamos o material empírico a partir de um quadro teórico previamente definido, ao contrário do que Marc-Henry Soulet propõe: a construção de um modelo empírico “*de forma completamente indutiva a partir do material e que, só então, deverá ser confrontado com as propostas teóricas*” (Monteiro, 2005, 168).

Entrando nesta proposta de análise de dados propriamente dita, Monteiro (2005) considera que, para Marc-Henry Soulet, “*o que caracteriza a análise qualitativa é precisamente não ter as categorias a priori mas construí-las de forma indutiva já que, em seu entender, se perde a capacidade de descoberta com categorias predeterminadas*” (Monteiro, 2005, 159). Este autor recusa a análise de conteúdo categorial temática.

Por isso, o primeiro tipo de análise a que se deve submeter o material empírico (uma entrevista de cada vez) corresponde à interpretação local. Esta análise realiza-se em três momentos: a sinopse, o histórico e a mensagem.

A sinopse corresponde ao momento em que, após se ouvir uma primeira vez a entrevista, como forma de interiorizarmos aquela, se escreve um resumo da entrevista, descrevendo, por palavras do investigador, o discurso do entrevistado. Para melhor percebermos este passo, passamos a ilustrá-lo com uma das entrevistas tratadas.

Entrevista 5, Rita

Solteira, licenciada, fisioterapeuta, tem 22 anos e foi mãe aos 14 anos.

Classe social de Origem: empresários, dirigentes e profissionais liberais. Classe social actual: profissionais técnicos e de enquadramento.

Sinopse:

Rita tinha 14 anos quando engravidou. Namorava desde os 12 anos com um rapaz do colégio onde estudava, que tinha mais dois anos do que Rita. A gravidez aconteceu na primeira relação sexual e não foi planeada. Aliás, só tiveram relações sexuais uma única vez. O método do coito interrompido não foi eficaz e passado cerca de um mês e meio, Rita sentiu a primeira falta da menstruação. Percebeu de imediato que estava grávida até porque os enjoos eram muitos fortes. Contou ao namorado que chorou perplexo perante tal notícia. Passados quinze dias, Rita, numa tentativa de esquecer e de apagar o facto de estar grávida, decidiu acabar o namoro. Seguiram-se cerca de cinco meses em que Rita escondeu a gravidez de toda a gente e procurou apagá-la da sua memória. Durante o dia fazia uma vida normal, estudava, tinha boas notas e de noite, quando chegava a casa, ficava a pensar como iria contar aos pais que estava grávida. Não queria acreditar. Para esquecer que estava grávida, anotava mensalmente, num bloco de notas, o início de uma menstruação que não existia. Os pais não sabiam que tinha tido um namorado mas ao fim de seis meses de gestação, a mãe percebeu que a menstruação não aparecia e que o corpo de Rita estava a mudar. A mãe confrontou-a sobre se estava grávida e foi então que Rita conseguiu contar o sucedido. Os pais ficaram muito surpreendidos e desiludidos. Rita era a melhor aluna da turma e descreveu-se como sendo, nessa altura, uma jovem muito calma.

A partir daí seguiu-se um período de três meses em que Rita fazia a sua vida normal na escola, os colegas não sabiam de nada, apenas o corpo docente tinha conhecimento desta situação. Para evitar os comentários dos vizinhos, Rita passava os fins-de-semana em Lisboa, em casa dos tios. Anos mais tarde Rita percebeu que este período foi muito complicado para a relação dos pais. Culpavam-se um ao outro pela gravidez da filha e chegaram mesmo a ponderar divorciar-se. Quando Rita terminou o 9.º ano de escolaridade já estava no 8.º mês de gestação. Foi então para casa dos tios passar as férias do verão até que chegasse o momento do parto.

Rita descreve o momento do parto como uma ocasião feliz. Apesar de ter estado 21 horas em trabalho de parto considera que viveu esta experiência de forma muito positiva, pois foi para o hospital sem ter consciência das dores que um parto envolvia. Este alheamento facilitou a vivência do processo.

Após o nascimento da filha ainda esteve algum tempo em casa, em virtude de se encontrar no período de férias de verão. Recomeçou o 10.º ano de escolaridade em Outubro, numa nova escola, uma vez que estudava num colégio privado que só leccionava até ao 9.º ano de escolaridade. De início, optou por não contar aos colegas, para dar tempo de a conhecerem e, assim, não fazerem juízos de valor a seu respeito. Ao fim de cerca de um a dois meses contou aos colegas que tinha uma filha. Descreve a reacção daqueles como muito positiva e favorável e ainda hoje tem estas amigas do ensino secundário.

Acabou o 12.º ano de escolaridade e entrou imediatamente para a universidade, para o curso de fisioterapia. Mais uma vez era a melhor aluna da sua turma. Descreve o apoio dos seus pais, quer ao

nível financeiro (nunca teve quaisquer dificuldades económicas), quer emocional, como determinante para o sucesso do seu percurso escolar e profissional e também como um aspecto determinante para a sua estabilidade emocional e para a da filha. Considera que esta é uma criança muito feliz, boa aluna e sempre bem disposta. Rita explicou ainda que o apoio dado pelos familiares, nomeadamente pelos tios, foi uma importante ajuda para a forma como Rita e os pais lidaram com a gravidez. Os tios eram as pessoas que muitas vezes faziam ver aos pais da Rita o lado positivo de serem avós muito mais cedo do que era esperado.

O pai da filha da Rita acabou entretanto por voltar a ser pai aos 17 anos e novamente aos 24 anos. Rita considera que, actualmente, existe uma boa relação entre os dois e que isso é bastante importante para a estabilidade da filha. A filha de Rita vê o pai de quinze em quinze dias e tem uma excelente relação com a madrasta que, de acordo com Rita, contribuiu para aproximar pai e filha.

Entretanto, Rita terminou a licenciatura há quatro meses, trabalha como fisioterapeuta num hospital público e pretende continuar a estudar. Daqui a uns anos espera realizar um mestrado ou doutoramento.

Rita refere também que o apoio dos pais foi determinante para que nunca deixasse de fazer nada do que é habitual na adolescência. Na sua opinião teve uma adolescência igual à de outros jovens. Apenas refere que teve de gerir o tempo de outra forma porque tinha de tratar da filha. Considera que os pais nunca a substituíram em absolutamente nenhuma tarefa. A relação de Rita com a filha é de grande proximidade. Desde que a filha nasceu que partilham o mesmo quarto.

Actualmente, Rita já tem outra relação amorosa, há cerca de 9 meses. A filha ainda não aceitou bem esta relação mas Rita acha que com o tempo esta situação mudará. Imagina-se daqui a dez anos com mais um filho e com uma experiência profissional mais diversificada. Apesar de actualmente ser autónoma financeiramente, embora viva na casa dos pais, sabe que pode sempre contar com o apoio deles, para alguma eventualidade que surja.

O segundo momento da interpretação local corresponde ao histórico da entrevista. Esta consiste “*num cronograma do ‘problema’ para o indivíduo. Ou seja, cada pessoa tem uma experiência própria do(s) problema(s) (no caso desta investigação, trata-se da experiência da parentalidade na adolescência) que relata na entrevista. Fazer o histórico da entrevista corresponde a compreender o encadeamento dos factos e da conduta do entrevistado em relação ao ‘problema’*” (Monteiro, 2005, 161). Mais uma vez, ilustramos o momento do histórico a partir da entrevista à Rita.

Histórico:

Rita engravidou numa situação que não foi “*uma coisa programada, não foi uma coisa que nós dissemos então ia acontecer, foi uma coisa, não é, uma brincadeira de crianças que...teve consequências...um bocadinho mais...mais fortes (...)* foi uma coisa que eu nem acho que foi desejada pelos dois”. Quando soube, entrou num processo de negação da gravidez “*sentia-me bastante assustada (...)* fingia que não estava grávida. Pensava, isto não pode estar a acontecer”. Terminou o namoro com o pai da filha e afastou-se deste. E durante seis meses recusou-se a acreditar que estava grávida, “*não queria acreditar (...)* essa foi realmente a negação, neguei completamente, não, isto não pode estar a acontecer comigo. Aliás, não pode, não pode, não pode e não estou. Na minha cabeça não estava. (...) Como é que eu posso estar grávida com uma só relação sexual”. Imaginava que tudo aquilo que estava a viver era uma mentira e que iria acordar e perceber que não estava grávida. Não contou aos pais porque teve receio da reacção destes, de os desiludir, uma vez que os pais tinham muitas expectativas para o seu futuro e para a sua vida escolar. Rita disse-nos que quando os pais tiveram conhecimento da situação “*foi o desabar de alguns sonhos deles, não é... enfim... a suposta melhor aluna da turma e delegada de turma e melhor nisto e melhor naquilo, entretanto passa a ser*

igual às outras, sempre foi, mas os pais têm sempre a vontade de nos pôr um bocadinho mais a acima das outras, que é perfeitamente natural”.

Após a descoberta da gravidez, pelos pais, Rita sente-se aliviada por pensar que o problema já não estava nas suas mãos, mas nas mãos dos pais *“a partir do momento em que os meus pais sabem para mim foi um alívio, foi como se passasse o problema para eles, aos 14 anos o que queremos é que resolvam as coisas por nós, tudo aquilo que eles me dissessem para fazer, era aquilo que eu teria feito”.* Algumas pessoas chegam a falar com os pais no sentido de darem a criança para adopção. Mas os pais rejeitaram essa possibilidade, consideraram que não fazia sentido.

Os pais vivem um período complicado. Culpam-se mutuamente da gravidez da filha e chegam a equacionar a possibilidade de divórcio *“foi bastante complicado para eles os dois. Aliás, houveram bastantes conflitos entre eles os dois, entre os meus pais, mas mais entre os meus pais, do que propriamente dos meus pais comigo, que eu só me apercebi posteriormente”.*

Nos três meses que se seguem Rita sente-se melhor e reage de forma positiva à maternidade *“então foram três meses passados até com... ao contrário do seria esperado, com bastante felicidade, integrei bem na minha cabeça que ia ter uma criança. Ok, vou ter uma filha, então vou curtir a minha gravidez até ao fim. Então, comprar roupas, passou a ser o meu objectivo (...) (falando de si própria, acrescentou) passou a ser a melhor coisa que lhe tinha acontecido”.*

Depois do parto, Rita recomeça as aulas, mas decide não contar de imediato aos colegas que tem uma filha. Acha que é melhor deixar que a conheçam primeiro. Tem receio que estes possam encaixá-la em estereótipos sociais sem a conhecerem e que isso os possa afastar. Depois de contar, *“foi uma situação até bastante acarinhada pelos meus amigos. Aliás tenho tido apoio de toda a gente”.*

A avó paterna da filha tenta aproximar Rita do pai da sua filha mas Rita rejeita essa hipótese.

Os pais incentivam-na a continuar a estudar e criam todas as condições financeiras para que tal seja possível. *“Os meus pais sempre me deram o suporte todo. Aliás, não seria possível se eles não me tivessem dado o suporte económico, emocional e tudo isso. E se não tivessem prometido que eu continuasse a estudar”.* Acrescenta, *“as propinas custa bastante. Se os meus pais não tivessem dinheiro para suportar a mim e à minha filha eu tinha de ir trabalhar. E não estudava como é óbvio porque com 14 anos, eu a trabalhar, ia trabalhar num emprego precário, a ganhar pouco, a trabalhar muito, o que é que me restava para estudar?”*

Desde que foi mãe, Rita continuou a sair com os amigos, arranjando tempo para a sua vida social *“durante algum tempo, obviamente que eu não ia sair com os meus amigos porque não fazia sentido, deixa de ser um objectivo nosso, se calhar fazer o que os meus amigos fazem, gostam de ir ao café, deixa de ser um objectivo, quando não é um objectivo nosso, quando não o desejamos, é como se não o estivéssemos a perder (...) mas obviamente que eu saio (...) saio, neste momento namoro quando tenho oportunidade, faço as mesmas coisas, não há nada que ela (a filha) me limite. Eu faço... sai ela comigo, não é, vai com os meus amigos, se calhar inclino-me mais para pessoas mais velhas e já com filhos da idade dela (...), ou seja, eu faço é as minhas coisas de outra forma, mas nunca me limitei, nem sinto que tenha perdido a minha adolescência, nem pouco mais ou menos”.*

Rita trata de todas as tarefas do quotidiano relacionadas com a sua filha, nomeadamente os cuidados físicos. Relativamente à imposição de regras estas são feitas pela Rita e pelos pais. Em relação às conversas e ao contar histórias, é a Rita que trata desta área. Como Rita descreve *“durante muito tempo, vivemos uma para a outra (...) até aos 6 anos dormíamos na mesma cama”.*

Rita descreve o seu percurso de mãe como muito solitário, na medida em que não está com o pai da filha, e isso obriga-a a tomar muitas decisões sozinha *“até agora tem sido uma coisa muito egoísta, eu tenho decidido, não tenho pedido a permissão a ninguém, sou eu que decido as minhas coisas”.* Por exemplo, o nome da filha foi escolhido pela Rita e pela mãe.

Entretanto, Rita licencia-se em fisioterapia, com a melhor média da turma, e ganha alguma autonomia financeira ao começar a trabalhar. Inicia uma nova relação amorosa e esforça-se para que a filha aceite bem esta relação.

Finalmente, o terceiro momento da interpretação local é a extracção da mensagem que nos foi transmitida pelo entrevistado. Como refere Monteiro (2005), ouve-se mais uma vez a

entrevista, na tentativa de responder à seguinte questão: o que é que o entrevistado nos quer dizer? Ilustremos então este passo.

Mensagem:

Rita disse-nos que não foi fácil viver uma gravidez aos 14 anos, sobretudo, pelo facto de achar que, naquela altura, terá desiludido os pais. Contudo, adaptou-se muito bem à ideia de ter uma filha e o apoio financeiro e emocional dado pelos pais foi determinante para que isto acontecesse e para que tenha tido uma vida social activa, um percurso escolar e profissional bem sucedido e para que a sua filha seja um criança feliz e com estabilidade emocional.

Após a realização destes três momentos é chegada a altura de elaborar a interpretação local, ou seja, encontramos-nos na fase de compreender de que maneira esta história nos ajuda a entender o enigma na nossa investigação: como é que os pais e as mães adolescentes experimentam a sua parentalidade, que impacto essa experiência tem no seu percurso de vida e como é que esta vivência se articula com a posição da família de origem no espaço social e com a pertença de género?

De acordo com Monteiro (2005) nesta fase da análise do material empírico “*surgem alguns elementos que podemos salientar como indícios ou pistas para solucionar o tal enigma. Estas pistas são assinaladas e relacionadas entre si e, mais tarde, serão confrontadas com as resultantes da interpretação local das outras entrevistas. As pistas correspondem, assim, a indícios empíricos, indutivos*” (Monteiro, 2005, 163). Segue-se a ilustração desta interpretação local.

Interpretação local (pistas):

1. Rita quando descobre que está grávida tenta imaginar que não está a viver aquela situação. Entra em processo de negação. Fica assustada com a possibilidade de desiludir os pais. PISTA: valores e representações face à sexualidade → sofrimento e angústia → relação com a gravidez é primeiramente uma relação com os pais.
2. Apesar da desilusão dos pais, estes apoiam Rita, dando-lhe todo o suporte financeiro e emocional, necessários a criar estabilidade na vida de Rita e da filha. PISTA: pertença a um meio social favorecido → suporte financeiro e afectivo → percurso escolar e profissional sem interrupções – modelo experiencial de prolongamento da juventude.
3. À reacção de desilusão dos pais, segue-se o apoio incondicional destes e da família. Isto motiva e entusiasma Rita para a maternidade. PISTA: Reacção inicial negativa → sentimento positivo da maternidade no imaginário social → processo de adaptação → valorização da maternidade.
4. Os pais de Rita dão-lhe todo o apoio necessário. Mas como Rita decide não continuar a namorar com o pai de sua filha, acaba por assumir a responsabilidade dos cuidados e o acompanhamento da filha nas tarefas do quotidiano. PISTA: assumir a maternidade a solo → organização do tempo criteriosa → passa menos tempo com os amigos → impacto nas sociabilidades juvenis.

Este procedimento é repetido para as entrevistas seguintes. Contudo, é importante referir que as pistas que ressaltam da entrevista 1 não serão exactamente as mesmas que ressaltam na entrevista 2 e assim sucessivamente. Contudo, o objectivo é a procura da diversidade e não propriamente da repetição das pistas, *“não se pretende comparar as ‘pistas’ uma vez que não é, simplesmente, a sua repetitividade que nos interessa, mas também a sua complementaridade e contradição e, principalmente, a forma como se articulam entre si”* (Monteiro, 2005, 165).

A fase seguinte consiste em transversalizar as pistas reunidas na interpretação local que permite conhecer a história comum aos entrevistados. Finalmente, a interpretação global corresponde à interpretação transversal das interpretações transversais. No nosso caso estruturamos a nossa análise transversal e global da seguinte forma:

- ▶ Interpretação transversal de acordo com o género: analisamos o grupo das raparigas e dos rapazes, isoladamente (duas interpretações transversais);
- ▶ Interpretação transversal por cada classe social de origem (quatro interpretações transversais);
- ▶ Interpretação global das duas interpretações transversais relativas ao género;
- ▶ Interpretação global das quatro interpretações transversais respeitantes à classe social.

CAPÍTULO 3

PERCURSOS E DISCURSOS DE MÃES E PAIS ADOLESCENTES

3.1 – A decisão de ser mãe ou pai na adolescência.

Relativamente à parentalidade na adolescência, esta surge, muitas vezes, como um desejo, independentemente da classe social a que se pertence. Contudo, este desejo é observado com maior frequência nas mães adolescentes, por comparação aos pais.

Por exemplo, Margarida, oriunda de uma classe social favorecida, fica muito feliz com a notícia de que vai ser mãe “*ser mãe é um pouco continuar com a nossa descendência, sentir que ensinamos a alguém o que somos, para que essa pessoa possa ser um pouco parecida connosco*” [E 06 / Margarida / casada / técnica superior de gestão / 26 anos / mãe aos 18 anos / classe de origem: PTE]. É algo que Margarida deseja desde sempre, sentindo que precisa de passar por essa experiência para se sentir verdadeiramente realizada, pois a realização profissional é importante mas não é suficiente “*há pessoas que nasceram para ser mães, há pessoas que não nasceram para ser mães. Eu acho que nasci para ser mãe. Não... Não ponho de parte o meu trabalho, jamais deixaria de trabalhar... hummm... mas acho que não me sentia somente realizada pelo trabalho. Eu gosto muito. Gostei muito da experiência de ser mãe... hummm... tive imensas saudades da gravidez em si. Acho que é uma altura fenomenal e... pronto, foi uma alegria que não se consegue explicar (risos) foi muito bom. Foi uma notícia muito boa*”. Margarida valoriza a maternidade mas também a actividade profissional, indo de encontro ao que Anália Torres (2002) nos diz no trabalho que realizou sobre a relação entre a vida conjugal e o trabalho, concluindo que a vida exclusivamente doméstica já não serve como referência positiva ao projecto de vida feminino. Sobre se deseja engravidar naquela altura, Margarida diz-nos “*intimamente desejava (...) Não engravidei de propósito mas foi uma coisa muito boa*”, “*eu acho que soube que estava grávida no momento em que engravidei*”. Concluimos que esta é uma gravidez não planeada, mas desejada, que ocorre com uma adolescente oriunda de uma classe social favorecida e que é explicada, quer pelo facto de reproduzir o modelo familiar (a mãe de Margarida casa-se e é mãe aos 18 anos), quer pelo meio social envolvente (a adolescente cresce num concelho do Baixo Alentejo, onde são frequentes as situações de maternidade na adolescência).

Pese embora este exemplo de motivação para a maternidade numa adolescente de uma classe social favorecida, observamos que o desejo de ser mãe é mais expressivo nas classes

sociais mais desfavorecidas, em virtude de os projectos escolares destas adolescentes serem menos ambiciosos e menos consistentes. Os motivos subjacentes a este desejo são tão diversos como os de emancipação do contexto familiar ou a necessidade de reconhecimento social, através da aquisição de um novo estatuto – o de mãe e o de adulto. É o caso de Vânia que tem uma gravidez planeada e desejada. Esta é encarada, desde o início, de forma muito positiva e animada. Sobre o momento em que sabe que está grávida, diz-nos de forma entusiasmada: *“senti-me contente porque era mesmo o que eu queria, e o que eu queria nessa altura. Eu quando fiz o teste já estava à espera, mesmo”* [E 11 / Vânia / solteira / 9.º ano de escolaridade / empregada de balcão / 20 anos / mãe aos 18 anos / classe de origem: EE]. Sobre a experiência da maternidade diz-nos com um sorriso estampado no rosto: *“é muito bom, é muito bom mesmo. Sentes que há uma parte de ti ali. É muito bom mesmo”*. Entretanto, Vânia compra um apartamento e decide viver sozinha com o filho (embora o novo namorado passe muito tempo na casa de Vânia) e diz-nos que *“uma pessoa pensa em querer fazer a vida. E é diferente, mesmo. Crescemos bastante (com o nascimento de um filho). Não tem nada a ver com certas coisas que pensamos antes. Eu acho que logo no momento que uma pessoa engravida, cresce de uma maneira, parece um foguete mesmo. Cresce-se muito”*. Esta referência ao sentir-se adulto e ao crescer com a parentalidade, é algo que é muito referenciado, sobretudo pelas mães adolescentes, mais do que pelos pais. E reforça o que alguns autores sublinham: a maternidade na adolescência é experimentada entre ganhos e perdas e proporciona oportunidades de crescimento e sentimentos de gratificação (Marques e outros, 2001; Canavarro e outros, 2001; Sim-Sim, 1997; Lourenço, 1998).

Como referem Canavarro e Pereira (2001) e Gaspar e Vilar (*in Pais*, 1999) a gravidez também surge da necessidade de dar e receber amor de uma forma segura e gratificante ou de ter uma âncora que resgate a jovem da incerteza do seu futuro. É o caso de Soraia que tem um percurso de vida pleno de sinuosidades. Não conhece o pai, a mãe tem oito filhos, de diferentes homens, todos educados pela avó. A mãe de Soraia é mãe aos 16 anos. Alguns irmãos de Soraia também são pais ou mães na adolescência. Quando sabe que está grávida, Soraia tem *“medo, a minha primeira reacção foi medo, medo da minha família, medo dos meus tios, medo da minha avô, medo de tudo, tudo, menos das críticas porque eu não vivo por aquilo que as pessoas dizem (...) apoiaram-me todos na minha primeira gravidez”*, *“gostei muito da experiência de estar grávida”* [E 09 / Soraia / solteira / 5.º ano de escolaridade / 17 anos / mãe aos 15 e aos 17 anos / classe de origem: EE]. Na primeira gravidez, Soraia encontra-se a estudar no 5.º ano de escolaridade mas abandona a escola, pois

os seus projectos de vida não passam pela qualificação escolar mas pela maternidade “*contava ser mãe, estava sempre a dizer que queria ser mãe, queria ser mãe mas... mais para o futuro, não era logo aos 15 anos*”. Cerca de um ano e meio depois, quando já se encontra a viver na rua com o namorado, toma a pílula, mas engravida novamente e diz-nos num discurso desarticulado: “*tive oportunidade para abortar nesta segunda vez e não quis*”, “*não contava era da segunda vez (...) fiquei triste porque eu não tinha nada para dar à minha filha e... também um bocadinho ansiosa porque estava ansiosa de a vê-la mas estava com muito medo de ficar sem ela, por outro lado nem queria que ela me saísse da barriga*”. Consideramos que à semelhança da primeira gravidez de Soraia também esta segunda gravidez é planeada mas não assumida nessa condição.

De acordo com o que Le Van (2006) sugere, a gravidez também surge pela necessidade de impor e oficializar a relação amorosa. É o caso de Luísa que não toma qualquer precaução para evitar a gravidez. Engravidar é uma forma de oficializar a relação amorosa que não é aprovada pelos pais “*primeiro fiquei grávida, não foi por querer, nem foi sem querer. Portanto, aconteceu. Portanto, eu namorava com o pai dela e os meus pais não aceitavam muito bem a relação (...) proibiam sempre a relação e isto foi a forma quase que encontrámos de nos aceitarem, não é. Acabei por ficar grávida e ao princípio foi uma surpresa até porque quando soube já estava grávida de cinco meses (...) não foi planeada mas foi desejada*”, “*aquilo que eu mais desejava era ficar com o pai dela*” [E 04 / Luísa / Solteira / licenciada e pós-graduada / professora / 30 anos / mãe aos 15 anos / classe de origem: EE]. Quando sabe que está grávida, vive este processo com muita alegria e intensidade, embora fique preocupada com a reacção dos pais. Neste caso, de acordo com a tipologia proposta por Vilar e Gaspar (*in Pais*, 1999, 62), consideramos que esta é uma gravidez planeada conjugalmente.

Também Vanessa faz tudo ao seu alcance para engravidar e dessa forma oficializar a relação amorosa que tem com Pedro “*engravidei para ficar com o meu companheiro*”. Decide fugir de casa dos pais e ir viver com o namorado para casa deste. Consegue engravidar e fica feliz “*nós queríamos os dois (...) quando vi o bebé (na ecografia) fiquei toda contente (...) eu acho também que só engravida quem quer*”. Tem um pensamento mágico e acredita que dessa forma, ninguém, nem o tribunal, a pode separar de Pedro “*eu queria estar (grávida) porque naquela altura nós tínhamos que ter para não nos separarem. Porque o que nos ia unir era aquele filho. Porque o tribunal já não nos podia separar porque ele era o pai e eu era a mãe*”

[E 15 / Vanessa / união de facto / 9.º ano de escolaridade / 18 anos / mãe aos 16 anos / classe de origem: EE].

Independentemente das razões que conduzem ao desejo de entrar na parentalidade na adolescência, este não é tão visível no caso dos pais que, de facto, não parecem ter recebido uma educação que os incentive a valorizar a paternidade como principal projecto de vida. No entanto, podemos referir o caso de Zé, um jovem de origem cabo-verdiana que fica muito feliz quando sabe que vai ser pai e sente que esse é um bom momento para ser pai *“do meu ponto de vista ainda fui pai tarde”, “quando tu dizes pai novo, para mim os 19 anos não é ser pai novo. Para mim não foi ser pai novo. Porque é assim... na raça negra ser pai aos 19 anos é no limite. Ser pai cedo na raça africana, é para aí 13, 14, que é ser pai cedo. Aos 19 anos está no limite. E ser tarde é para aí aos 25, 26, já é tarde. Para vocês é ao contrário. Vocês o normal é para aí aos 26, 27, ou quando vocês têm a vossa vida estável, ter acabado o curso, não sei quê. Para nós não”, “eu acho que eu fui pai cedo, 19 anos, fui pai cedo porque... eu... o pai cedo muitas vezes tem o seu lado positivo mas também tem o seu lado negativo. O seu lado negativo é quando tu és pai cedo e não podes desfrutar da tua juventude, não podes conviver mais com os teus amigos, não podes sair, não podes comprar as tuas coisas”* [E 14 / Zé / solteiro / 9.º ano de escolaridade / barbeiro / 23 anos / pai aos 19 e aos 20 anos / classe de origem: OO]. O discurso de Zé sugere uma dupla filiação de valores. Por um lado, os valores da sua cultura de origem – cabo-verdiana – que valoriza o exercício da parentalidade na juventude; por outro lado, os valores juvenis, assentes no hedonismo e nas sociabilidades, que adiam a parentalidade para uma outra fase do percurso de vida. Zé reproduz aquilo que Vilar e Gaspar (*in Pais, 1999*) designam por contradição entre os valores transmitidos pela família e os valores modernos veiculados pelos amigos.

No caso dos rapazes observam-se sobretudo situações em que a paternidade embora não seja planeada, se torna desejada, assistindo-se àquilo a que Vilar e Gaspar (*in Pais, 1999*) designam por processo de auto-assimilação da gravidez. Existem outras situações em que a gravidez é uma antecipação ao planeamento. Não encontramos situações de uma paternidade planeada conjugalmente, à excepção das relatadas pelas próprias mães adolescentes.

Esta ausência de desejo para a parentalidade na adolescência também se observa na maternidade que ocorre nas classes sociais mais favorecidas, por se ponderar mais as perdas e os ganhos em termos de percurso escolar e profissional. Nestes casos, a maternidade não é habitualmente planeada, mas pode-se tornar desejada (processo de auto-assimilação da gravidez). Por exemplo, Rita engravida numa situação que não é *“uma coisa programada,*

não foi uma coisa que nós dissemos então ia acontecer, foi uma coisa, não é, uma brincadeira de crianças que...teve consequências...um bocadinho mais...mais fortes (...) foi uma coisa que eu nem acho que foi desejada pelos dois” [E 05 / Rita / solteira / licenciada / fisioterapeuta / 22 anos / mãe aos 14 anos / classe de origem: EDL]. Quando sabe, entra num processo de negação da gravidez e diz-nos com os ombros encolhidos: “sentia-me bastante assustada (...) fingia que não estava grávida. Pensava, isto não pode estar a acontecer”. Termina o namoro com o pai da filha e afasta-se deste. E durante seis meses recusa-se a acreditar que está grávida, “não queria acreditar (...) essa foi realmente a negação, neguei completamente, não, isto não pode estar a acontecer comigo. Aliás, não pode, não pode, não pode e não estou. Na minha cabeça não estava. (...) Como é que eu posso estar grávida com uma só relação sexual”. Imagina que tudo aquilo que está a viver é uma mentira e que vai acordar e perceber que não está grávida. Depois de contar aos pais, nos três meses que se seguem Rita sente-se melhor e reage de forma positiva à maternidade “então foram três meses passados até com... ao contrário do seria esperado, com bastante felicidade, integrei bem na minha cabeça que ia ter uma criança. Ok, vou ter uma filha, então vou curtir a minha gravidez até ao fim. Então, comprar roupas, passou a ser o meu objectivo (...) (falando de si própria, acrescentou) passou a ser a melhor coisa que lhe tinha acontecido”.

Também a gravidez de Flávia se torna desejada, mas desta vez por influência do namorado que a convence a ter a criança. A experiência revela-nos uma tendência de dominação cultural masculina sobre a passividade de Flávia, que tornam a gravidez desejada. Quando engravida, Flávia fica muito assustada e apreensiva quanto à possibilidade de vir ter um filho. Contudo, opta por ter o filho, pois o namorado insiste para que tal aconteça e diz-nos com os olhos muito abertos “eu não queria, de início nunca quis (...) ele nas conversas que tínhamos dizia ahhhh gostava muito de ter uma menina (...) a questão é o que é que eu devia fazer. Por ele, e a cunhada, achavam que eu devia ter. Eu, atendendo à nossa situação, que a família e isso não se davam muito bem, e atendendo, pronto, aos meus sonhos, hesitava bastante, só que fui-me deixando andar, mas também havia uma certa pressão do lado dele, não é que eu não quisesse uma criança, é sempre bonito, e é, hoje é, mas é complicado” [E 19 / Flávia / solteira / 10.º ano de escolaridade [a estudar] / empregada de balcão / 19 anos / mãe aos 17 anos / classe de origem: PTE]. Por insistência do companheiro, que é muito ciumento, Flávia deixa de estudar. Os pais não gostam desta decisão de Flávia mas aceitam-na.

Relativamente aos rapazes, a gravidez que se torna desejada ocorre nos adolescentes com uma pertença social mais desfavorecida. É o caso de Pedro que sabe que vai ser pai

quando tem 18 anos e fica um pouco apreensivo com a notícia, dizendo-nos de forma cabisbaixa *“senti-me um bocado apertado. Tinha trabalho, tinha tudo. Não tinha muitas, muitas condições para ter as duas mas o trabalho dava porque ganhava bem nessa altura eeeeeeeeeee ao mesmo tempo estava-me a sentir... como é que eu hei-de explicar? Primeiro senti-me apertado. Depois estava a gostar da ideia. Depois quando a miúda nasceu e veio para casa e não sei quê...comecei-me a sentir com um bocado mais de responsabilidade e ter de fazer alguma coisa para mudar, para elas ficarem bem”* [E 12 / Pedro / solteiro / 8.º ano de escolaridade / caixeiro / 24 anos / pai aos 18 anos / classe de origem: EE].

Também Luís não espera ser pai naquela altura *“quando recebi a notícia fiquei assim... fiquei... é normal né... fiquei assim... sem saber o que fazer. Mas pronto, depois com o passar do tempo, comecei a... é minha filha, tenho que assumir as responsabilidades e assumi as responsabilidades”, “eu nem sei o que senti (risos)... fiquei... naquela... ser pai, tão novo, o que é que eu vou fazer agora, mas depois... mentalizei-me nisso”*. Perante a notícia, decide assumir essa responsabilidade, insiste em levar avante a gravidez e fica contente com o nascimento da filha *“quando fui pai assisti ao parto e aí... foi uma coisa excelente! Acho que foi o dia mais feliz da minha vida! Ver ali a minha filha nascer. Foi um espectáculo mesmo. Muito bom”* [E 17 / Luís / solteiro / 9.º ano de escolaridade / operário / 20 anos / pai aos 18 anos / classe de origem: OO].

A par disto, também observamos que existem gravidezes que são uma antecipação ao planeamento (acontecem alguns anos antes do desejado) e, mais uma vez, ocorrem em diferentes classes sociais.

Por exemplo, Isabel, proveniente de uma classe social bastante favorecida, engravida aos 15 anos e quando o sabe decide imediatamente ter a criança, pois, por um lado, desde muito nova deseja ser mãe (embora o tivesse previsto para mais tarde) e, por outro lado, é contra o aborto porque acha que é uma vida que se está a desenvolver. De forma muito tranquila diz-nos que *“apesar de ter 15 anos e de aparentemente ser uma criança, eu acho que já era assim um bocado mais madura nalgumas coisas. Acho que não tinha aquela mentalidade tão infantil (...) e assim muito rapidamente pensei que só tinha duas hipóteses: ou tenho ou não tenho. Como abortar... eu sou contra o aborto, contra o aborto... eu não censuro quem o faz, quem o pratique, conheço muita gente que faz e não condeno, nem censuro. Eu não sou capaz. Quer dizer, não fui capaz porque também não houve mais nenhuma gravidez. Humm... e portanto, como tirar, não tirava, optei por ter e porque eu gosto muito de bebés (...) e como eu sou muito de tomar decisões sozinha e de aceitar e*

aguentar-me às consequências, pronto, resolvi.”, “eu desde miúda que dizia, isto era o meu sonho de miúda, pronto isto foi logo ali, furado logo aos 15, dizia que ia ser mãe pela primeira vez aos 24 e que ia ter 4 filhos, logo muito ambiciosa” [E 01 / Isabel / solteira / frequenta o último ano da licenciatura / 26 anos / mãe aos 16 anos / classe de origem: EDL]. Durante a gravidez “sonhava muito com o bebé (...) toda orgulhosa da minha barriga (...) eu estava encantada da vida”. Inicialmente, a mãe ainda lhe sugere que aborte, mas Isabel está determinada a ter o filho e responde “não senhora, não tiro bebé nenhum, é uma vida que está dentro de mim e não vou tirar. Já tomei a decisão e não há nada no mundo que me faça mudar de ideias”. E, “apesar de não ter sido um bebé planeado, foi desde logo um bebé desejado”, pois “eu acho que ia carregar um fardo para o resto da vida e entre carregar o fardo e ter este tesouro...que venha o tesouro porque acho que não, eu acho que não ia ficar bem comigo mesma tendo decidido abortar”.

Também Elsa, oriunda de uma classe social mais desfavorecida, reage de forma muito positiva à maternidade, pois é algo que ambiciona a médio prazo “esperava um bocadinho mais para a frente”, “ah eu fiquei feliz. Um bocadinho assim... como é que eu hei de dizer... é uma coisa que eu não estava à espera, como eu te disse, não queria, não foi uma coisa que eu pensei: vou ser mãe agora. Mas gostei da ideia”. Os pais encaram muito bem a notícia, “os meus pais ficaram felizes, não levaram a mal” [E 18 / Elsa / casada / 11.º ano de escolaridade / operadora de supermercado / 20 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: OO].

Em relação aos rapazes, Ricardo fica igualmente contente quando sabe que vai ser pai. Decide assumir essa responsabilidade “como sempre fui assim responsável e tudo, aceitei logo e fui falar com o meu pai e com a minha mãe e eles também aceitaram, não houve grande problema. Não... Foi Fácil. (...) Fiquei contente. (...) Não foi desejado mas já que estava, já que tinha vindo, que viesse por bem” [E 20 / Ricardo / casado / 10.º de escolaridade [a estudar] / ajudante de electricista / 23 anos / pai aos 19 anos / classe de origem: EE].

Outras gravidezes são, efectivamente, indesejadas e também acontecem em todas as classes sociais. Por exemplo, quando Maria engravida aos 19 anos, fica muito assustada e chocada com a notícia “para mim foi super difícil porque eu não estava nada à espera”. A família é católica praticante e transmite-lhe um conjunto de valores tradicionais e católicos “os meus pais são católicos, não é, praticantes, portanto, vivo numa, vivia num meio tudo muito, tinha que ser tudo muito certinho. Eu sempre fui proibida de sair à noite, aquelas coisas, tipo... tinha que ser tudo hummm pronto, tudo muito certinho, porque era rapariga, então tinha sempre aquelas coisas de não poder sair até às, até tarde e quando podia sair era

uma festa. Sempre fui muito... como é que eu hei-de dizer... muito... chamada à atenção para certo tipo, para uma menina exemplar (...) eu virava-me para o pai do Guilherme e dizia que queria casar virgem". Como é contra o aborto, embora não critique as pessoas que o façam, acha que a melhor decisão é ter a criança. É com muita dificuldade que Maria conta aos pais "para mim o pânico total foi contar aos meus pais que eu só pensava que estava a magoá-los porque para eles a pior coisa do mundo era eu aparecer grávida, não é, o que os outros pensam, porque isso sempre foi assim que eles pensavam, preocupavam-se muito com o que os outros pensavam, então isso custou-me imenso e pronto, mas tive de contar". Os pais ficam muito desiludidos. Não aceitam muito bem a notícia. A mãe sente vergonha de andar pela rua com Maria grávida e esta conta-nos, com um olhar muito triste, que "aquilo que me custou mais é que sentiam vergonha. O meu pai não, mas a minha mãe sentia vergonha, não queria que eu andasse assim perto dela, tipo por estar grávida, não é, porque dá sempre um mau aspecto, então custou-me imenso. O que mais me custou foi isso" [E 03 / Maria / casada / 12.º ano de escolaridade (incompleto) / vendedora / 29 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: EDL].

Podemos também referir o caso de Edna que engravida enquanto toma a pílula e concilia este método contraceptivo com a toma de antibióticos, o que (sem saber) reduz a eficácia da pílula. Como toma esta precaução, fica muito surpreendida com a notícia da gravidez. A acrescentar a esta situação, tem outros planos para o futuro, que não a maternidade. Espera concluir uma licenciatura em Angola, se possível na área do ensino. Por isso, acha que a melhor solução é abortar, para que a maternidade não condicione a realização dos seus sonhos "eu disse-lhe (ao namorado) que não era a minha opção (ter filhos) porque eu tinha outros planos para a minha vida e que um filho não se encaixava agora nessa altura, muito mais se fosse para ser mãe solteira", "no início eu não queria ter a bebé porque eu não me sentia capaz de assumir essa responsabilidade sozinha. Ele pediu para ter (o namorado) ..." [E 10 / Edna / solteira / 12.º ano de escolaridade [a completar] / empregada de mesa / 20 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: EE].

Quando sabe que está grávida também Neusa fica desesperada e diz-nos de forma intranquila que "foi um choque para mim, foi horrível" [E 16 / união de facto / 9.º ano de escolaridade / desempregada (última profissão: auxiliar de acção médica) / 24 anos / mãe aos 15 anos / classe de origem: OO] e quis abortar. Arranja dinheiro e vai a uma parteira para lhe realizar o aborto. Contudo, este não é bem sucedido e a gravidez prossegue.

No caso dos rapazes, podemos dar o exemplo de Diogo que quando sabe que a namorada está grávida fica chocado porque utiliza um preservativo que se rompe e depois recorre à pílula do dia seguinte que também não é eficaz. Pensa que a melhor solução é o aborto *“a primeira opção que me passou pela cabeça foi abortar. Porque achava que era muito novo. Ia ser complicado ser pai aos 18 anos. E acho que toda a gente tem noção de que é complicado ser pai aos 18 anos”* [E 08 / solteiro / a frequentar 3.º ano da universidade / 23 anos / pai aos 18 anos / classe de origem: PTE]. Com todos os entraves que surgiram, Diogo acaba por desistir da ideia. Contribui para isso o facto de, por um lado, o pai de Diogo não concordar com o aborto, recusando-se a ajudar e, por outro, morar no Arquipélago dos Açores, região do país onde não existem clínicas que façam abortos seguros. Ao fim de um mês, decide assumir a responsabilidade e ter a criança *“gostava de tar com a cabeça 100%, não, eu vou ser pai, eu quero ser pai, e não, eu vou ter que ser pai, eu vou ser pai, foi um ano e poucos que as coisas funcionaram assim”*. Desde esse momento deixa de ser católico. Sente-se ateu. Antes desta notícia, reza todos os dias mas com a chegada da filha (algo que não quer, nem deseja) sente-se injustiçado e diz-nos de forma revoltada: *“eu tomei as minhas precauções todas e mesmo assim não deu (...) não tem ninguém lá em cima”*.

Também Edilson não se sente preparado para ser pai naquela altura e diz-nos com os ombros encolhidos: *“não tava nada à espera. Nem queria tão-pouco. Não foi planeado, muito sinceramente”, “foi uma coisa que aconteceu. Foi uma aventura, né. É sempre complicado (...) era estranho ficar a imaginar, é, vou ser pai”, “um jovem com 19 anos a ser pai, eu acho que é cortar as pernas na... é cortar as pernas entre parêntesis a uma pessoa. Eu acho que não é a altura. A gente não tá num país... não temos condições para aos 19 anos sermos pais... não é fácil, não é fácil não. Mas prontos também eu vejo da minha parte né, se calhar ajuda, ajuda a uma pessoa a levantar a cabeça e a ver que a vida não é aquilo que a gente vive. Se calhar se uma pessoa... se calhar, se eu não tivesse sido pai, se calhar não tinha um carro estacionado à porta de casa já e não tinha uma casa porque não tinha mudado o meu estilo de vida (...) tem coisas boas mas também tem coisas más, né. Coisas más não digo que tenham vindo. Não vieram coisas más (...) em termos de coisas más, só chatices de família, isso é normal. Mas prontos, por causa da situação que é. Mas coisas más só digo a escola que ficou para trás e não ter dado continuidade ao meu futebol que eu acho que também podia ter tido outro rumo. Se bem que como isto está, também não sei se por ali tinha ido lá, a grande lado”* [E 13 / Edilson / solteiro / 12.º ano de escolaridade / empregado de mesa / 23 anos / pai aos 19 anos / classe de origem: EE].

Estas gravidezes indesejadas acontecem em todas as classes sociais, mas observam-se sobretudo nos adolescentes que têm projectos e objectivos escolares mais ambiciosos. Alguns adolescentes desejam estudar porque são estimulados pelos pais, que também são possuidores de elevados capitais escolares, outros adolescentes desejam-no porque sendo oriundos de famílias socialmente desfavorecidas, têm expectativas de mobilidade social através da escola. Nestes casos, a gravidez é sentida como indesejada e não observamos um processo de auto-assimilação desta.

3.2 – O percurso familiar e conjugal.

A parentalidade na adolescência conduz com frequência ao início da conjugalidade (casamento ou coabitação) ou à decisão de deixar a casa dos pais e viver sozinho(a).

Relativamente ao casamento, um dos casos em que a parentalidade impulsiona o adolescente para este caminho é o de Maria que, com três meses de gravidez, se casa pelo registo civil, com o vestido de noiva de uma tia e com uma festa dada pela avó. É o pior dia de sua vida. Sente-se triste por ter desiludido a família. Não gosta do vestido de noiva, pois não tem a ver com o seu estilo. São momentos que recorda como muito tristes e difíceis “*um disparate que eu fiz foi ter casado porque como sabia que estava a dar um grande desgosto...*”, “*eu sentia-me tão infeliz nesse dia (...) sentia-me super triste, sentia que estava a magoar muita gente*” [E 03 / Maria / casada / 12.º ano de escolaridade (incompleto) / vendedora / 29 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: EDL]. Com o casamento, Maria passa a viver com o marido numa casa que um tio lhe empresta. Inicia então uma vida a dois e tem de crescer rapidamente. Conta o dinheiro, realiza as tarefas domésticas e cozinha, tarefas a que não está habituada e com um discurso muito consistente diz-nos que “*eu era uma mimada, não sabia fazer nada (...) fui aprendendo, um bocado sozinha (...) foi um choque*”, “*eu cresci assim tipo, eu devo ter envelhecido para aí dez anos naquele momento, quando fui mãe. Acho que a pessoa cresce assim muito rapidamente*”. A partir dos seis meses de gravidez, o marido começa a bater-lhe. A situação com o marido agrava-se e este acha que não tem de ser ele o único a suportar as despesas com a casa. Maria começa então a trabalhar. A família está distante e não tem com quem desabafar. Mas também tem vergonha de falar sobre o facto de o marido lhe bater. Ao fim de cerca de um ano consegue telefonar a uma tia e desabafar sobre o pesadelo que está a viver. A partir daqui, consegue separar-se do marido e arranjar dois empregos para sustentar o filho, um dos quais como empregada de balcão.

Continua sem sentir o apoio da família “*eu nunca me senti apoiada. Aliás, estava tempos e tempos sem lá ir. Não não... por exemplo, eu tive de arranjar dois empregos para conseguir sustentar o Guilherme quando me separei. E depois ainda tive de pagar uma ama para me ir buscá-lo à escola. Ninguém me ajudou*”. Passa a viver com o filho e este passa a acompanhá-la em todas as situações. De dia a criança fica na creche e ao final do dia Maria tem de pagar a uma ama para o ir buscar. Mais uma vez, a família encontra-se distante de todas as suas dificuldades. Mais tarde, começa a sair com o seu actual marido, namoram e casam ao fim de seis meses. Maria volta a ser mãe. Algum tempo depois, casam-se pela igreja católica (sobretudo porque era algo importante para o seu marido) e no mesmo dia baptizam o filho mais novo. Desta vez, Maria sente-se feliz e realizada.

Outro exemplo, bastante diferente deste, é o de Margarida que, ao contrário de Maria, encara o casamento de forma positiva. Os pais proporcionam-lhe um casamento com festa, vestido e igreja, uma vez que era o sonho da filha. Margarida casa-se com cerca de quatro meses de gravidez e diz-nos com muita convicção que “*era uma coisa que eu fazia questão. Mais cedo ou mais tarde, mesmo que não tivesse casado naquela altura, tinha que me casar mais tarde, fazia questão de o fazer, casar e por igreja*” [E 06 / Margarida / casada / técnica superior de gestão / 26 anos / mãe aos 18 anos / classe de origem: PTE].

Também Elsa (E 18 / casada / 11.º ano de escolaridade / operadora de supermercado / 20 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: OO) se casa depois do nascimento das filhas embora viva com os pais até as meninas terem seis meses. O namorado de Elsa mostra-se interessado em casar e convence-a aceder a este seu pedido. Para Elsa, basta viverem em união de facto mas como o namorado se pretende casar, acaba por aceitar o pedido. Casam-se pelo registo civil mas sem vestido de noiva, nem flores. Contudo, houve festa e prendas. Iniciam uma vida em conjunto numa nova casa.

Temos ainda o caso de Ricardo (E 20 / casado / 10.º de escolaridade [a estudar] / ajudante de electricista / 23 anos / pai aos 19 anos / classe de origem: EE) que quando sabe que vai ser pai decide viver em união de facto em casa do pai. Ao fim de um ano compram casa própria e quando a filha tem três anos, Ricardo e a companheira decidem casar pela igreja, com festa, vestido de noiva e presentes.

Em qualquer um destes casos, a entrada na conjugalidade através do casamento modifica a vida destes adolescentes, sobretudo ao nível da forma como organizam o tempo e

também em relação às sociabilidades que ficam bastante limitadas, em especial no caso das mães.

Uma outra forma de conjugalidade é a coabitação. Contudo, esta é muitas vezes apenas uma situação transitória que não dura (em média) mais do que um ano e ocorre em casa dos pais.

Por exemplo, o namorado de Andreia (E 02 / Solteira / 12.º ano de escolaridade / 20 anos / mãe aos 16 anos / classe de origem: EDL) ainda está algum tempo a morar com Andreia na casa dos pais desta mas, por incompatibilidade de maneiras de ser e de estar, acaba por se ir embora. Continuam o namoro, num contexto em que Andreia vive para os estudos, para a filha e para o namoro. Começa a sentir-se cansada de uma vida que a limita bastante. O namorado é muito ciumento, bebe e fuma drogas. A partir de uma certa altura, Andreia começa a sair com uns amigos do irmão (que tem menos um ano do que ela), o que a deixa bastante feliz. Os pais apoiam-na, ficando sempre a tomar conta da filha. Decide então terminar o namoro que já não a deixa feliz. Toma esta decisão, pois pensa que se vive com os pais e é sustentada por eles, não tem necessidade de continuar um namoro que a deixa insatisfeita, só porque o namorado é pai da filha. Entretanto, arranja outro namorado.

Flávia (E 19 / solteira / 10.º ano de escolaridade [a estudar] / empregada de balcão / 19 anos / mãe aos 17 anos / classe de origem: PTE) vai viver para casa dos pais com o namorado, sendo que os pais lhe cedem o seu quarto. Contudo, o namorado não se adapta à casa e uns meses depois o casal vai viver em casa dos pais do companheiro. Entretanto, Flávia tem a filha e o casal decide alugar uma casa perto do local onde os pais dela vivem. Ainda estão alguns meses nesta casa até Flávia decidir pôr fim à relação em virtude das constantes situações de violência doméstica (psicológica). A partir desta altura, Flávia passa a viver com os pais que lhe compram uma casa nova e vivem com a filha e a neta no novo espaço.

Também Zé (E 14 / solteiro / 9.º ano de escolaridade / barbeiro / 23 anos / pai aos 19 e aos 20 anos / classe de origem: OO) ao fim de cerca de um ano a viver em união de facto na casa da mãe, com a namorada (mãe do segundo filho), decide separar-se, pois a relação não corre da melhor forma. A mãe do filho regressa a casa dos pais e Zé decide viver sozinho numa antiga casa do pai que se situa num bairro de lata perto de Lisboa. É uma casa com poucas condições mas mesmo assim Zé prefere começar a vida neste espaço e os seus filhos ficam a viver com ele durante algum tempo.

Outro exemplo é o de Luís (E 17 / Luís / solteiro / 9.º ano de escolaridade / operário / 20 anos / pai aos 18 anos / classe de origem: OO) que vai viver com a namorada para casa dos pais desta. A relação de ambos ainda dura cerca de sete meses mas depois começa a degradar-se. Decidem separar-se e Luís volta para casa da avó.

Relatámos algumas situações de pais e mães adolescentes que experimentam a entrada na conjugalidade através da coabitação em casa dos pais - deles ou do(a) namorado(a) – mas que depois realizam um movimento de reversibilidade e regressam a casa dos pais ou optam por viver sozinhos. Alguns mantêm-se, portanto, no modelo experiencial de prolongamento de juventude e outros (como Zé) entram de forma linear na vida adulta.

Paralelamente a estas situações de coabitação experimental e temporária, encontramos situações de coabitação mais duradouras. Podemos dar o exemplo de Vanessa e de Neusa.

Vanessa (E 15 / união de facto / 9.º ano de escolaridade / 18 anos / mãe aos 16 anos / classe de origem: EE) decide sair da casa dos pais e ir viver com o namorado na casa da mãe deste, sendo sustentada pela sogra.

Em contrapartida, Neusa (E 16 / união de facto / 9.º ano de escolaridade / desempregada [última profissão: auxiliar de acção médica] / 24 anos / mãe aos 15 anos / classe de origem: OO) é colocada fora de casa pelo pai, com quatro meses de gravidez. Até ao final da gravidez, Neusa tem de dormir em casa de amigas. Quando tem a filha decide que não pode continuar nesta situação. Por isso, num dia à 1:00h da manhã decide tocar à campainha do namorado e dos pais deste com a filha pequena ao colo, dizendo que o pai a tinha colocado fora de casa e que tem de ficar ali com a bebé, pois não tem mais sítio nenhum para onde ir. Desde então, vive em união de facto na casa dos sogros. Entretanto, reata a relação com os pais, nomeadamente com o pai, que costuma pedir desculpa com frequência pelo acto cometido – ter colocado Neusa fora de casa com quatro meses de gestação.

À semelhança do que acontece nas situações de entrada na conjugalidade através do casamento, também as adolescentes que vivem em situação de coabitação vêem as suas sociabilidades juvenis muito limitadas, senão mesmo perdidas durante bastante tempo, uma vez que recaí sobre si toda a responsabilidade de tratar dos filhos. Nos casos supra mencionados, o assumir de todas as responsabilidades também se deve a uma forte assimetria de género na relação com os companheiros.

A decisão de viver sozinho(a) parece ser uma situação mais definitiva do que a coabitação, pois os adolescentes sentem que se emanciparam familiarmente e que isso é um

passo importante na sua vida, valorizando-o bastante. Por isso, sentem que a parentalidade é uma oportunidade de crescimento pessoal.

Por exemplo, quando o filho de Vânia (E 11 / solteira / 9.º ano de escolaridade / empregada de balcão / 20 anos / mãe aos 18 anos / classe de origem: EE) tem um mês, esta decide terminar o namoro, uma vez que o pai do filho lhe bate e ela não permite que isso volte a acontecer. Entretanto, continua a viver com o pai (o que já acontecia desde os 14 anos). Um ano depois de ser mãe, consegue comprar um apartamento numa freguesia próxima da residência do pai e arranja um trabalho como empregada de balcão que lhe permite pagar as despesas com a casa e a alimentação. Como o ordenado de Vânia não é suficiente para pagar todas as despesas, o pai paga o infantário do neto. Começa a viver sozinha com o filho, embora o actual namorado fique muitas vezes em sua casa.

Também Edilson (E 13 / solteiro / 12.º ano de escolaridade / empregado de mesa / 23 anos / pai aos 19 anos / classe de origem: EE) reconhece que o facto de ser pai cedo e disso lhe condicionar as escolhas e o empurrar para o mercado de trabalho faz com que tenha hoje uma casa própria e um carro estacionado à porta. Edilson refere que apesar das escolhas, o ser pai também é uma oportunidade de crescimento pessoal. Decide não namorar com a mãe da filha, pois não gosta desta e acha que vivem muito longe para ter uma relação.

Uma outra franja de adolescentes mantém-se unicamente a viver com os pais e/ou outros familiares. É o caso de Isabel (E 01 / solteira / frequenta o último ano da licenciatura / 26 anos / mãe aos 16 anos / classe de origem: EDL) que vive desde sempre em casa dos pais, com excepção de um período de um ano, em que os pais se separam. Durante esse período de um ano, Isabel e o filho vão viver com o pai de Isabel. Ao fim desse tempo, os pais de Isabel reconciliam-se e voltam a viver todos na mesma casa.

Também Rita (E 05 / solteira / licenciada / fisioterapeuta / 22 anos / mãe aos 14 anos / classe de origem: EDL) continua a viver com os pais e termina o namoro com o pai da filha assim que tem conhecimento de que está grávida. Entretanto, quando a filha tem cerca de 8 anos, inicia outra relação de namoro. Ainda vive em casa dos pais.

Edna (E 10 / solteira / 12.º ano de escolaridade [a completar] / empregada de mesa / 20 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: EE) também vive em casa da mãe, com o apoio financeiro e emocional desta e dos tios que a ajudam a superar os momentos financeiros mais difíceis. Quando está grávida de três meses, decide acabar o relacionamento com o pai da filha. Acha que este relacionamento começa pelos motivos errados (carências afectivas

decorrentes do fim de uma outra relação) e que não tem condições para continuar. O namorado não reage da melhor maneira e tenta inclusivamente a agressão física, sem a concretizar efectivamente. Separam-se e combinam que a responsabilidade da filha é partilhada. No entanto, o pai da filha de Edna, embora veja a criança com muita regularidade, não comparticipa frequentemente nas despesas com a alimentação e com a saúde. E embora tenham assinado um acordo de paternidade, que confere a guarda legal da criança à Edna e obriga o pai a dar uma mensalidade à filha, aquele não é cumprido.

Outro exemplo é o de Diogo que continua a namorar com a mãe da filha e decidem que cada um continua a viver com os pais, em casas separadas. A filha fica a viver com a mãe. Quando a filha tem cerca de dois anos, a namorada decide pôr fim à relação “*foi uma coisa que me custou bastante*” [E 08 / Diogo / solteiro / a frequentar 3.º ano da universidade / 23 anos / pai aos 18 anos / classe de origem: PTE]. Diogo fica triste mas aceita a decisão. Entretanto, mais tarde, arranja outra namorada, de quem também gosta muito.

Estes são jovens que se mantêm, portanto, em casa dos pais, não alterando o seu percurso familiar e conjugal com a parentalidade. Observamos que a primeira relação destes jovens com este acontecimento prende-se com as expectativas sobre a reacção dos pais e como se vão relacionar com estes no futuro. Esta é uma tendência que se observa na generalidade dos percursos de parentalidade na adolescência. Com efeito, assistimos em quase todas as situações de pais e mães adolescentes, a uma re-negociação de papéis na família, pois o adolescente desempenha papéis sociais diferenciados como filho/a *vs* pai/mãe (posição na família) ou como jovem *vs* adulto que agora poderá aceder a este estatuto (posição social).

Finalmente, outros adolescentes, pelo facto de pertencerem a uma classe social bastante desfavorecida, vão vivendo em casa de pessoas amigas. Com o exercício da parentalidade chegam mesmo a viver na rua e por isso perdem a guarda legal do(a) filho(a) ou ficam em risco de a perder.

É o caso de Soraia (E 09 / solteira / 5.º ano de escolaridade / 17 anos / mãe aos 15 e aos 17 anos / classe de origem: EE) que, ao estar grávida de cinco meses, decide sair de casa da avó. Vai viver para a casa de uma amiga até ter a filha. Nessa casa conhece Pedro, o seu actual companheiro, que também aí vive porque não tem para onde ir. Entretanto, depois de ter a filha, a avó de Soraia sugere que esta volte para casa - mas sem Pedro. Soraia não se quer separar de Pedro e rejeita esta sugestão. A avó consegue a guarda legal da filha de Soraia, que

fica a viver com a bisavó. Soraia diz-nos com uma expressão triste que “*esse intervalo da minha filha para esta filha foi um bocadinho custoso né porque fiquei sem a minha filha mais velha, ficámos!* (Soraia e o companheiro)”, “*eu não desejo a ninguém ficar sem uma filha*” [E 09 / Soraia / solteira / 5.º ano de escolaridade / 17 anos / mãe aos 15 e aos 17 anos / classe de origem: EE]. Desde essa altura que não vê a filha e só tem notícias desta através dos tios. Tal como Soraia, a filha também nunca conhece o pai. Soraia começa a viver na rua com Pedro e, ao fim de poucos meses de namoro, engravida novamente. Passa uma parte da segunda gravidez na rua. Quando tem a segunda filha, o hospital e a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens não autorizam que leve a criança do hospital. Soraia fica a aguardar que tenha uma vaga numa instituição que acolha adolescentes na sua situação, caso contrário a filha será encaminhada para adopção. Ao fim de três meses, surge a vaga na residência. Soraia e a filha vão para a instituição.

Outra situação é a de Pedro (E 12 / Pedro / solteiro / 8.º ano de escolaridade / caixeiro / 24 anos / pai aos 18 anos / classe de origem: EE) que namora com uma adolescente de 16 anos quando esta engravida. Não usa nenhum método contraceptivo. Na altura, Pedro tem 18 anos e sente-se um pouco inquieto quando sabe da novidade. Decidem viver juntos e chegam a residir na mesma casa durante cerca de dois anos. Entretanto, Pedro suspeita que a mãe da filha o trai com outro homem. Decidem pôr fim à relação e Pedro emigra para França para trabalhar. Por decisão de ambos a menina fica a viver com a mãe. Quando volta para Portugal, ainda vê a filha durante cerca de seis meses, sempre na presença da mãe, mas depois afasta-se completamente da criança. Acha que não tem de ver a filha na presença da mãe e sujeitar-se a sentir-se triste, de cada vez que se despede da filha. Actualmente, a menina tem seis anos e Pedro não vê a filha há cerca de um ano e meio. A guarda da filha não foi decidida em tribunal e Pedro não contribui financeiramente para as despesas da filha, nem sequer sabe onde ela mora. Entretanto, Pedro conhece Soraia, com 15 anos, grávida. Vive durante uns meses em casa de pessoas amigas com ela e depois acabam por viver cerca de um ano na rua. Pedro é novamente pai, desta vez de uma filha de Soraia. Como a criança fica em risco de seguir para adopção, consegue arranjar emprego e alugar um quarto para viver em Lisboa.

Estas são situações extremas, de uma grande precariedade e fragilidade económica. São pais que não conseguem – por estarem em risco e/ou por opção – dar o apoio financeiro e emocional que os seus filhos necessitam. Embora não tenham entrado efectivamente na conjugalidade, a parentalidade fragilizou ainda mais o seu percurso de vida já marcado por um processo de exclusão social, anterior ao exercício da parentalidade.

3.3 – O percurso escolar e profissional.

Os impactos da parentalidade na adolescência no percurso escolar e profissional dos adolescentes dependem em grande medida da pertença social destes. Contudo, outros factores influenciam fortemente este percurso, nomeadamente o apoio familiar que é possível e desejado atribuir (apoio ao nível financeiro, afectivo e nos cuidados à criança) e ainda o facto de o adolescente continuar a viver em casa dos pais ou emancipar-se e começar a viver sozinho ou em conjugalidade (casamento ou coabitação). A forma como os adolescentes se relacionam com os pais é, portanto, determinante para a maneira como vivenciam o percurso escolar e profissional. Efectivamente, a primeira relação com a parentalidade é a relação que iniciam com os pais, pois encontram-se num processo de re-negociação de papéis, são filhos mas também são pais e a posição na família modifica-se.

Do ponto de vista dos recursos disponíveis, quanto mais favorecida é a classe social, mais condições a família tem de dar apoio ao adolescente. Vejamos alguns exemplos dessa situação.

Andreia, com uma pertença de classe social favorecida, interrompe os estudos durante a gravidez, mas volta à escola no ano lectivo seguinte, com o apoio incondicional dos pais, pois continua a viver com estes. Termina o 12.º ano de escolaridade com 20 anos e prepara-se para os exames de acesso à universidade, dizendo-nos com um sorriso no rosto: *“tenho conseguido tudo o que quero até agora. Também me tenho esforçado para isso”* [E 02 / Andreia / Solteira / 12.º ano de escolaridade / 20 anos / mãe aos 16 anos / classe de origem: EDL]. É muito motivada pelos pais que a incentivam a realizar uma licenciatura e que a apoiam a todos os níveis, *“com o apoio dos meus pais, praticamente não deixei de fazer nada. Faço tudo à mesma. Claro que tenho uma responsabilidade diferente, né. Prontos, às vezes também tenho que ver, hoje não posso sair, prontos, porque tenho a minha filha e os meus pais às vezes também querem sair”*. Andreia diz-nos que fica muito triste quando engravida mas que depois acaba por se adaptar à ideia, até porque o namorado reage muito bem à notícia e os pais dão-lhe todo o apoio financeiro e emocional necessário. Diz-nos também que a sua vida social, escolar e profissional acaba por ir de encontro aos objectivos que tem antes de engravidar, bem como às expectativas dos pais para o seu futuro. Isto deve-se ao seu esforço e ao suporte da família.

Também Rita continua a viver com os pais que a incentivam a prosseguir os estudos, criando todas as condições financeiras para que tal seja possível, *“os meus pais sempre me*

deram o suporte todo. Aliás, não seria possível se eles não me tivessem dado o suporte económico, emocional e tudo isso. E se não tivessem prometido que eu continuasse a estudar”. Acrescenta, “as propinas custa bastante. Se os meus pais não tivessem dinheiro para suportar a mim e à minha filha eu tinha de ir trabalhar. E não estudava como é óbvio porque com 14 anos, eu a trabalhar, ia trabalhar num emprego precário, a ganhar pouco, a trabalhar muito, o que é que me restava para estudar?” [E 05 / Rita / solteira / licenciada / fisioterapeuta / 22 anos / mãe aos 14 anos / classe de origem: EDL]. Rita diz-nos que não é fácil vivenciar uma gravidez aos 14 anos, sobretudo pelo facto de achar que, naquela altura, desilude os pais. Contudo, adapta-se muito bem à ideia de ter uma filha e o apoio financeiro e emocional dado pelos pais é determinante para que isto aconteça e para que tenha uma vida social activa, um percurso escolar e profissional bem sucedido e para que a filha seja uma criança feliz e com estabilidade emocional.

Margarida é um outro caso em que, apesar de ter entrado na conjugalidade (o que pode dificultar o percurso escolar e profissional), tem um grande suporte familiar e combina com o marido que primeiro estuda ela e depois ele. Por isso, Margarida interrompe a licenciatura que está a frequentar em Lisboa (frequenta o 1.º semestre) e, enquanto está grávida, candidata-se de novo ao ensino superior. Entra num curso de que gosta e numa universidade que fica mais próxima da zona onde reside. Com a ajuda financeira dos pais, termina o bacharelato sem estar a trabalhar. Contudo, após este ciclo de estudos, é convidada a trabalhar na empresa onde estagia e tem de estudar à noite para terminar a licenciatura. Nessa altura não tem tanta disponibilidade para cuidar do filho e é o marido quem presta a maior parte dos cuidados à criança. Sobre se deixou de fazer alguma coisa por ter sido mãe aos 18 anos diz-nos com grande convicção *“Não, eu acho que não deixei de fazer nada. Posso ter atrasado algumas coisas (...) na altura os meus pais ajudaram-me e eu pude continuar os estudos. Se eles não me tivessem ajudado eu teria de ter interrompido mas isso não invalidava que eu os retomasse porque isso para mim sempre tinha sido ponto assente que eu queria continuar os estudos”* [E 06 / Margarida / casada / técnica superior de gestão / 26 anos / mãe aos 18 anos / classe de origem: PTE]. Quando termina a licenciatura, decide dedicar um ano à família e ao filho. Depois desta fase, engravida novamente, do segundo filho. Margarida diz-nos que o apoio do marido e da família permitem que não deixe de concretizar nenhum dos seus objectivos de vida, nomeadamente o da conclusão da licenciatura.

Sendo também oriunda de uma classe social bastante favorecida, Isabel tem o suporte da família na área financeira mas sente-se desapojada ao nível afectivo. Continua sempre a

estudar e quando tem o filho opta por realizar o ano lectivo em que se encontra, em dois anos. Dessa forma, pode acompanhar melhor o filho. Mais tarde, coloca o filho numa creche, embora os pais também tomem conta deste, mas “*não tinha (por parte dos pais) aquele suporte emocional e afectivo que era necessário, ainda para mais sendo adolescente*” [E 01 / Isabel / solteira / frequenta o último ano da licenciatura / 26 anos / mãe aos 16 anos / classe de origem: EDL]. Contudo, tem um grande apoio ao nível financeiro e diz-nos de forma muito tranquila que “*se formos olhar para mães... se calhar de uma classe média, que têm este como eu tenho, este este, esta estrutura toda por trás que bem ou mal me ampara em muita coisa e que não me obrigou a ir trabalhar para sustentar o meu filho, não sei quê... eu acho que só esse contexto já proporciona, já proporciona mais segurança, mais estabilidade, mais calma, mais...equilíbrio à criança*”.

Relativamente aos pais adolescentes, a situação é semelhante, ou seja, se são oriundos de uma classe social favorecida, não vêem o seu percurso de vida escolar e profissional muito alterados. Contudo, sentem de forma mais preocupante as limitações e as responsabilidades que o nascimento de um filho provoca. No que diz respeito ao percurso escolar, este não é atrasado, ao contrário do das mães, a quem tal acontece, por um ou dois anos, altura que corresponde aos primeiros anos de vida da criança e em que esta está mais dependente de um adulto. Em suma, os pais vêem os seus percursos escolares mais preservados do que o das mães.

Por exemplo, quando sabe que vai ser pai, Diogo está a estudar no 12.º ano de escolaridade e, pese embora o momento difícil que está a atravessar, consegue ingressar no curso de engenharia na Universidade dos Açores “*tinha uma noção grande das minhas responsabilidades, mas também tinha uma noção grande das minhas necessidades. Havia vezes que precisava de espairecer. Foi complicado*” [E 08 / Diogo / solteiro / a frequentar 3.º ano da universidade / 23 anos / pai aos 18 anos / classe de origem: PTE]. Decide continuar a viver em casa dos pais, sendo que a filha fica a viver com a mãe em casa dos avós maternos. Diogo diz-nos que sente a presença da filha como um entrave na sua vida, na medida em que tem outras expectativas para o futuro. Embora goste muito da filha, a chegada desta limita-o em algumas coisas, nomeadamente na sua vida social. Mas prossegue os estudos superiores sem qualquer interrupção ou atraso e com o apoio dos pais.

Contudo, nem sempre existe este apoio familiar nas classes sociais mais favorecidas. Daí a proposta de Lahire (2005), de onde podemos concluir que a classe social pode ser um factor configurador de diferentes formas de experimentar a parentalidade mas não é um factor

que homogeneíze estas vivências dentro de cada classe social. Com efeito, existem famílias que, tendo condições, não apoiam a parentalidade na adolescência, condicionando negativamente o percurso de vida do adolescente, provocando-lhe atrasos definitivos no percurso escolar e conduzindo-o a uma inserção precoce no mercado de trabalho.

É o caso de Maria, que continua a estudar no 12.º ano de escolaridade mas não consegue concluir duas disciplinas. A maternidade, aliada à necessidade de começar a trabalhar, impedem Maria de continuar a estudar e esta diz-nos com uma expressão triste que *“deixei de estudar. Nunca mais pude estudar. Tenho imensa pena. Não queria estudar um curso superior, queria ter feito um curso tecnológico e tenho imensa pena”* [E 03 / Maria / casada / 12.º ano de escolaridade (incompleto) / vendedora / 29 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: EDL]. Maria diz-nos que a sua gravidez e a maternidade são períodos muito difíceis na sua vida, pois não é apoiada nem compreendida pela família, cujos valores tradicionais e católicos fazem com que não aceitem a sua maternidade. Sente-se muito sozinha e desamparada no seu crescimento que decorre segundo ela de uma forma demasiado rápida. A maternidade e a decisão de se casar acabam por provocar a inserção precoce de Maria no mercado de trabalho impedindo-a de continuar a estudar.

Paralelamente a estas famílias existem outras que não tendo muitas condições financeiras, se revelam um melhor suporte para os adolescentes, porque lhes dão apoio afectivo e nos cuidados à criança, factor importantíssimo para que o percurso escolar e profissional dos adolescentes não tenha interrupções definitivas, sendo apenas temporariamente interrompido.

É o caso de Luísa, que continua a viver com os pais. Quer continuar a estudar *“desistir da escola nunca foi uma coisa que me passasse pela cabeça”* [E 04 / Luísa / Solteira / licenciada e pós-graduada / professora / 30 anos / mãe aos 15 anos / classe de origem: EE] e a residir com os pais. Como os pais a apoiam financeira e afectivamente, pode concretizar estes objectivos *“tive o apoio da minha mãe e do meu pai e isso foi o mais importante (...) não foi complicado porque tive muita ajuda e foi por isso que as coisas acabaram por correr bem”*. Com uma expressão pensativa diz-nos que esta foi uma fase em que *“tive de crescer muito rapidamente, tive de me adaptar à situação. Apesar de depois continuar com a escola e isso permitir-me continuar a ter aquele lado adolescente, não é, quando estava fora de casa, mas em casa cresci, tive de crescer muito rapidamente, a responsabilidade, o ter de dar de comer a horas, do ter que mudar a fralda, ter que dar o banhinho e jogar isso tudo mais a escola, foi difícil, foi difícil quer dizer, foi, mesmo com as ajudas que tinha, não foi fácil de gerir e*

obrigou-me a crescer, deu-me muito mais autonomia, muito mais responsabilidade ”. Enquanto estuda no ensino secundário, Luísa tem alguns empregos nas férias, nomeadamente como operária numa fábrica, que a fazem pensar que é melhor continuar os estudos para ter um emprego de que goste mais e que seja melhor remunerado. No 12.º ano de escolaridade, começa-se a preparar para os exames de entrada na universidade e consegue ingressar no ensino superior em Lisboa. Conclui o curso e começa a trabalhar como professora. Retoma um dos seus sonhos de adolescência, o de viajar pelo mundo, e fá-lo acompanhada pelo novo namorado e pela filha. Luísa diz-nos que a sua gravidez é desejada e que a permanência em casa dos pais, com o apoio financeiro e afectivo destes, lhe permite continuar a estudar, manter as amizades e desempenhar uma profissão de que gosta.

Também Edna, oriunda de uma classe social um pouco mais desfavorecida do que a de Luísa, continua a estudar e usufruir do apoio da família, pois continua a viver com a mãe e com o irmão. Com uma expressão de intranquilidade diz-nos que tem de se adaptar a uma série de novas situações *“foi digerir o final da relação, foi digerir o ser mãe, o estar grávida, e a família, porque aí está, como sempre fui uma menina mais ou menos certa, ninguém estava à espera e ficou todo o mundo em estado de choque e tive que me curar a mim e à família e foi muito complicado, foi muito complicado mas prontos quando a menina nasceu, não é (risos) quando a menina nasceu correu tudo bem. Apesar de não ser uma situação que estava à espera acho que não foi muito mau. A minha família apoiou-me muito (...) eles ajudaram-me muito, deram-me muito apoio. Apoio psicológico. Apoio... quando a menina nasceu deram-me apoio financeiro e... muita força para seguir em frente porque era um acidente de percurso e que acontece, e ninguém morre por causa disso e que... olha era muito nova, tinha a vida toda pela frente e foi muito importante o apoio deles (...) eu acho que foi por causa deles que eu segui em frente”* [E 10 / Edna / solteira / 12.º ano de escolaridade [a completar] / empregada de mesa / 20 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: EE]. Entretanto, enquanto está grávida, o contrato de trabalho termina e a empresa não o renova. Edna fica sem trabalho e totalmente dependente financeiramente da mãe e da ajuda dos tios. A mãe de Edna, que também tem um percurso de maternidade muito solitário (o pai também não assume as suas responsabilidades) insiste para que Edna deixe de estudar, pois acha incompatível o trabalho, a maternidade e os estudos. Mas Edna, mesmo grávida, nunca desiste dos estudos *“gravidez não é doença (risos) gravidez não é doença e depois eu... foi uma decisão, quando eu fiquei grávida né, tive que tomar muitas decisões principalmente porque depois fiquei sozinha. E eu achei que quanto melhor fosse o meu futuro, melhor para*

minha filha. E o futuro é estudar, sem dúvida e também porque sempre foi o meu sonho. Pronto... há pessoas que têm sonhos, eu ser isto, eu quero fazer aquilo, e o meu sonho sempre foi estudar e eu gosto da escola (...) sou boa aluna, tenho uma boa média” [E 10 / Edna / solteira / 12.º ano de escolaridade [a completar] / empregada de mesa / 20 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: EE]. Edna está determinada a ingressar na universidade e insiste em concluir o 12.º ano de escolaridade. Diz-nos que a sua gravidez é inesperada e que fica muito preocupada com a possibilidade de esta poder condicionar os seus sonhos de vida, em termos escolares e profissionais. Diz-nos também que pese embora este receio inicial e todas as dificuldades que tem sentido e ultrapassado, sente-se confiante de que irá ingressar na universidade e desempenhar uma profissão de que goste.

Estas situações que descrevemos de jovens oriundas de classes sociais com recursos intermédios (empregados executantes) revelam que um dos principais factores que contribui para que a maternidade não condicione fortemente o percurso escolar é o facto de continuarem a viver com os pais. Contudo, ambas as jovens têm incursões precoces no mercado de trabalho, pois os recursos financeiros das famílias não são muitos e é necessário essa ajuda suplementar. A motivação de ambas para estudar (usando a escola como veículo de mobilidade social) faz com que estas incursões no mercado de trabalho não as limitem em termos escolares.

Em outras situações, não é possível à família dar todo o apoio ao adolescente porque este se emancipou familiar e socialmente. Falamos sobretudo do apoio afectivo e dos cuidados à criança porque financeiramente os pais conseguem ir ajudando.

Flávia é um destes casos. Recupera as oportunidades escolares e de uma carreira profissional quando se separa do companheiro e volta a viver com os pais. Quando Flávia começa a viver com o pai da filha, este pede-lhe que desista da escola. Os pais não concordam mas aceitam a decisão. A mãe arranja-lhe um trabalho como empregada de balcão. Quando se separa, continua a trabalhar e volta a estudar “*as coisas não quer dizer que não se possam fazer, mais tarde, com mais dificuldade, mas faz-se. Uma pessoa se quiser mesmo...*” [E 19 / Flávia / solteira / 10.º ano de escolaridade [a estudar] / empregada de balcão / 19 anos / mãe aos 17 anos / classe de origem: PTE]. Flávia diz-nos que a conjugalidade a afastou dos seus objectivos escolares. O facto de voltar a viver com os pais e de contar com o apoio destes, permite-lhe retomar os estudos.

Outro exemplo que podemos dar é o de Vânia que quando engravidada, já tinha deixado de estudar há dois anos. Apesar de a mãe de Vânia gostar que esta fosse estudar para a faculdade, aquela refere que esse não é um objectivo seu. O apoio dado pelos pais, em especial pelo pai e pelos tios, ajudam Vânia a concretizar o sonho de ser autónoma, de ter uma casa e viver sozinha, tornando a maternidade uma oportunidade de crescimento pessoal. Arranja um trabalho como empregada de balcão, para pagar as despesas com a casa e com a alimentação. Deixa de fazer algumas das coisas que faz enquanto adolescente e diz-nos com uma expressão determinada: “*é assim... eu sei ver a realidade das coisas não é... eu sei que... deixei de fazer algumas coisas, claro, mas não me arrependo disso porque até hoje eu penso, eu quero mesmo, eu agora quero arranjar um part-time para tirar o meu curso, porque eu quero, vou fazê-lo*” [E 11 / Vânia / solteira / 9.º ano de escolaridade / empregada de balcão / 20 anos / mãe aos 18 anos / classe de origem: EE]. O entusiasmo com que Vânia vivência o seu dia-a-dia, o facto de o pai lhe pagar o infantário do filho e de os tios tomarem conta da criança quando Vânia tem de sair, permitem que esta tenha alguma liberdade e estabilidade de vida. Mas o facto de ter de trabalhar, de ter experimentado uma inserção precoce no mercado de trabalho, de viver com o filho, dificulta a conciliação disto com o objectivo de realizar um “*curso profissional de educadora de infância*”.

Quando sabe que vai ser pai, Ricardo está a estudar mas não se encontra muito motivado para a conclusão dos estudos. Por isso, deixa a escola e começa a trabalhar “*tive de deixar de estudar (...) não, mas eu já não ia à escola, já não estava muito interessado (...) fiquei preocupado porque tinha que arranjar um trabalho para poder sustentar a minha filha mas fiquei contente por ter uma filha*” [E 20 / Ricardo / casado / 10.º de escolaridade [a estudar] / ajudante de electricista / 23 anos / pai aos 19 anos / classe de origem: EE], ficando a viver em união de facto na casa do pai. Quando a filha faz um ano, ele e a companheira compram casa própria. Três anos depois de ter deixado a escola, decide recomeçar os estudos para melhorar de emprego, pois percorre diversos empregos precários. Neste novo papel de pai, Ricardo descobre outras capacidades em si que não conhece. Percepciona a realidade que o envolve de forma diferente e a paternidade torna-se uma oportunidade de crescimento pessoal.

Descrevemos, portanto, situações de adolescentes que, pertencendo a classes sociais favorecidas ou de recursos intermédios, se emancipam da família e por isso não têm todo o suporte afectivo e nos cuidados à criança, assumindo inteiramente essa responsabilidade. Isso conduz a que o percurso escolar seja interrompido, entrando na vida adulta de forma linear.

Contudo, os movimentos de reversibilidade da juventude fazem com que as interrupções escolares não sejam definitivas mas apenas transitórias. É o caso de Flávia e de Ricardo que regressam à escola. Quanto a Vânia, ainda é cedo para saber se volta à escola - mas a motivação existe.

Outras famílias, por muito que o desejem fazer, não conseguem apoiar financeiramente o adolescente, porque não têm condições para o fazer.

Vanessa tem algum apoio dos pais e da sogra, mas não é o suficiente para conseguir colocar o filho numa creche e voltar a estudar. Pese embora estudar não seja um objectivo de vida de Vanessa, pois o seu projecto de vida está mais centrado na conjugalidade, ela considera importante aumentar as qualificações escolares para uma melhor inserção no mercado de trabalho. A maternidade, aliada a um suporte familiar frágil (quer os pais, quer a sogra, com quem Vanessa vive, têm poucos recursos económicos e escolares), fazem com que Vanessa fique limitada à esfera doméstica e ao filho *“tive até aos dois anos com ele em casa”*, *“ter que educar uma criança também difícil”*, *“já tenho que ter aquela responsabilidade”* [E 15 / Vanessa / união de facto / 9.º ano de escolaridade / 18 anos / mãe aos 16 anos / classe de origem: EE]. Por isso, Vanessa é chamada pela Comissão de Protecção de Crianças e Jovens que lhe propõe que integre uma instituição de apoio a mães adolescentes para dessa forma frequentar um curso de competências para a vida que também prepara as adolescentes para o mercado de trabalho, proporcionando um pequeno estágio no final do curso. Durante o tempo em que está no curso, pode deixar o filho na creche da instituição. Vanessa aceita a proposta com entusiasmo.

Quando sabe que está grávida, Elsa já não estuda e encontra-se a trabalhar. O namorado, mais velho do que ela nove anos, também já trabalha *“também tanto eu, como ele, já trabalhávamos, não era assim aquela coisa do outro mundo e também já estávamos juntos há muito tempo”* [E 18 / Elsa / casada / 11.º ano de escolaridade / operadora de supermercado / 20 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: OO].

Outro exemplo é o de Edilson que sabe que vai ser pai quando está a estudar no 12.º ano, com expectativas de entrar para a universidade e aplica-se arduamente no futebol. Com a chegada de uma filha, tem de pôr estes planos de lado e ingressar no mercado de trabalho. Apesar de não estar com ela regularmente, porque a menina vive com a mãe na costa Alentejana, a chegada desta acaba por mudar a sua vida. Sobretudo porque ingressa no mercado de trabalho numa altura em que se quer dedicar aos estudos e ao futebol. Mas tem de

começar a trabalhar para poder contribuir para as despesas com a filha e, por isso, diz-nos com os ombros encolhidos *“larguei o futebol e larguei a escola. Que eu também na escola... eh pá... tenho noção que podia ter continuado (...) eu também não tinha ideias de largar, largar a escola. Podia ter continuado. Tanto a escola como o futebol”*, *“eu queria seguir ... marketing e publicidade”*, *“para mim modificou-me a vida dos pés à cabeça (...) o que é que mudou? Mudou tudo, tudo. Então olha, eu vivia com os meus pais, tinha uma disciplina na escola a acabar só, jogava à bola, ainda, tinha a minha vida totalmente diferente, a minha vida era para outro lado, só queria saber de futebol, só queria saber... tinha boa vida, tinha mesmo boa vida. Eu já ganhava dinheiro no futebol e tive que trocar. O dinheiro que ganhava no futebol não dava para nada. Para mim na altura dava porque era só para mim. Tive que ir trabalhar, larguei o futebol, tive que acabar a disciplina na escola, com o custo que acabei, nem eu sei como é que acabei. Modificou tudo! Dos pés para a cabeça. Hoje em dia está totalmente diferente. Não sei se tivesse continuado, se tava bem, se tava mal mas acho também que em termos de, outro lado, tou um bocado bem, tou bem, considerando, olhando, para os outros jovens que temos por aí, uma boa condição até”, “se eu tivesse sido pai aos 17 anos, ou mesmo aos 19 anos, mas que os meus pais tivessem uma outra condição e que me pudessem ajudar e me pudessem lançar de outra forma, pronto, totalmente diferente, acho que não, não deve haver grandes diferenças não é... mas agora ser uma pessoa no início de vida, ter que procurar, lutar por tudo ainda e ter uma criança ao meio, uma criança é despesa, é sempre complicado”* [E 13 / Edilson / solteiro / 12.º ano de escolaridade / empregado de mesa / 23 anos / pai aos 19 anos / classe de origem: EE]. Mas para Edilson a paternidade também é uma oportunidade de crescimento pessoal *“se calhar se uma pessoa... se calhar, se eu não tivesse sido pai, se calhar não tinha um carro estacionado à porta de casa já e não tinha uma casa porque não tinha mudado o meu estilo de vida”*. A paternidade empurra Edilson para o mercado de trabalho, desempenhando funções em empregos estáveis. Isso permite-lhe ter alguma autonomia financeira, comprar carro e casa. Edilson afirma que ser pai naquela altura não é fácil porque significa abandonar dois projectos de vida: a continuação dos estudos na universidade e o futebol que é algo muito importante para si. Contudo, também nos diz que a paternidade é uma oportunidade de crescimento pessoal e que actualmente tem uma vida profissional e financeira relativamente estável para um jovem da sua idade.

Estes adolescentes que não podem ser apoiados pelas famílias do ponto de vista financeiro, não têm grandes alternativas. Ou ingressam precocemente no mercado de trabalho,

antes de entrarem na parentalidade (caso de Elsa). Ou interrompem os estudos para trabalhar e sustentar o filho (exemplo de Edilson). Ou ficam em casa a cuidar dos filhos (caso de Vanessa). Se, no caso de Elsa, a pertença de classe condiciona fortemente o seu percurso escolar e profissional, no caso de Vanessa e de Edilson, esse condicionamento deve-se, sobretudo, à parentalidade.

Finalmente, apresentamos o caso das famílias com poucos recursos financeiros, que não apoiam de todo a maternidade ou a paternidade dos filhos, mesmo quando isso é possível, quer através da manutenção do adolescente em sua casa e do apoio afectivo, quer nos cuidados à criança.

Soraia tem 15 anos e está a estudar no 5.º ano de escolaridade quando engravida pela primeira vez. Os seus objectivos de vida não passam pela continuação dos estudos. As fracas qualificações escolares, a par da ausência de suporte familiar, impedem-na de ser autónoma financeiramente e de constituir uma nova unidade doméstica. Engravidada pela segunda vez quando está a viver na rua com o namorado. Fica a viver na rua durante quase um ano e diz-nos com uma expressão triste *“foi muito complicado (...) e tava grávida... passei um bocadinho, passámos muita fome, muitas necessidades (...) a única ajuda que eu pedia não era só para mim, era para nós os dois e ninguém achava certo eu pedir ajuda para nós os dois. Mas até hoje se me perguntarem o que eu quero fazer eu respondo por nós os dois. Não consigo ver o meu futuro sem ele”* [E 09 / Soraia / solteira / 5.º ano de escolaridade / 17 anos / mãe aos 15 e aos 17 anos / classe de origem: EE]. Quando dá à luz pela segunda vez, o hospital e a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens não a deixam levar a criança. Fica a aguardar vaga numa residência que acolhe mães adolescentes, caso contrário a criança segue para adopção. Consegue a vaga e fica dependente de uma instituição de acolhimento para mães adolescentes. Soraia não pode contar com o apoio e o suporte da família para educar as filhas de forma autónoma.

Com quatro meses de gestação Neusa é posta fora de casa pelo pai e decide dormir em casa de amigas até ao momento do parto. Diz-nos com uma expressão bastante triste que *“fiquei muito tempo sem falar com o meu pai. Muito tempo mesmo porque ... sei lá, chocou-me muito porque foi a fase que eu precisava mais deles e eles... nem me ajudaram, nem um pouco. Fiquei muito tempo sem falar com o meu pai”* [E 16 / Neusa / união de facto / 9.º ano de escolaridade / desempregada [última profissão: auxiliar de acção médica] / 24 anos / mãe aos 15 anos / classe de origem: OO]. Continua a estudar até ao 8.º mês de gestação mas depois tem de interromper esse ano de escolaridade. Durante a gravidez, também não tem

apoio do namorado ou dos irmãos. É um momento muito solitário em que vai sempre sozinha às consultas médicas. Quando está para ter a filha, vai ter com a mãe que a acompanha ao hospital, juntamente com o namorado e os pais deste. A filha nasce e, como o pai não a aceita em casa, Neusa decide ir a casa do namorado dizer que não tem outro sítio onde ficar e que tem de morar ali com a filha. Começa a viver em casa do namorado com os pais deste e depressa tem de se adaptar a cozinhar, tratar da casa, da filha e da roupa “*para mim isso tudo era uma novidade, não sabia fazer nada disso*” [E 16 / Neusa / união de facto / 9.º ano de escolaridade / desempregada [última profissão: auxiliar de acção médica] / 24 anos / mãe aos 15 anos / classe de origem: OO]. São tarefas que desconhece totalmente e cujo exercício a fazem sentir-se adulta muito rapidamente “*tornei-me logo mulher muito rápido (...) nem brinquei, nem me diverti. Por isso é que eu às vezes penso: o que seria se eu não tivesse tido. Mas é giro, agora*”. Quando a filha tem seis meses decide começar a trabalhar numa pizzeria em Lisboa e estudar no ensino recorrente à noite. Consegue completar o 9.º ano de escolaridade. Contudo, quando está a realizar um curso de formação profissional de que gosta muito, tem de desistir, pois um problema de saúde da filha exige da sua parte um grande acompanhamento à menina. Neusa diz-nos que a gravidez é a pior coisa que lhe acontece na vida. Traz-lhe muitas tristezas, muitos momentos difíceis e obriga-a a crescer muito rapidamente. Diz-nos também que o exercício da maternidade a faz perder uma série de oportunidades escolares e profissionais.

Também Pedro tem uma infância e adolescência repleta de sinuosidades. Chega mesmo a estar internado, durante dois anos, na Casa Pia de Lisboa. A mãe tem uma situação social muito precária e não lhe pode dar muito suporte social. Pedro só estuda até ao 8.º ano de escolaridade. Mas, no seu caso, os constrangimentos de classe sobrepõem-se à parentalidade que não lhe altera o percurso de vida. Para Pedro, as crianças devem ficar sempre com as mães. É a estas que compete a responsabilidade de educar os filhos “*tu é que és mãe, ficas tu com a miúda*”, “*não consigo meter na cabeça tirar os filhos às mães*” [E 12 / Pedro / solteiro / 8.º ano de escolaridade / caixeiro / 24 anos / pai aos 18 anos / classe de origem: EE]. Acabar a relação com a mãe da filha significa, também, quebrar a relação com a filha. Este é um dos casos onde é bastante evidente a assimetria de género e a forma como esta liberta Pedro de todas as responsabilidades do exercício da parentalidade, não lhe alterando o percurso de vida escolar e profissional que está condicionado pelo facto de pertencer a uma classe social bastante desfavorecida e de não contar com qualquer apoio familiar.

À semelhança de Pedro, também Luís não vê o seu percurso de vida escolar e profissional alterado com a chegada da filha, pois os constrangimentos de género condicionam o exercício da parentalidade “*os pais têm sempre aquela tendência: se a menina precisa de alguma coisa a mãe está lá. Por acaso já era um bocadinho assim. Admito, admito que era (...) a bebé chorava, levantava-me mas depois deitava-me outra vez, depois tinha de ir lá a mãe*” [E 17 / Luís / solteiro / 9.º ano de escolaridade / operário / 20 anos / pai aos 18 anos / classe de origem: OO]. Com a separação da mãe da filha o Luís passa a vê-la com menor frequência e o envolvimento que tem na educação desta é mais reduzido, embora lhe dê uma mesada. Os constrangimentos de classe também se sobrepõem à parentalidade. Se Luís não fosse pai, muito provavelmente também deixaria de estudar no 9.º ano de escolaridade, pois acha que não tem capacidade para continuar a estudar.

Zé deixa de estudar quando completa o 9.º ano de escolaridade. Tem vários empregos, quase todos precários. Quando tem um emprego mais estável, decide viver em união de facto com a namorada, em casa da mãe. Entretanto, sem saber, uma adolescente com quem mantém uma relação amorosa escondida, engravida. Uns meses depois a namorada de Zé também engravida. Mais tarde, separam-se e decide viver sozinho numa antiga casa do pai, com muito poucas condições, situada num bairro de lata perto de Lisboa. As mães dos dois filhos ficam desempregadas e passam por um momento económico difícil. Os filhos de Zé ficam durante algum tempo a viver com este, aos seus cuidados, uma vez que tem uma casa e um emprego permanente. Um dos filhos fica com Zé cerca de seis meses e o outro um ano. O Zé diz-nos de forma muito tranquila que “*vieram os dois morar comigo. Fiquei com os dois aqui a morar comigo. O mais velho, o Edilson, ficou a morar comigo só para aí uns 6 meses. O mais novo é que ficou mais tempo. Yah. E depois meti eles na creche, meti eles na creche, eles frequentavam a creche e depois a carrinha vinha aqui buscar eles. Levava, trazia. (...) eu de manhãzinha, a carrinha vinha buscar eles, mandava eles para a creche e depois eu ia trabalhar. Por volta das seis a carrinha vinha trazer eles, só que eu nessa hora ainda não estava aqui. Ficavam aqui com a vizinha e depois quando eu chegava do trabalho ia buscar eles, não sei quê, e depois cuidava deles. Era um bocadinho complicado porque eram dois*” [E 13 / Edilson / solteiro / 12.º ano de escolaridade / empregado de mesa / 23 anos / pai aos 19 anos / classe de origem: EE]. As mães estabilizam um pouco a vida profissional e os filhos regressam a casa destas. Zé comparticipa em todas as despesas dos os filhos e visita-os todos os fins-de-semana levando-os a passear. E apesar da chegada de dois filhos, estes não alteram o percurso de vida escolar e profissional de Zé, que entrou de forma linear na vida adulta.

Com efeito, já não estuda, trabalha e vive sozinho. Contudo, a sua situação económica agrava-se com a parentalidade e a vida de Zé modifica-se, sobretudo quando os filhos vivem com ele. O que nos revela que o impacto da parentalidade no percurso de vida dos pais também depende em grande medida do grau de envolvimento destes. E, no caso de Zé, diz-nos de forma muito convicta que *“sinto-me na obrigação de estar presente na vida deles, na educação deles”*.

Destas situações em que os adolescentes não têm apoio familiar podemos esboçar dois cenários um pouco diferentes, em função do género e da idade com que experimentam a parentalidade. No caso das raparigas - Soraia e Neusa - a maternidade ocorre muito cedo (com 15 anos) e esta condiciona fortemente o percurso escolar e profissional de ambas; Neusa consegue apesar de tudo recuperar um pouco o atraso escolar, pois volta à escola, com muito esforço, para concluir o 9.º ano de escolaridade. No caso dos rapazes – Pedro, Luís e Zé - , são pais um pouco mais tarde (aos 18 ou 19 anos) e já não estudam (ou perspectivam que tal aconteça a curto prazo), encontrando-se a trabalhar. Ou seja, a parentalidade não afecta o seu percurso escolar e profissional, porque entram na vida adulta de forma linear, com um percurso escolar curto e poucas qualificações profissionais. Consideramos que a assimetria de género presente nas representações de Luís e Pedro facilitam o alheamento parcial ou total destes, relativamente à educação dos filhos.

3.4 – As sociabilidades juvenis.

Esta é uma área em que o impacto da parentalidade na adolescência é bastante menos visível no caso dos pais do que no das mães. Com efeito, as sociabilidades juvenis dos pais não são tão afectadas, sobretudo no caso dos pais oriundos de classes sociais desfavorecidas. Uma das razões que contribui para que isto aconteça prende-se com a assimetria de género (mais visível nestas classes), que permite aos pais ter mais disponibilidade para as sociabilidades juvenis já que delegam muitas das tarefas educativas (dar de comer, mudar a fralda, aconchegar no choro, dar banho, etc) na mãe (v.g Pedro e Luís). Outra razão que pode ser apontada está relacionada com o facto de não viverem com o(a) filho(a).

Por exemplo, com a paternidade, Edilson [E 13 / solteiro / 12.º ano de escolaridade / empregado de mesa / 23 anos / pai aos 19 anos / classe de origem: EE] intensifica a sua vida social, pois a filha vive com a mãe na Costa Alentejana e este não tem de assegurar os cuidados diários à filha. Actualmente, Edilson sai com mais frequência do que antigamente:

joga às cartas, joga xadrez, navega na internet, vê filmes em casa dos amigos, etc. E o seu grupo de amigos modifica-se um pouco, embora mantenha o contacto com os amigos que tem antes de trabalhar.

Apesar de a assimetria de género ser uma tendência que observamos com maior intensidade nas classes sociais mais desfavorecidas e se traduz na delegação de todos os cuidados diários à criança na mulher, também existem casos de pais de classes sociais favorecidas que delegam essas tarefas nas mães. Contudo, o exercício da parentalidade também tem algum impacto nas sociabilidades destes adolescentes de classes mais favorecidas, pois estão mais envolvidos na educação do(a) filho(a), por comparação aos pais de classes desfavorecidas na mesma situação, ou seja, que também não vivem com os filhos.

É o caso de Diogo que nos diz que *“sempre que tinha hipótese de fugir com o rabo à seringa, entre aspas, de mudar fralda, de dar banho, descartava-me sempre, sempre fui mais naquela de brincar com a rapariga e tudo (...) e nunca esqueci foi a parte de educação. Educada. Quando chega a hora, quando é preciso dar carinho, tá-se lá para dar o carinho. Quando é preciso brincar, tá-se lá para brincar. Mas também quando é preciso... serrar os olhos e... os dentes, também se serra os olhos e os dentes e olha-se para ela e: é! isso não se faz”* [E 08 /Diogo / solteiro / a frequentar 3.º ano da universidade / 23 anos / pai aos 18 anos / classe de origem: PTE]. A partir dos dois anos de idade, a criança torna-se mais autónoma e passa mais tempo em casa do pai, cerca de três a quatro dias por semana. O exercício da parentalidade tem impacto nas suas sociabilidades juvenis e diz-nos com uma expressão séria: *“tive uma outra carga de responsabilidades, acabei por me cortar em algumas coisas, mas sinto que na mesma acabei por fazer tudo, não na frequência com que queria fazer mas acabei por fazer tudo (...) por exemplo em termos de convívio, já não se podia conviver com tanta frequência, até às horas que queria e... é assim complicado porque há uma criança que é nova e às vezes mesmo com um problema de consciência porque embora não vivêssemos juntos eu tinha hipótese de conviver e conviver muito mais que a mãe, sinceramente, a mãe só convivia na minha presença mas não por imposição minha mas por opção da parte dela. Eu também sempre fui uma pessoa que... e a gente sempre que ela podia estava comigo. Não podia conviver, não podia ter certos programas, por exemplo, 3, 4 dias, cortei algumas coisas, sobretudo o à vontade nesses convívios, tinha sempre uma preocupação nesses convívios, se bem que a mãe é que abdicou de muita coisa”, “(...) não fui o pai que devia. Porque... é pá as alturas que... quando a gente sente que o filho é um entrave... se bem que ele não tem culpa nenhuma disso. Em determinadas alturas por mais que eu me recrimine,*

era isso que eu pensava na altura. Eh pá não posso fazer isso. As vezes que eu tinha as minhas necessidades. E sentia necessidade de abdicar das minhas necessidades”.

Contudo, existem casos de pais de classes sociais desfavorecidas que tratam dos filhos, apesar da já referida assimetria de género. Para estes pais, a parentalidade tem um forte impacto nas suas sociabilidades juvenis.

É o caso de Zé que assume, durante algum tempo, a responsabilidade de ser pai de duas crianças “*eu queria ser pai, né, eu mas eu ... sabia que ia ter algumas responsabilidades mas ainda não estava sentido, não estava ainda bem interiorizado na pele. E quando eu senti mesmo foi quando eles vieram morar comigo*” [E 14 / Zé / solteiro / 9.º ano de escolaridade / barbeiro / 23 anos / pai aos 19 e aos 20 anos / classe de origem: OO]. Zé sente que deixa de sair com tanta frequência com os amigos e que não pode comprar tudo aquilo de que gosta, tendo muitas limitações financeiras. Por isso, diz-nos com uma expressão pensativa: “*quando eu fui pai deixei muitas coisas, deixei de sair com os meus amigos, deixei de comprar coisas que eu queria, fui um bocadinho... quando nós somos pais assim novos, com 19 anos, temos que hummm é muito mais responsabilidades. Eu fui sempre, desde novo, um bocadinho responsável, então não me custou tanto a ser responsável (...) eu com 19 anos fazia compras lá para casa e não sei quê. Para ela e para a criança e também para a minha família, né. (...) só que eu também tinha de comprar cenas pra criança e não sei quê. Depois também quando eu... também depois tinha de comprar coisas para o Edilson né. E o meu ordenado às vezes não chegava. E depois quando eu queria comprar um ténis ou não sei quê, muitas vezes não comprava. Queria sair com os meus amigos à noite, muitas vezes não tinha dinheiro. Houve muitas vezes assim ”.*

Vejamus outro exemplo de um pai que, pertencendo a uma classe social desfavorecida, vê as suas sociabilidades juvenis ligeiramente alteradas com o início da conjugalidade. As práticas de lazer de Ricardo mudam um pouco e este adapta-se à nova condição de pai “*não deixei de fazer nada, o que eu fazia também não era... não era muito bom para a saúde, nem nada, sair à noite e essas coisas. Acho que foi bom para mim porque assentei e... pronto, dei um rumo à vida que se calhar até agora se eu não tivesse uma filha, a minha vida se calhar ainda estava como estava antes... só passear*” [E 20 / Ricardo / casado / 10.º de escolaridade [a estudar] / ajudante de electricista / 23 anos / pai aos 19 anos / classe de origem: EE]. Com efeito, deixa de ir à discoteca “*já não vou à discoteca por causa da minha filha e também porque já não me interessa muito*” embora continue a sair para jantar e para ver futebol com o mesmo grupo de amigos.

Mas este impacto nas sociabilidades juvenis dos pais não se assemelha ao que a maternidade tem nas sociabilidades das raparigas, sobretudo nos dois primeiros anos de vida da criança, quando esta ainda está muito dependente dos cuidados de um adulto. As mães ficam mais limitadas nas suas sociabilidades juvenis, pese embora existam diferenças consoante a pertença social de classe, o tipo de apoio familiar e a situação na conjugalidade.

Observamos que uma boa parte das mães adolescentes pertencem a uma classe social bem mais favorecida do que a dos pais das suas crianças e vêem o seu tempo mais ocupado, estando menos disponíveis para investir nas amizades e nas sociabilidades. Esta predominância no assumir dos cuidados à criança, resultado de socialmente se responsabilizar as mulheres por estas tarefas, limita um pouco as sociabilidades juvenis destas mães. Mas nestes casos, acontece com frequência que ao fim de cerca de dois anos (quando a criança se torna mais autónoma) o apoio familiar permite que a mãe adolescente recupere as suas relações de amizade.

É o caso de Isabel que, nos primeiros dois anos de vida do filho, não sai muito com os amigos, devido às responsabilidades de ser mãe. Depois deste período, o filho começa a ser mais autónomo e Isabel começa a sair com um grupo de amigos um pouco mais velhos *“sinto que adiei algumas coisas... saídas à noite por exemplo, a malta ia, iam todos e a Isabel ficava em casa a cuidar do bebé hummm eu sei, quer dizer, eu lembro-me perfeitamente que pra aí até ao segundo ano dele... eu não saía mesmo, estava com eles durante o dia, vinham cá a casa, não sei quê, mas saídas à noite, isso não. Depois para aí a partir, porque o André para dormir era assim um casosinho sério, hummm a partir dos dois quando ele já começou a dormir melhor (...) então de vez em quando já saía. Ok nesses dois anos interrompi mas depois comecei devagarinho a fazer e a ir ao cinema e, no fundo também a conciliar a vida de mãe com a vida de adolescente”* [E 01 / Isabel / solteira / frequenta o último ano da licenciatura / 26 anos / mãe aos 16 anos / classe de origem: EDL].

Também Andreia decide começar a sair com os amigos e a ter uma vida social muito activa a partir dos dois anos da filha e diz-nos com um grande sorriso: *“ah saio, eu levo uma vida que é de uma lorde (risos). É como se fosse uma filha também para eles (para os avós), eles também são novos e, prontos, como o meu pai é casado com a minha mãe, né, prontos é a netinha, é isto, é aquilo, e muitas vezes ficam com ela para mim sair. Também como ela dorme a noite toda, né, para às vezes eu ir para a discoteca ou, prontos, sair um bocadinho, eles ficam sempre com ela”, “Com o apoio dos meus pais, praticamente não deixei de fazer nada. Faço tudo à mesma. Claro que tenho uma responsabilidade diferente, né. Prontos, às*

vezes também tenho que ver, hoje não posso sair, prontos, porque tenho a minha filha e os meus pais às vezes também querem sair” [E 02 / Andreia / Solteira / 12.º ano de escolaridade / 20 anos / mãe aos 16 anos / classe de origem: EDL].

Temos outros exemplos de mães que têm as suas sociabilidades um pouco afectadas apesar de manterem as amizades, não sentindo os condicionamentos da maternidade de forma negativa. Pelo contrário, assumem a mudança nas sociabilidades juvenis como algo necessário e que compensa pelo prazer de ser mãe.

É o caso de Rita que continua a sair com os amigos, arranjando tempo para a sua vida social embora se tenha filiado em outro tipo de práticas e de amizades. Diz-nos num discurso bastante consistente que *“durante algum tempo, obviamente que eu não ia sair com os meus amigos porque não fazia sentido, deixa de ser um objectivo nosso, se calhar fazer o que os meus amigos fazem, gostam de ir ao café, deixa de ser um objectivo, quando não é um objectivo nosso, quando não o desejamos, é como se não o estivéssemos a perder (...) mas obviamente que eu saio (...) saio, neste momento namoro quando tenho oportunidade, faço as mesmas coisas, não há nada que ela (a filha) me limite. Eu faço... sai ela comigo, não é, vai com os meus amigos, se calhar inclino-me mais para pessoas mais velhas e já com filhos da idade dela (...), ou seja, eu faço é as minhas coisas de outra forma, mas nunca me limitei, nem sinto que tenha perdido a minha adolescência, nem pouco mais ou menos” [E 05 / Rita / solteira / licenciada / fisioterapeuta / 22 anos / mãe aos 14 anos / classe de origem: EDL].*

Também Luísa não se afasta dos amigos e mantém sempre uma relação de proximidade com estes *“os mesmos amigos que tinha sempre continuei a ter” [E 04 / Luísa / Solteira / licenciada e pós-graduada / professora / 30 anos / mãe aos 15 anos / classe de origem: EE],* embora não possa sair à noite e ter todas as práticas de sociabilidade juvenil que um adolescente tem. Especialmente, no que diz respeito às saídas à noite. Diz-nos num discurso bastante linear que *“deixei de fazer aquilo que tinha idealizado para mim. Portanto, eu quando era miúda dizia sempre, olha eu não quero ter filhos, dizia que não queria ter filhos, que o meu sonho era terminar o 12.º ano e meter uma mochila às costas e andar de país em país (...) o meu objectivo era conhecer o mundo. E isso ficou logo de parte, ficou fora de questão e que agora estamos a retomar, estamos a fazer isso com ela, eu com o meu namorado (...) o mais importante é que nada daquilo que eu perdi, perdi com angústia. Portanto, foram opções. Deixei de fazer isso. Pronto, isso foi aquilo que mudou não é. Mas depois toda aquela fase da adolescência, das discotecas e não sei o quê, não vivi isso com angústia. O facto de não ter vivido isso, de não ter vivido a adolescência da mesma forma*

que as outras pessoas da minha idade a viveram hummmm não me fez diferença nenhuma. Pronto, acho que aquilo que eu não vivi ou que eu perdi, foi no fundo aquilo que eu tinha perspectivado para ser a minha vida, não é. Não queria ter filhos, não queria ter marido (...) quando as coisas aconteceram a minha perspectiva foi, olha não faço agora, faço depois, tipo a vida é longa e hei-de ter tempo de recuperar. E a verdade é que acabei, acabo agora não é por estar a recuperar. Não é por acaso que estou na casa dos meus pais ainda”, “foi um bocado agarrada aos livros, à casa, à Yara, sempre em função dela, a minha juventude baseou-se um bocadinho nisso, saía também, às vezes saía à noite, a minha mãe ficava com ela, uma vez ou outra ia à discoteca, mas foi mais pautada pela vida familiar e escolar (...) vivi um bocadinho, mais tarde, se calhar na faculdade (...) Sou um bocado condicionada pela família e pronto, dei prioridade a isso e não me arrependo”.

Outro exemplo é o de Vânia que deixa de fazer algumas das coisas que podia ter feito enquanto adolescente e que mantém os amigos, mas com outras práticas de convívio, mais restritas à casa, “*não tenho aquela vontade de ir para discotecas porque eu comecei a sair aos 11 anos, já tenho muita experiência de vida nesse aspecto (...) a mim não me faltou nada nesse aspecto*”, “*Éramos muitos vadios (com os amigos dela)*” [E 11 / Vânia / solteira / 9.º ano de escolaridade / empregada de balcão / 20 anos / mãe aos 18 anos / classe de origem: EE].

Elsa entra em conjugalidade e de vez em quando ainda sai. Contudo, o facto de ter duas gémeas e a necessidade que sente em ser autónoma impede-a de pedir com frequência aos pais que fiquem a tomar conta das meninas “*em termos de sair, cortei um bocado, apesar de que a minha mãe, é uma mãe que ajuda sempre. Só que de vez em quando, a gente também não pode abusar e ir todas as semanas dizer, olha mãe, vá ficar com elas. Também não vamos estar a abusar dela todos os fins-de-semana. Só aí é que cortou um bocadinho*”, “*apesar de ter mãe e pai, já tenho consciência de que tenho de me desenrascar sozinha*” [E 18 / Elsa / casada / 11.º ano de escolaridade / operadora de supermercado / 20 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: OO].

Paralelamente a estas adolescentes que com o apoio familiar mantêm as sociabilidades juvenis ou as recuperam quando o(a) filho(a) ganha alguma autonomia, bem como as que se adaptam a outro tipo de práticas e de sociabilidades, podemos também referir um outro caso de uma mãe de uma classe social favorecida que perde as suas sociabilidades juvenis com o exercício da maternidade, uma vez que não tem apoio familiar nesse sentido. Efectivamente, a maternidade e a conjugalidade afastam Maria das amigas e das sociabilidades juvenis e esta

diz-nos com uma expressão de tristeza e insatisfação que *“Eu não tive juventude nenhuma. Por isso... hummm... aquilo que eu senti falta...na altura o sair para mim era uma coisa muito importante e que eu não pude gozar isso, aquelas viagens com amigos, de agarrar numa mochila e metermo-nos num comboio nunca pude fazer, que é uma coisa que hoje ainda digo, ahhh tenho tanta pena (...) adorava, achava muita giro, e depois como tive aquela educação que não podia porque era rapariga, não sei quê, não sei quantos mais, portanto não fiz. E depois engravidei, saí de casa e acabei por não fazer nada”, “a pessoa depois sente-se muito mais adulta ao pé dos nossos amigos (...) sentimo-nos um bocado deslocados porque como tivemos de crescer muito rapidamente depois não estamos bem no meio”* [E 03 / Maria / casada / 12.º ano de escolaridade (incompleto) / vendedora / 29 anos / mãe aos 19 anos / classe de origem: EDL].

Outra razão para uma mãe adolescente perder as suas sociabilidades juvenis prende-se com o acentuar da assimetria de género, mais um ingrediente aliado à conjugalidade. É o caso de Flávia, que se afasta completamente de todos os amigos e vive para a filha e para a relação amorosa *“em relação aos amigos... possivelmente não são eles que se afastam de ti, somos nós que nos afastamos deles, por inúmeras razões às vezes. Também há aqueles amigos que não se afastam. Eu pelo menos no meu caso isolei-me bastante, tanto que desapareci praticamente (...) deixei a net, deixei isso tudo”* [E 19 / Flávia / solteira / 10.º ano de escolaridade [a estudar] / empregada de balcão / 19 anos / mãe aos 17 anos / classe de origem: PTE]. Com a separação do namorado e o apoio dos pais, retoma estas sociabilidades.

Nos casos das mães adolescentes oriundas de meios sociais mais desfavorecidos e cujo apoio familiar é tendencialmente mais escasso, por vezes estas só recuperam as sociabilidades juvenis quando a criança é mais crescida e frequenta o 1.º ciclo do ensino básico. Assim sendo, atrasam a recuperação das sociabilidades juvenis, face às mães que podem contar com o apoio familiar nos cuidados à criança. Sentem, por isso, que ficam mais limitadas negativamente ao nível das suas sociabilidades.

Por exemplo, só agora Neusa começa a sair à noite com o namorado e a ter práticas de sociabilidade que não concretiza na adolescência e diz-nos, com alguma preocupação, que *“eu acho que como agora recuperei um pouco a liberdade, assim dizendo... tenho medo de voltar àquilo tudo, depois fico com medo porque é assim, não tive o apoio de ninguém, tenho medo de voltar a sofrer aquilo que eu passei, para mim foi muito mau, muito mau, muito, muito mesmo”* [E 16 / Neusa / união de facto / 9.º ano de escolaridade / desempregada [última profissão: auxiliar de acção médica] / 24 anos / mãe aos 15 anos / classe de origem: OO].

Também Vanessa se sente isolada e acha que as adolescentes que não têm filhos cedo “*podem curtir mais, sem responsabilidades. Podem namorar e tudo*” [E 15 / Vanessa / união de facto / 9.º ano de escolaridade / 18 anos / mãe aos 16 anos / classe de origem: EE]. O início de uma vida a dois, quer seja através da coabitação quer do casamento, decisão que decorre do exercício da parentalidade, condiciona quase sempre as sociabilidades juvenis, mesmo a dos pais, pois a disponibilidade para estar com os amigos é menor.

Em suma, enquanto no caso das mães as mais afectadas nas suas sociabilidades são as de classes desfavorecidas (mais sobrecarregadas com os cuidados diários à criança, pois não têm apoio familiar nesse sentido e/ou porque a assimetria de género as impele a essas tarefas), no caso dos pais, os que sentem mais o impacto nas sociabilidades juvenis são os de classes sociais mais favorecidas porque estão mais envolvidos na educação na criança e valorizam mais esta área da vida (o lazer), embora como referimos anteriormente, os impactos na vida destes são muito menores, por comparação aos impactos na vida das mães.

3.5 – Ideais-tipo de exercício da parentalidade na adolescência.

Vimos como a parentalidade na adolescência tem diferentes impactos na carreira escolar-profissional, na carreira familiar-conjugal e nas sociabilidades juvenis dos progenitores, que resulta da interacção de diferentes factores como a classe social de origem, o género, a situação na conjugalidade e a relação e apoio dos pais ou outros familiares. Posto isto, encontramos uma diversidade de percursos de parentalidade na adolescência que nos interessa caracterizar, identificando os traços significativos e pertinentes, ou seja, os traços “puros” de cada ideal-tipo¹⁸ de vivência deste acontecimento. De tal forma que nos permite criar cinco designações para ideais-tipo que abarcam a diversidade de percursos existentes na parentalidade na adolescência e que passaremos em seguida a descrever e explicar.

Um primeiro tipo de parentalidade que encontramos pode ser designado de **Parentalidade Cooperante**. Este ocorre sobretudo nas classes sociais mais favorecidas e nos

¹⁸ Nesta fase da investigação recorreremos ao conceito de ideal-tipo proposto por Max Weber na medida em que pretendemos tornar mais inteligível a experiência dos adolescentes que vivenciam a parentalidade até aos 19 anos. O conceito de ideal-tipo visa atingir o típico, ser uma síntese de características máximas. É um modelo racionalmente construído, constructo metodológico que, não existindo na realidade, permite ao investigador compará-lo com os casos reais e compreender estes a partir da racionalização das distâncias em relação ao ideal-tipo. Trata-se, portanto, de uma reconstrução racionalizante de comportamentos com um carácter particular (Aron, Raymond, 1994). Para Weber o conceito de ideal-tipo “*não tem outro sentido senão o de um conceito limite (Grenzbegriff) puramente ideal, pelo qual medimos (messen) a realidade a fim de clarificarmos o conteúdo empírico de alguns dos seus elementos importantes, e com o qual comparamos a mesma realidade*” (Weber in Aron, 1994, 548).

adolescentes com perspectivas escolares mais ambiciosas (v.g. de ingresso na universidade). Tratam-se de adolescentes que podem contar com um forte apoio dos pais, ao nível económico, emocional e nos cuidados à criança e que ficam na maior parte dos casos a viver com eles. Daí que o designemos “parentalidade cooperante”, uma vez que é coadjuvada pelos pais de um ou dos dois progenitores. Estamos também a falar de adolescentes que não vêem os seus percursos escolares e profissionais afectados com o exercício da parentalidade, embora as mães possam, em alguns casos, atrasar um pouco os estudos nos dois primeiros anos de vida da criança, quando esta ainda está muito dependente dos cuidados maternos mas recuperam este atraso rapidamente. São jovens que estão a estudar na universidade ou que já concluíram uma licenciatura. Relativamente às sociabilidades juvenis, observa-se que estas são afectadas, quer no caso dos pais, que se envolvem na educação dos filhos, quer, sobretudo, no caso das mães, nos dois primeiros anos de vida da criança (pese embora estas não se afastem dos amigos, não se alongam muito em termos de saídas, em especial as nocturnas). Em geral, estes são indivíduos onde se observa, de forma predominante, um modelo experiencial de prolongamento da juventude.

Um segundo ideal-tipo de parentalidade é aquele que designamos **Parentalidade Desprotegida** e que também ocorre nas classes sociais mais favorecidas, que possuem os recursos financeiros e culturais para apoiar o adolescente, mas que se recusam a fazê-lo devido aos valores católicos e tradicionais com que pautam a sua vida. Nestes casos, o adolescente vê-se desprotegido e sem um suporte económico e afectivo que o possa ajudar a vivenciar aquela experiência. Vê-se, assim, forçado a ingressar precocemente no mercado de trabalho sem qualificações escolares e profissionais, desempenhando profissões pouco qualificadas e precárias, tendo a parentalidade um forte impacto negativo na sua carreira escolar-profissional. Ora, devido ainda a estes valores católicos transmitidos pela família, entram precocemente na conjugalidade através do casamento. Esta entrada linear na vida adulta condiciona fortemente as sociabilidades juvenis e o adolescente deixa de se identificar com as práticas de lazer dos indivíduos da sua idade e acaba por se afastar das amizades e do espaço de convívio.

Encontramos um outro ideal-tipo de parentalidade que designamos **Parentalidade Autónoma**. Engloba adolescentes oriundos de classes sociais mais desfavorecidas (por comparação aos ideais-tipo cooperante e desprotegida), de recursos intermédios, que podendo contar com o apoio emocional dos pais, não podem contar com um apoio financeiro que lhes permita ficar totalmente dependente destes e usufruir de todo o suporte que poderia advir

dessa situação. Por isso, desempenham as suas funções parentais de forma mais autónoma e ingressam precocemente no mercado de trabalho, com algumas qualificações escolares (na maior parte das vezes com o ensino secundário, completo ou frequentado) mas não as suficientes para terem empregos qualificados. Este ingresso precoce no mercado de trabalho, que limita as perspectivas educacionais, permite, uma vez obtida alguma estabilidade financeira, a conjugalidade através do casamento, ou a opção de uma vida a solo. Neste ideal-tipo, constatamos que as sociabilidades juvenis não se perdem, alteram-se. Com efeito, os adolescentes descobrem novas práticas e formas de lazer.

Um outro ideal-tipo de parentalidade designamos por **Parentalidade Frágil**, pois o suporte familiar que está por detrás da vivência deste acontecimento é mesmo bastante ténue. São adolescentes oriundos de famílias muito desfavorecidas, com poucos recursos económicos e culturais e isso traduz-se na forma frágil e sinuosa com que o seu percurso parental é vivenciado. São adolescentes que são conduzidos a entrar na conjugalidade por via da coabitação, que deixam a escola muito cedo, embora consigam completar o 9.º ano de escolaridade e que ingressam precocemente no mercado de trabalho, com muito poucas qualificações escolares, oscilando entre empregos precários e mal remunerados. Com todas estas mudanças - a entrada na conjugalidade e no mercado de trabalho - as sociabilidades juvenis acabam por ser afectadas. No caso das mães porque a assimetria de género que marca as suas relações afectivas as impele a serem as únicas a cuidar da criança diariamente. No caso dos pais porque não têm condições financeiras para manter as sociabilidades juvenis de antigamente. Também estes adolescentes entram de forma linear na vida adulta.

Finalmente, existe um outro ideal-tipo de parentalidade que designamos por **Parentalidade Demitida**, pois o adolescente escolheu não acompanhar a educação do filho, optando por não o ver ou perdendo a guarda legal da criança, em virtude de não ter condições económicas para suportar a responsabilidade de educar e cuidar de uma criança. São adolescentes oriundos de famílias muito desfavorecidas e desestruturadas que não conseguem completar a escolaridade mínima obrigatória e vivenciam experiências de desemprego longas, por vezes mesmo incluindo a vivência na rua durante algum tempo. São acompanhados pela Comissão de Protecção de Crianças e Jovens ou por outro tipo de instituições que prestam apoio social. As sociabilidades juvenis destes progenitores são inexistentes, já que a pertença a uma classe social muito desfavorecida e um percurso de vida cheio de sinuosidades e obstáculos acabam por condicionar e sobrepor-se ao exercício da parentalidade. A chegada de

uma criança agrava as sinuosidades do seu percurso de vida já frágil e condicionado pela origem social bastante desfavorecida.

Acabámos de identificar e descrever cinco ideais-tipo de parentalidade na adolescência, designados a partir das modalidades de apoio familiar que os adolescentes recebem e da forma como se relacionam com a parentalidade. Sabemos que este tipo de proposta apresenta sempre algum reducionismo, pois não dá conta da riqueza e dos detalhes das histórias que nos foram relatadas. Contudo, revela-se necessário este passo, com o intuito heurístico de apreender as principais tendências da realidade da parentalidade na adolescência, muito diversificada e, como vimos, nem sempre necessariamente problemática e negativa. Pelo contrário, pode ser uma oportunidade de crescimento pessoal, experienciada entre perdas e ganhos e que não afecta necessária e negativamente o percurso escolar, profissional ou mesmo as sociabilidades juvenis.

CONCLUSÃO

Expostos que foram os impactos da parentalidade na adolescência investigados neste trabalho, passemos agora à conclusão, organizando e resumindo todos os dados, de forma a dar ênfase ao modo como os impactos se evidenciam segundo o género, a posição social da família de origem, o apoio familiar (económico, afectivo e nos cuidados à criança) que é possível e desejado atribuir e a situação na conjugalidade (casamento, coabitação ou se o adolescente continua a viver em casa dos pais).

Para as mães adolescentes, esta é uma experiência bastante absorvente nos dois primeiros anos de vida da criança, já que fica muito dependente dos cuidados de um adulto. Como socialmente se atribui à mãe a responsabilidade destes cuidados, as mães adolescentes ficam muitas vezes sobrecarregadas (sobretudo quando o apoio familiar é escasso nesta matéria), por vezes atrasando ou interrompendo os estudos. Contudo, quando existe um apoio familiar a todos os níveis, os estudos não são afectados e a adolescente prossegue o percurso previsto. Ainda assim, as suas sociabilidades ficam sempre mais limitadas ou simplesmente se anulam, embora este impacto difira um pouco em função do envolvimento dos avós. Comparativamente, a maioria dos pais não vê o seu percurso escolar atrasado ou interrompido, embora nos casos em que o pai se envolve na educação da criança e cumulativamente pertence a uma classe social desfavorecida, ingresse precocemente no mercado de trabalho, interrompendo os estudos, para participar nas despesas da educação da criança. Em outras situações, estes pais já estão inseridos no mercado de trabalho e, algumas vezes, envolvidos mesmo em processos de exclusão social anteriores à própria parentalidade. Nestes casos, desde que haja envolvimento, quer da mãe, quer do pai adolescente, a parentalidade agrava a situação de exclusão social.

Os adolescentes oriundos de classes sociais mais favorecidas são tendencialmente mais apoiados pelas famílias a todos os níveis, minimizando o impacto da experiência deste acontecimento na sua carreira escolar-profissional, na carreira familiar-conjugal e nas sociabilidades juvenis. Os adolescentes que pertencem a uma família com recursos intermédios já não podem contar com os mesmos apoios ao nível económico, mas o apoio ao nível afectivo e nos cuidados à criança pode ser bastante importante para que o adolescente não atrase muito ou interrompa o seu percurso escolar. Mas esta questão é mais evidente no caso das mães adolescentes onde, efectivamente, existe esse risco de interrupção dos estudos. Paralelamente, nas situações dos adolescentes de classes sociais desfavorecidas, a

parentalidade exercida sem um grande suporte familiar empurra os adolescentes para um ingresso precoce no mercado de trabalho, sem grandes qualificações escolares, comprometendo o seu futuro profissional.

Importa agora distinguir entre o apoio familiar que é possível dar, daquele que é desejado atribuir. Por vezes, estes não são coincidentes. Com efeito, nas classes sociais mais favorecidas, o adolescente nem sempre é suficientemente apoiado, pese embora existam recursos para que tal aconteça. No caso da ausência de apoio económico, este é explicado pelo facto de serem famílias com valores tradicionais e católicos que rejeitam o início da vida sexual desenquadrada do casamento e conseqüentemente a experiência da parentalidade na adolescência. Estes valores também explicam a ausência de apoio ao nível afectivo ou nos cuidados à criança. Contudo, esta ausência de apoio, sobretudo nos cuidados à criança, também se pode dever à entrada na conjugalidade dos adolescentes, efectuada através da saída da casa dos pais. Nestes casos, a distância física não facilita o apoio.

De facto, nas situações em que os progenitores continuam a viver com os pais, é possível manter mais facilmente as sociabilidades juvenis e prosseguir os estudos sem grandes interrupções ou atrasos, mas como vimos, estas são situações que ocorrem com maior frequência nas classes sociais mais favorecidas. Nas classes sociais de recursos intermédios, a parentalidade conduz os adolescentes com maior frequência à conjugalidade ou à decisão de viverem sozinhos. Já nas classes sociais muito desfavorecidas, a parentalidade pode conduzir mesmo a situações mais drásticas, como a possibilidade de viver na rua. Nestes casos, o adolescente já se encontra num processo de exclusão social anterior à parentalidade que é agravado por este acontecimento.

Assim sendo, existem franjas da população onde a experiência da parentalidade na adolescência pode comportar maior risco social. Este risco é evidente nos casos dos adolescentes que já se encontram em processos de exclusão social (famílias desestruturadas e com poucos recursos económicos) e cuja motivação para a parentalidade decorre de fracas expectativas escolares e profissionais. Contudo, existe uma outra franja da população, com uma origem social de recursos intermédios, onde a parentalidade condiciona negativamente o percurso escolar e profissional, sobretudo se não houver um apoio familiar muito expressivo. Este apoio é decisivo na forma como a parentalidade é vivida.

Para os adolescentes de classe social mais favorecida, este acontecimento pode ser percebido de forma mais dramática, por se ponderar perdas e ganhos em termos de

sociabilidades juvenis e de percurso escolar e profissional, mas na realidade é tendencialmente vivido sem interrupções no percurso escolar e com um menor impacto nas sociabilidades juvenis.

A parentalidade na adolescência não é necessariamente um acontecimento vivido de forma negativa pelos adolescentes, mas se não for suficientemente apoiada pela família pode comportar riscos sociais que, como vimos, se podem reflectir no percurso escolar e nas sociabilidades juvenis. Embora em alguns casos isto não se aplique, uma vez que os adolescentes já se encontram em processos de exclusão social anteriores à própria parentalidade, sendo que a pertença de classe social se sobrepõe à experiência da parentalidade. Com efeito, os adolescentes oriundos de classes sociais mais desfavorecidas têm tendência a conhecer percursos escolares mais curtos e entradas precoces no mercado de trabalho, anteriores à própria parentalidade. Daí que, nestes casos, a parentalidade seja um culminar de etapas e de uma entrada linear na vida adulta, consumada pelo início da conjugalidade.

Os adolescentes mais apoiados, que pertencem a uma classe social mais favorecida ou têm ambição de mobilidade social através da escola, filiam-se num modelo experiencial de prolongamento da juventude, adiando algumas das etapas e, por vezes, fazendo experiências (v.g. coabitação, conciliação emprego e estudos) para ver se resultam. Em suma, a parentalidade na adolescência tem de ser analisada à luz das diferentes classes sociais onde ocorre, fazendo cruzar este olhar com o do género. Dessa forma, podemos compreender e explicar a diversidade de percursos na adolescência e a forma diferenciada como estes adolescentes fazem a sua transição para a vida adulta.

A parentalidade na adolescência é primeiramente uma relação do adolescente com os seus pais. O adolescente vê-se confrontado com uma dupla posição na família - o facto de ser filho e de vir a ser mãe/pai, bem como de ser jovem e de poder ascender ao estatuto de adulto. Esta duplicidade origina tensões e angústias no adolescente que são ultrapassadas, quase sempre, quando a notícia é dada aos pais ou quando a criança efectivamente nasce. Depois desta fase de indefinição, reposicionam-se papéis, o adolescente procura adaptar-se a esta nova situação e assimilar o seu novo papel social.

Outra questão interessante observada nesta investigação é o facto de os pais terem aceitado conceder a entrevista. No início do trabalho pensámos encontrar algumas resistências nesta concessão, mas a realidade mostrou-se diferente. Com efeito, em traços gerais, os pais

adolescentes estão bastante envolvidos afectivamente na educação e crescimento dos seus filhos. Esta tese dá precisamente luz a essa relação entre pais e filhos.

Em suma, a parentalidade na adolescência tem custos ao nível das oportunidades, das condições e da qualidade de vida da maior parte dos adolescentes que a vivenciam, com excepção dos que experimentam uma parentalidade cooperante. Quanto mais desfavorecida é a classe social do adolescente e/ou menor é o apoio familiar, mais custos a parentalidade comportará. Referimo-nos a oportunidades escolares e profissionais, a condições financeiras e ao tempo para o lazer. E são as mães as mais afectadas por este acontecimento, especialmente nos dois primeiros anos de vida da criança, pois os filhos ficam à sua responsabilidade e, muitas vezes, uma forte assimetria de género facilita o alheamento parcial ou total dos pais.

Este trabalho procura dar conta da realidade da parentalidade na adolescência, promovendo um olhar pelas diferentes experiências marcadas pela classe social de origem e pela pertença de género. Pensamos e esperamos dar conta dessa realidade tão diversificada e muitas vezes percepcionada como um acontecimento vivido da mesma forma pelos adolescentes. Descrevemos e explicamos como existem diferentes percursos de parentalidade na adolescência e de como diferentes factores – classe social, género, situação na conjugalidade e apoio familiar – configuram estes diferentes percursos. O resultado deste trabalho traduz-se, em última análise, na identificação de cinco ideais-tipo de experiência da parentalidade: cooperante, desprotegida, autónoma, frágil e demitida, que variam em função dos factores atrás mencionados. Esperamos que esta investigação ilumine a experiência da parentalidade na adolescência, dando conta da riqueza das experiências destes jovens e da forma como estas experiências podem contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno.

Em termos de pistas de investigação para futuros trabalhos, consideramos que existem várias questões que podem ser exploradas.

Uma primeira questão prende-se com a necessidade de compreender as razões que conduzem a que Portugal seja um dos países da Europa – UE15 – onde a maternidade na adolescência é mais elevada, sobretudo nas adolescentes até aos 14 anos. Já colocámos a hipótese de que, embora a taxa de actividade feminina seja bastante elevada em Portugal, as perspectivas profissionais das mulheres são mais limitadas, já que procuram e estão normalmente inseridas em empregos pouco qualificados. Contudo, e em simultâneo, nos níveis mais avançados de escolaridade predominam as mulheres, embora estas possam ser apenas uma pequena parte da potencial população activa feminina. Estas são pistas de

investigação que consideramos importante explorar, se possível através de uma comparação com dados recolhidos em outros países da UE15.

Pensamos ainda que será interessante aprofundar a experiência da maternidade que ocorre nas adolescentes até aos 14 anos. Se Portugal é um dos países da União Europeia – UE15 – onde a taxa de maternidade nesta faixa etária é mais elevada, vale a pena investigar melhor as razões e os custos desta experiência nesta franja da população.

Outra questão prende-se com o facto de ainda se encontrar por realizar um levantamento estatístico da paternidade adolescente em Portugal e na Europa (onde não existem dados disponíveis). Falamos de trabalhos que requerem investimento financeiro mas que pensamos ter interesse devido aos custos que a parentalidade na adolescência tem na vida de uma parte dos adolescentes que experimentam este acontecimento.

Importa também, em estudos futuros, identificar a forma como a instituição escola se organiza dentro da escolaridade obrigatória para dar resposta a adolescentes grávidas e futuros pais adolescentes e de que forma essa organização se reflecte na carreira escolar-profissional do adolescente.

Finalmente, consideramos relevante desenvolver um estudo que analise a parentalidade na adolescência à luz das diferentes pertenças étnicas e da forma como essa pertença pode configurar diferentes percursos de parentalidade na adolescência. Esse não é um objectivo deste estudo mas fica a curiosidade de explorar esse caminho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ana Nunes de e Maria das Dores Guerreiro. 1993. “A Família”. *in* Luís de França (Coord.). **Portugal: Valores Europeus, Identidade Cultural**. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento. p. 181-219.
- ALMEIDA, Ana Nunes de, Cristina Ferreira, Filipa Ferrão e Isabel André. 1995. **Os padrões recentes da fecundidade em Portugal**. Cadernos Condição Feminina, Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, Ministério do Emprego e da Segurança Social.
- ALMEIDA, Ana Nunes de. 2003. “Família, conjugalidade e procriação: valores e papéis”, *in* Vala, Jorge e outros (Orgs.). **Atitudes Sociais dos Portugueses. Valores Sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa**. Lisboa: ICS (Instituto de Ciências Sociais).
- ALMEIDA, Ana Nunes de, Isabel Margarida André e Piedade Lalanda. 2002. “Novos padrões e outros cenários para a fecundidade em Portugal”, **Análise Social**, N.º 163, p. 371-409.
- ALMEIDA, Ana Nunes de (Coord.), Duarte Vilar, Isabel Margarida André e Piedade Lalanda. 2004. **Fecundidade e Contraceção. Percursos de Saúde Reprodutiva das Mulheres Portuguesas**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- ALMEIDA, José Miguel Ramos de. 1987. **Adolescência e maternidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- AMÂNCIO, Lígia. 1993. “Género – Representações e identidades”, **Sociologia, Problemas e Práticas**, N.º 14, p. 127-140.
- ARON, Raymond. 1994. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA. 2003. **Mamãs de Palmo e Meio: Gravidez e maternidade na adolescência**, Lisboa.
- ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA. 2005. **Mamãs de Palmo e Meio: Testemunhos**, Lisboa.
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE SOCIOLOGIA. s.d. **Seminários realizados – Secção de Família, Género e Sexualidade**, Lisboa.
- BOURDIEU, Pierre. 1999. **A Dominação Masculina**. Oeiras: Celta Editora.
- BOURDIEU, Pierre. 2002. “Estruturas, habitus e práticas”. *in* Pierre Bourdieu, **Esboço de Uma Teoria da Prática, Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila**, Oeiras: Celta Editora, p. 163-185.
- BOZON, Michel, Elaine Reis Brandão, Maria Luiza Heilborn, Estela Aquino e Daniela Knauth. 2001. “Juventude e família: reflexões preliminares sobre a gravidez na adolescência em camadas médias urbanas”. *in* **Interseções: Revista de estudos interdisciplinares**, n.º 2, p.159-180.
- BOZON, *et al.* 2002. “Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência”. *in* **Horizontes Antropológicos**, n.º 17, p. 13-45.
- BURGESS, Robert G. 1997. **A Pesquisa de Terreno: uma introdução**. Oeiras: Celta Editora.

- CANAVARRO, Maria Cristina e Ana Isabel Pereira. 2001. “Gravidez e maternidade na adolescência: perspectivas teóricas”. in Canavarro, Maria Cristina (Coord.). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*, Coimbra: Quarteto Editora.
- COSTA, António Firmino da. 1999. *Sociedade de Bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Oeiras, Celta Editora, p. 189-288.
- EUROSTAT. 2006. *Educação e Formação*.
- EUROSTAT. 2006. *Emprego*.
- EUROSTAT. 1960, 1970, 1980, 1990, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005. *População e Condições Sociais – Demografia*.
- FERNANDES, Michèle de Lima. 2004. *Maternidade na adolescência: contributos para a caracterização de um perfil sociológico*. Dissertação de Mestrado em Demografia e Sociologia da População (policopiado). Lisboa: ISCTE.
- FERREIRA, Pedro Moura e Sofia Aboim. 2002. “Modernidade, laços conjugais e fecundidade: a evolução recente dos nascimentos fora do casamento”, *Análise Social*, N.º 163, p. 411-446.
- FERREIRA, Pedro Moura. 2004. “Maternidade Precoce: tendências e perfis”. in *Textos II Congresso Português de Demografia*, Associação Portuguesa de Demografia, Lisboa.
- FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE. 1998. *The State of Adolescent Motherhood in the South of the European Union*.
- FURSTENBERG, Frank F Jr, J. Brooks-Gunn e S. Philip Morgan. 1989. *Adolescent Mothers in Later Life*. Cambridge: University Press.
- GALLAND, Olivier. 1997. *Sociologie de la jeunesse*. Paris : Armand Colin.
- GASPAR, Ana Micaela. 1997. *Quando a Cegonha Bate à Porta – Abordagem Sociológica da Maternidade na Adolescência*. Dissertação de Licenciatura em Sociologia (policopiado), ISCTE.
- GERARDO, Filomena. 2004. “Maternidade na adolescência: uma forma de integração social e/ou exclusão social”. in *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.
- GHIGLIONE, Rodolphe e Benjamin Matalon. 1997. *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- INE. 1960, 1970, 1981, 1991, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005. *Estatísticas Demográficas*.
- INE. 1960, 1970, 1981, 1991, 2001. *Recenseamento Geral da População*.
- JONES, Elise F., e outros. 1986. *Teenage pregnancy in industrialized countries*. Yale University Press: London.
- LAHIRE, Bernard. 2005. “Patrimónios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 49, p. 11 – 42.
- LE VAN, Charlotte. 2006. “La grossesse à l’adolescence: un acte socialment déviant?”, *Adolescence*, N.º 55, p. 225-234.
- LYRA, Jorge Luiz Cardoso. 1997. *Paternidade Adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social (policopiado). São Paulo: PUC/SP.
- LOURENÇO, Maria Madalena de Carvalho. 1998. *Textos e contextos da gravidez na adolescência. A adolescente, a família e a escola*. Lisboa: Edições Fim de Século.

- MACINTYRE, Sally e Sarah Cunningham-Burley. 1993. "Teenage pregnancy as a social problem: a perspective from the United Kingdom". in LAWSON, Annett e Deborah Rhode. 1993. *The Politics of pregnancy: adolescent sexuality and public policy*. New Haven: Yale University Press.
- MARQUES, Ana Cristina Henriques. 2005. *Do primeiro beijo ao primeiro filho – o roteiro sexual para uma maternidade na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Família e Sociedade (policopiado). Lisboa: ISCTE.
- MAXWELL, Joseph A. 2005. *Qualitative Research Design – an Interactive Approach*, London: Sage Publications.
- MONTEIRO, Teresa Líbano. 2005. *Famílias e Novos Movimentos Religiosos: trajetória familiar, individualização e identidade espiritual*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia (policopiado). Lisboa: ISCTE.
- PAIS, José Machado. 1993. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- PAIS, José Machado. 1999. *Traços e Riscos de Vida*. Porto: Editora Âmbar.
- PAIS, José Machado. 2001. *Ganchos, Tachos e Biscates*. Porto: Editora Âmbar.
- PAIS, José Machado. 2002. *Sociologia da Vida Quotidiana*. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais.
- PAPPÁMIKAIL, Lia. 2004. "Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, N.º 46, p. 91-116.
- PHOENIX, Anne. 1991. *Young Mothers ?*. Cambridge: Polity Press.
- Quivy, Raymond e Luc Van Campenhout. 1992. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- REIS, Vânia Teresa Moura. 2004. **Jovens Pais e Jovens Mães – experiências em camadas populares**, Dissertação de Doutoramento em Serviço Social (policopiado). Universidade Católica de S. Paulo.
- RODRIGUES, Teresa. 2005. *As vivências e os percursos das mães adolescentes de meios desfavorecidos*. Dissertação de Mestrado em Família e Sociedade (policopiado). Lisboa: ISCTE.
- RODRÍGUEZ-SPITERI, Pilar Escario. 1994. *Embarazo en Adolescentes*. Madrid: Institut de la Juventud.
- SIM-SIM, Maria Margarida Santana Fialho. 1997. *Mães – meninas – meninas - mães – abordagem fenomenológica da maternidade na adolescência*, Dissertação de Mestrado em Enfermagem (policopiado). Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas.
- SILVA, Miguel Oliveira. 1992. *A gravidez na adolescência – Relevância Clínica da Intervenção Pré-natal*. Tese de doutoramento, Lisboa: Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Lisboa.
- SOARES, Isabel, Maria Clara Marques, Carla Martins, Bárbara Figueiredo, Inês Jongenelen e Raquel Matos. 2001. "Gravidez e maternidade na adolescência – um estudo longitudinal". in Canavarro, Maria Cristina (Coord.), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*, Coimbra: Quarteto Editora.

TORRES, Anália Cardoso. 2002. “Casamento: conversa a duas vozes e em três andamentos – A relação entre vida conjugal e trabalho”. *Actas do IV Congresso Português de Sociologia – Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos*. Associação Portuguesa de Sociologia, Oeiras: Celta Editora.

TRINDADE, Ellika e Maria Alves de Toledo Bruns. 1999. *Adolescência e Paternidade. Um Estudo Fenomenológico*. Ribeirão Preto: Holos Editora.

VILAR, Duarte e Ana Micaela Gaspar. 1999. “Traços Redondos” em PAIS, José Machado (Coord.). *Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*. Porto: Editora Âmbar.

VINOVSIS, Maris A. 1992. “Historical Perspectives on adolescent pregnancy”. in Rosenheim, Margaret K. e Mark F. Testa. 1992. *Early Parenthood and coming of age in the 1990s*. New Jersey: Rutgers University Press.

Anexos

Anexo I

Guião de entrevista

GUIÃO DE ENTREVISTA

Introdução

Para obter o diploma de Mestre em Sociologia, pelo ISCTE, estou a realizar uma tese sobre a temática da maternidade e paternidade na adolescência, com o objectivo de conhecer as diferentes experiências de vida dos pais e mães adolescentes.

A concretização deste estudo implica a realização de entrevistas a jovens que tenham vivenciado este acontecimento, a fim de recolher informação relacionada com esta experiência de vida.

Gostaria que soubesse o seguinte:

- Só fala daquilo que quiser;
- Não existem respostas certas ou erradas, trata-se de uma conversa, sem qualquer intuito de avaliar as respostas. O importante é conhecer a sua experiência e as suas opiniões;
- É importante que esta entrevista decorra num local tranquilo, para que não haja ruídos que possam perturbar a nossa conversa. Se possível, mantendo o telemóvel desligado;
- Se concordar, também é importante que a entrevista apenas conte com a minha presença, para que haja privacidade. Caso apareça alguém, a entrevista será interrompida até que possamos ficar de novo a sós.

Solicitar autorização para gravar

É importante que a concessão desta entrevista seja registada através de gravação áudio, para um melhor tratamento da informação. Comprometo-me a ser a única pessoa a ouvir a entrevista e a que esta fique exclusivamente na minha posse. Caso venha a ser necessário transcrever excertos da entrevista para a tese, comprometo-me a garantir o total anonimato e confidencialidade da entrevista, alterando ou ocultando todos os elementos que o (a) possam identificar. Farei com que não seja possível que alguém possa saber que aquela entrevista foi dada por si.

CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DO (A) ENTREVISTADO (A)

1. Idade actual:
2. Concelho de residência:
3. Freguesia de residência:
4. Onde é que passou a sua infância e a adolescência? Bairro, cidade...
5. Naturalidade / Nacionalidade:
6. Prática religiosa:
7. Situação na conjugalidade:
8. N.º de filhos e idade (s):
9. N.º de irmãos e posição na fratria:
10. Pessoas com quem vive (agregado familiar):
11. Principal meio de vida:
 - 1) Vive do seu próprio salário
 - 2) Vive do salário das pessoas com quem vive
 - 3) Beneficia de subsídio de desemprego ou as pessoas com quem vive beneficiam
 - 4) Beneficia de Rendimento Social de Inserção ou as pessoas com quem vive beneficiam
 - 5) Vive de rendimentos próprios
 - 6) Outra situação

Percurso educativo e profissional

12. Nível de escolaridade que completou:
13. Qual a escola frequentada e a área de estudos:
14. Se ainda está a estudar, em que ano se encontra:
15. Se não está a estudar, com que idade terminou / interrompeu os estudos:
16. Condição perante o trabalho:
 - 1) Emprego permanente (vínculo efectivo)
 - 2) Emprego ocasional (vínculo precário - contrato termo certo ou recibo verde)
 - 3) Desempregado(a)
 - 4) Estudante
 - 5) Formação profissional
 - 6) Reformado(a)
 - 7) Doméstico(a)
 - 8) Outra condição. Qual?
17. Profissão principal. (actual ou última no caso de não exercer actualmente profissão).
Agradecemos que a sua resposta fosse a mais detalhada possível.

18. Situação na profissão (actual ou última no caso de não exercer actualmente profissão):

- 1) Trabalhador por conta de outrem
- 2) Trabalhador por conta própria sem pessoal ao serviço
- 3) Trabalhador por conta própria com pessoal ao serviço (quantas pessoas?)
- 4) Trabalhador familiar não remunerado
- 5) Outra. Qual?

19. Que outras profissões já exerceu:

20. Motivo pelo qual deixou de exercer a sua última profissão ou a única profissão que exerceu:

21. No caso de não ter prosseguido nos estudos a nível superior, frequentou algum curso de formação profissional:

Caracterização da família de origem do (a) entrevistado (a)

22. Naturalidade e nacionalidade: Pai - Mãe

23. Prática religiosa: Pai - Mãe

24. Nível de escolaridade que completaram: Pai - Mãe

25. Condição perante o trabalho (actual ou última, no caso de algum deles ter falecido):

Pai - Mãe

- 1) Emprego permanente (vínculo efectivo)
- 2) Emprego ocasional (vínculo precário - contrato termo certo ou recibo verde)
- 3) Desempregado(a)
- 4) Formação profissional
- 5) Reformado(a)
- 6) Doméstico(a)
- 7) Outra condição. Qual?

26. Profissão principal (actual ou última, no caso de algum deles não exercer actualmente profissão ou ter falecido). Agradecemos que a sua resposta fosse a mais detalhada possível. Pai - Mãe

27. Situação na profissão (actual ou última, no caso de algum deles não exercer actualmente profissão ou ter falecido): Pai - Mãe

- 1) Trabalhador por conta de outrem
- 2) Trabalhador por conta própria sem pessoal ao serviço
- 3) Trabalhador por conta própria com pessoal ao serviço (quantas pessoas?)
- 4) Trabalhador familiar não remunerado
- 5) Outra. Qual?

Caracterização do pai / mãe da criança

(quando não for possível realizar a entrevista àquele+a)

28. Idade actual:

29. Onde vive actualmente:

30. Naturalidade e nacionalidade:
31. Prática religiosa:
32. Situação na conjugalidade:
33. Nível de escolaridade que completou:
34. Actual condição perante o trabalho (ou última no caso de não ter conhecimento):
- 1) Emprego permanente (vínculo efectivo)
 - 2) Emprego ocasional (vínculo precário - contrato termo certo ou recibo verde)
 - 3) Desempregado(a)
 - 4) Estudante
 - 5) Formação profissional
 - 6) Reformado(a)
 - 7) Doméstico(a)
 - 8) Outra condição. Qual?
35. Profissão principal (actual ou última no caso de não exercer actualmente profissão ou de não ter conhecimento). Agradecemos que a sua resposta fosse a mais específica possível.
36. Situação na profissão (actual ou última no caso de não exercer actualmente profissão ou de não ter conhecimento):
- 1) Trabalhador por conta de outrem
 - 2) Trabalhador por conta própria sem pessoal ao serviço
 - 3) Trabalhador por conta própria com pessoal ao serviço (quantas pessoas?)
 - 4) Trabalhador familiar não remunerado
 - 5) Outra. Qual?

Caracterização do cônjuge

(quando casado(a) ou coabitar com outra pessoa que não o pai / mãe da (s) criança (s)):

37. Idade actual:
38. Naturalidade e nacionalidade:
39. Nível de escolaridade que completou:
40. Actual condição perante o trabalho:
- 1) Emprego permanente (vínculo efectivo)
 - 2) Emprego ocasional (vínculo precário - contrato termo certo ou recibo verde)
 - 3) Desempregado(a)
 - 4) Estudante
 - 5) Formação profissional
 - 6) Reformado(a)
 - 7) Doméstico(a)
 - 8) Outra condição. Qual?
41. Profissão principal (actual ou última no caso de não exercer actualmente profissão). Agradecemos que a sua resposta fosse a mais específica possível.

42. Situação na profissão (actual ou última no caso de não exercer actualmente profissão):

- 1) Trabalhador por conta de outrem
- 2) Trabalhador por conta própria sem pessoal ao serviço
- 3) Trabalhador por conta própria com pessoal ao serviço (quantas pessoas?)
- 4) Trabalhador familiar não remunerado
- 5) Outra. Qual?

I - MATERNIDADE / PATERNIDADE / PAPÉIS DE GÉNERO

Recuando no tempo...

1. Foi mãe / pai aos ... anos. Conte lá como foi.

PRÁTICAS / OBJECTIVO

2. Quem escolheu o nome do bebé?
3. Quando soube que ia ser pai / mãe o que sentiu?
4. Desejava engravidar naquela altura?¹⁹
5. Quando soube que estava grávida tinha quanto tempo de gestação? E como soube que estava grávida? Fez um teste de gravidez? Estava acompanhada?
6. Manteve segredo sobre a gravidez? Se sim, durante quanto tempo? O que sentiu durante esse período de tempo?
7. Quem foi a primeira pessoa a saber que estava grávida? Falou com essa pessoa? Como foi?
8. O que é que usava para evitar a gravidez?
9. Como decorreu a gravidez? O que sentiu nesse período?
10. Foi uma gravidez de termo ou considerada de risco?
11. Deixou de trabalhar ou estudar durante a gravidez?
12. Teve vigilância médica pré-natal a partir de quando? Foi num estabelecimento estatal ou privado? Quem a acompanhava às consultas?
13. Teve alguns cuidados / restrições durante a gravidez ao nível, por exemplo, da alimentação (fritos, gorduras), ingestão de bebidas alcoólicas, hábitos tabágicos?

¹⁹ Adaptar as questões 4 a 16 ao pai.

14. Como decorreu o parto? Que recordação do momento do parto? Teve algum acompanhante? Quem?
15. Que tipo de parto foi (Cesário, normal, ventosa/fórceps)? Recebeu anestesia?
16. Nos primeiros meses de vida do bebé amamentou-o? Que recordação tem da primeira vez que isso aconteceu?
17. Existe muita vezes a ideia, até mesmo entre os médicos, de que a gravidez na adolescência traz riscos de saúde acrescidos, para a mãe e/ou para o bebé. No seu caso, a mãe da criança ou a criança tiveram algum problema de saúde, durante a gravidez, o parto ou no primeiro ano de vida do bebé?
18. Que idade tinha a mãe / pai do bebé quando este nasceu?
19. Em relação ao pai / mãe do bebé qual foi a reacção dele (a) quando soube da gravidez? E qual foi a reacção quando viu o bebé? Actualmente como descreveria a relação dele(a) com o filho?
20. Posso perguntar que tipo de relacionamento tem com o (a) pai / mãe do seu filho? Como é que o descreveria ao longo do tempo, antes de engravidar e actualmente?
21. E como é a sua relação com o seu filho?
22. Se separados, quem tem a guarda do filho (a)? Esta foi decidida de comum acordo ou legalmente? Com quem vive agora a criança?
23. Como foi a reacção em sua casa quando souberam da gravidez? E a reacção dos seus amigos? E a dos vizinhos e/ou colegas?
24. Actualmente como é que eles reagem à sua maternidade / paternidade?
25. Sente que deixou de fazer alguma coisa na vida por ter sido pai / mãe mais cedo do que é habitual? E em relação ao pai / mãe da criança?
26. Na sua família conhece alguém que também tenha sido pai ou mãe na adolescência? No seu grupo de amigos? E na zona onde vive?
27. Voltou a ser pai / mãe? Se sim, com que idade? Conte lá como foi.
28. Se separados, e o pai / mãe do seu filho, voltou a ser pai/mãe?
29. Gostaria de voltar a ter filhos? Porquê?

REPRESENTAÇÕES / SUBJECTIVO

GRUPO A

Pais que assumem (ainda que parcialmente) a maternidade / paternidade

30. O que significa para si ser pai / mãe? O que é que isso acrescentou à sua vida?
31. O que é mais difícil na tarefa de ser pai / mãe?
32. O que dá mais prazer / satisfação?
33. Sentiu-se mais “adulto” com a chegada de um filho? Sentiu que as pessoas (família, amigos) passaram a tratá-lo(a) de forma diferente? Porquê?
34. Se um (a) amigo (a) seu+a tivesse agora 1... anos e lhe disse que ia ser pai (ou que estava grávida) que conselho lhe daria?

GRUPO B

Pais que abandonaram ou estão separados

30. O que significa para si ser pai / mãe?
31. No plano das hipóteses, o que é que acha que pode ser mais difícil na tarefa de ser pai / mãe?
32. E o que poderá dar mais prazer / satisfação?
33. Pensa que o seu filho seria beneficiado se estivesse mais vezes presente na sua vida?
34. Sente a falta do seu filho?
35. E acha que o seu filho sente a sua falta?
36. Já pensou em fazer alguma coisa para mudar essa situação?
37. Se um (a) amigo (a) seu+a tivesse agora 16 anos e lhe dissesse que ia ser pai (ou que estava grávida) que conselho lhe daria?

Continuação para todos

35. Pensando em geral, acha que o nascimento de um filho, pode provocar maiores mudanças na vida das mães do que na vida dos pais? Porquê?
36. Quais acha que devem ser as obrigações de uma mãe e de um pai para com o seu filho? Têm responsabilidades iguais ou nem por isso?

37. De acordo com a sua experiência, acha que poderá haver diferenças entre ser mãe ou pai na adolescência e sê-lo numa idade adulta? Porquê?
38. Portugal é um dos países da União Europeia com a mais alta taxa de maternidade na adolescência, em especial entre os 12 e os 14 anos. O que pensa disto? Porque é que acha que isto acontece?
39. Porque é que acha que se fala muitas vezes na maternidade da adolescência e se esquece quase sempre a paternidade?
40. Muitos estudos descrevem um conjunto de riscos sociais para as mães adolescentes, tais como: interrupção dos estudos, depressão, tristeza, afastamento das amigas e dos colegas, relação instável com o namorado. Concorda com isto?
41. Alguns estudos também afirmam que existem riscos sociais e psicológicos para a própria criança cuja mãe é adolescente, tais como: maior probabilidade de insucesso escolar, instabilidade emocional, problemas de comportamento. Concorda com esta afirmação? Porquê?

II - OBJECTIVOS E VALORES EDUCATIVOS / PAPÉIS EDUCATIVOS

PRÁTICAS / OBJECTIVO

42. Foi educado (a) por quem? Pais, avôs...?
43. Relativamente às tarefas educativas que passo a descrever mais à frente, gostaria que me dissesse quem é a pessoa (ou pessoas) que assegura a educação do seu filho relativamente a esses aspectos e se houve mudanças com o passar do tempo, ou seja, se foi sempre essa (s) pessoa (s) a responsável por:
- a) Tarefas do quotidiano: cuidados físicos, vestir, ir ao médico, higiene pessoal, cuidar do bebé à noite (mudar a fralda, choro, alimentação);
 - b) Normatividade – impor regras, chamar a atenção para comportamentos indevidos;
 - c) Protecção emocional: consola, dá mimos, encoraja;
 - d) Actividades: ler um livro, contar histórias, leva a passear, brincar, jogar;
 - e) No caso das crianças mais velhas a comunicação verbal: conversar e grau de intimidade;
 - f) Económico: pagar as despesas de alimentação, cuidados médicos, roupa, infantário, escola, etc.

GRUPO A

Pais que assumem (ainda que parcialmente) a maternidade / paternidade

44. Com que tipo de apoios pode contar (ou sabe que pode) desde que foi mãe / pai? Quem são as pessoas que mais ajudam e em quê?
45. Com quem conversa nos momentos difíceis ou quando tem dúvidas?
46. No papel de mãe / pai, em relação a que assuntos sente (ou sentiu) mais dúvidas?

GRUPO B

Pais que abandonaram ou estão separados

44. Costuma ver o seu filho? Com que frequência? No caso de o ver, o que costuma acontecer nesses encontros?

REPRESENTAÇÕES / SUBJECTIVO

47. Antes de saber que ia ser mãe / pai, o que é que a sua família idealizava para si e para o seu futuro? (se não referirem, explicar se esperavam que estudasse, que tivesse alguma profissão em especial, que se casasse...?)
48. E o que espera para o futuro do (a) seu+a filho (a)?

III - NAMORO / CONJUGALIDADE / VIDA A SOLO / JUVENTUDE

PRÁTICAS / OBJECTIVO

GRUPO A

Para os que namoram com o (a) pai / mãe do (a) filho (a)

49. Há quanto tempo namoram?
50. Como se conheceram?
51. Já pensaram em viver juntos ou casar? Porquê?
52. Relativamente aos aspectos que a seguir menciono, gostaria que me descrevesse a vossa relação.
 - a) Se conversam muito;
 - b) Sobre que assuntos mais falam;
 - c) Costumam passear, sair, ir ao cinema, etc; Com que frequência;

- d) Vão juntos a reuniões familiares (festas de aniversário, casamentos, almoços, etc)
- e) Têm amigos em comum;
- f) Gerem o dinheiro de forma conjunta ou cada um tem o seu próprio dinheiro para gerir de forma autónoma / independente (ex: conta bancária conjunta);
- g) Fazem planos para o futuro.

GRUPO B

Para os que casaram com o pai / mãe do (a) filho (a)

- 49. Quanto tempo namorou?
- 50. Como se conheceram?
- 51. Casou-se ao fim de quanto tempo de saber da gravidez?
- 52. Foi um casamento pela igreja ou pelo registo civil? Houve festa, vestido, flores e prendas?
- 53. Viveram juntos antes de casar? Ao fim de quanto tempo de saber da gravidez?
- 54. De quem partiu a decisão de casar? Porque tomaram essa decisão?
- 55. Relativamente aos aspectos que a seguir menciono, gostaria que me descrevesse a vossa relação.
 - a) Se conversam muito;
 - b) Sobre que assuntos mais falam;
 - c) Costumam passear, sair, ir ao cinema, etc; Com que frequência;
 - d) Vão juntos a reuniões familiares (festas de aniversário, casamentos, almoços, etc)
 - e) Têm amigos em comum;
 - f) Gerem o dinheiro de forma conjunta ou cada um tem o seu próprio dinheiro para gerir de forma autónoma / independente (ex: conta bancária conjunta);
 - g) Fazem planos para o futuro.

GRUPO C

Para os que coabitam com o (a) pai / mãe do (a) filho (a)

- 49. Quanto tempo namorou?
- 50. Como se conheceram?

51. Foram viver juntos ao fim de quanto tempo de saber da gravidez?
52. Já pensaram em casar? Porquê?
53. Relativamente aos aspectos que a seguir menciono, gostaria que me descrevesse a vossa relação.
- a) Se conversam muito;
 - b) Sobre que assuntos mais falam;
 - c) Costumam passear, sair, ir ao cinema, etc; Com que frequência;
 - d) Vão juntos a reuniões familiares (festas de aniversário, casamentos, almoços, etc)
 - e) Têm amigos em comum;
 - f) Gerem o dinheiro de forma conjunta ou cada um tem o seu próprio dinheiro para gerir de forma autónoma / independente (ex: conta bancária conjunta);
 - g) Fazem planos para o futuro.

GRUPO D

Para os que casaram / coabitam / namoram com outra pessoa

49. Chegou a namorar com o pai / mãe do seu filho? Durante quanto tempo?
50. Como se conheceram?
51. Separaram-se ao fim de quanto tempo de saber da gravidez?
52. Posso perguntar o que é que aconteceu para se separarem? De quem partiu a decisão de se separarem?
53. (Para os que se casaram) O seu actual casamento celebrou-se pela igreja ou pelo registo civil? Houve festa, vestido, flores e prendas?
54. Qual foi a reacção do seu marido / mulher / namorado (a) quando lhe deu a conhecer que tinha um filho?

GRUPO E

Para os que levam uma vida a solo

49. Chegou a namorar com o pai / mãe do seu filho? Durante quanto tempo?
50. Como se conheceram?
51. Separaram-se ao fim de quanto tempo de saber da gravidez?

52. Posso perguntar o que é que aconteceu para se separarem? De quem partiu a decisão de se separarem?
53. Posso perguntar há quanto tempo não tem namorado (a)? E gostaria de ter um (a) namorado (a)?

REPRESENTAÇÕES / SUBJECTIVO

GRUPO A

Para os que namoram com o (a) pai / mãe do (a) filho (a)

52. Pelo que percebi não vive na mesma casa que o (a) seu+a namorado (a). Como é a vossa relação?
53. Desde o nascimento do vosso filho, mudou alguma coisa na vossa relação? O quê e porquê?
54. Para si, o que é mais importante na vossa relação? E o que mudaria se pudesse?
55. Acha que as pessoas se devem casar? Porquê?

GRUPO B

Para os que casaram com o pai / mãe do (a) filho (a)

55. Desde o nascimento do vosso filho, mudou alguma coisa na vossa relação? E após o casamento?
56. Para si, o que é mais importante na vossa relação? E o que mudaria se pudesse?
57. Acha que as pessoas se devem casar tendo por base que motivos?

GRUPO C

Para os que coabitam com o (a) pai / mãe do (a) filho (a)

53. O que é que acha que a vivência a dois acrescentou à sua vida?
54. Desde o nascimento do vosso filho, mudou alguma coisa na vossa relação? E após viverem juntos?
55. Para si, o que é mais importante na vossa relação? E o que mudaria se pudesse?
56. Acha que as pessoas se devem casar? Porquê?

GRUPO D

Para os que casaram / coabitam / namoram com outra pessoa

54. Quando soube da gravidez o que esperava da sua relação com o pai / mãe da criança?
55. Pensando em geral, acha que ter um filho poderá “afastar” os (as) potenciais namorados (as)? Já sentiu isso?
56. Como descreveria a relação entre o seu marido / mulher e o seu filho?
57. Acha que as pessoas se devem casar? Porquê?

GRUPO E

Para os que levam uma vida a solo

53. Quando soube da gravidez o que esperava da sua relação com o pai / mãe da criança?
54. Acha que as pessoas se devem casar? Porquê?
55. Pensando em geral, acha que ter um filho poderá “afastar” os (as) potenciais namorados (as)? Já sentiu isso?

Continuação para todos

58. Actualmente, como acha que deve ser vivida a juventude? O que é mais importante na vida de um jovem?
59. No seu caso como é vivida a sua juventude?
60. Antes de ser mãe / pai como ocupava os seus tempos livres? E actualmente mantém essas práticas? Costumava sair com os seus amigos? Costumava fazer o quê com eles? E agora?
61. Tem o mesmo grupo de amigos?
62. Actualmente como descreveria os seus amigos? (Ex: idade, o que fazem - estudam, trabalham -, têm filhos, namoram, são casados...)
63. Actualmente muitos homens e mulheres partilham as tarefas domésticas e a educação dos filhos. Mas na maioria dos casos é a mulher que trata destes assuntos, em especial no caso das tarefas domésticas. O que pensa disto?

Para terminar...

PRÁTICAS / OBJECTIVO

- 64.** Sabe que existem muitas gravidezes que acabam em aborto, espontâneo ou provocado. Alguma vez abortou?
- 65.** Quando soube que estava grávida (ou que ia ser pai) pensou alguma vez em abortar? E o(a) seu+a namorado(a)?

REPRESENTAÇÕES / SUBJECTIVO

- 66.** Acha importante que se faça este tipo de estudos sobre a maternidade e a paternidade na adolescência? Porquê?
- 67.** Como é que se imagina daqui a 10 anos? Descreva-me a sua vida nessa altura.
- 68.** Que projectos tem para o futuro? Quais são os seus objectivos de vida? O que pretende fazer para alcançar esses objectivos?

Muito obrigada pela sua colaboração.

Anexo II

**Declarações: consentimento informado, ISCTE
e entrevistados**

Declaração de Consentimento Informado

Chamo-me Ludmila Maria Fernandes e sou aluna do Mestrado em Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Para obter o diploma de Mestre em Sociologia, estou a realizar uma tese sobre a temática da maternidade e paternidade na adolescência, com o objectivo de conhecer as diferentes experiências de vida dos pais e mães adolescentes.

A concretização deste estudo implica a realização de entrevistas a jovens que tenham vivenciado este acontecimento, a fim de recolher informação relacionada com esta experiência de vida.

Gostaria que soubesse o seguinte:

- Só fala daquilo que quiser;
- Não existem respostas certas ou erradas, trata-se de uma conversa, sem qualquer intuito de avaliar as respostas. O importante é conhecer a sua experiência e as suas opiniões;
- É importante que esta entrevista decorra num local tranquilo, para que não haja ruídos que possam perturbar a nossa conversa. Se possível, mantendo o telemóvel desligado;
- É importante que a entrevista apenas conte com a minha presença, para que haja privacidade. Caso apareça alguém, a entrevista será interrompida até que possamos ficar de novo a sós;
- É importante que a concessão desta entrevista seja registada através de gravação áudio, para um melhor tratamento da informação. Comprometo-me a ser a única pessoa a ouvir a entrevista e a que esta fique exclusivamente na minha posse. Caso venha a ser necessário transcrever excertos da entrevista para a tese, comprometo-me a garantir o total anonimato e confidencialidade da entrevista, alterando ou ocultando todos os elementos que o (a) possam identificar. Farei com que não seja possível que alguém possa saber que aquela entrevista foi dada por si.

Muito obrigada pela sua colaboração.

Ludmila Maria Fernandes



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

DECLARAÇÃO

Declara-se para os devidos efeitos que Ludmila Maria Fernandes é aluna do Mestrado em Sociologia, promovido pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE).

Para obter o diploma de Mestre em Sociologia, a aluna encontra-se a desenvolver uma tese sobre a temática da maternidade e paternidade na adolescência. O estudo implica a realização de entrevistas a jovens que tenham vivenciado este acontecimento, com o objectivo de compreender como ele pode ser experienciado pelos diferentes jovens. A utilização dos dados recolhidos está circunscrita às normas éticas de confidencialidade e anonimato dos entrevistados.

Lisboa, 17 de Janeiro de 2006

O Vice-Presidente do
Departamento de Sociologia



Prof. Doutor António Firmino da Costa

Minuta de declaração

(Jovens e adolescentes com 16 ou mais anos)

Para os devidos efeitos, declaro que me foi entregue por Ludmila Fernandes a “Declaração de Consentimento Informado”, através da qual tive conhecimento das normas de concessão da entrevista sobre a temática da maternidade e paternidade na adolescência que tem por objectivo conhecer as diferentes experiências de vida dos pais e mães adolescentes. Declaro ainda que pretendo conceder a entrevista.

Data: ____ / ____ / ____

Anexo III

Biografia dos entrevistados

Biografia 1

Isabel tem 26 anos e foi mãe aos 16 anos. É solteira, vive com um dos irmãos, com os pais e com o filho. Nasceu em Lisboa mas sempre viveu na linha de Cascais. É oriunda de uma família católica não praticante. Encontra-se no último ano da licenciatura em Política Social. Às vezes, nos tempos livres, faz alguns pequenos trabalhos na área da promoção de produtos. O pai de Isabel nasceu na Guiné-Bissau e a mãe em Portugal. Os pais completaram o 11.º ano de escolaridade (antigo 7.º ano) e o pai chegou a completar um curso profissional. O pai é proprietário de uma empresa e a mãe é dirigente numa das empresas da família que pertence a um grande grupo de empresas. O pai da filha de Isabel nasceu na África do Sul, é solteiro, tem 32 anos, completou o 11.º ano de escolaridade, é católico não praticante e desempenha habitualmente a profissão de vigilante, embora esteja actualmente desempregado. Isabel neste momento não tem namorado.

Classe social de origem: empresários, dirigentes e profissionais liberais²¹.

Biografia 2

Andreia tem 20 anos e foi mãe aos 16 anos. Nasceu num concelho da margem sul do Tejo e sempre viveu nessa zona com os pais, o irmão mais novo e a filha. É solteira, tem o 12.º ano de escolaridade e neste momento pensa trabalhar durante um ano na área em que fez formação profissional – técnica de qualidade alimentar - uma vez que já tem uma oferta para um estágio profissional numa empresa do ramo. Andreia refere que esta também seria uma forma de ter tempo para se preparar melhor para os exames de acesso à universidade, frequentando explicações de matemática, pois considera que o curso de formação profissional que lhe deu equivalência ao 12.º ano de escolaridade, não a preparou da melhor forma para estes exames. É católica não praticante. Os pais são portugueses e também são católicos não praticantes. A

²⁰ Nesta biografia dos entrevistados alterou-se ou ocultou-se elementos que poderiam identificá-los. É ainda importante referir que esta biografia se encontra organizada de acordo com a classe social actual dos entrevistados, sendo que não foi tida em conta a ordem cronológica segunda a qual as entrevistas foram realizadas. Utiliza-se a classe social de origem nos casos em que o(a) entrevistado(a) ainda não desempenhou uma profissão e está dependente financeiramente da família de origem ou de uma instituição de apoio social. Dentro de cada classe social, optou-se por apresentar, em primeiro lugar, as mulheres e posteriormente os homens. A construção desta biografia prende-se com a necessidade de contextualizar os indivíduos, de os indexar a um contexto, para dessa forma melhor compreender a sua experiência de parentalidade na adolescência.

²¹ Conferir matriz de construção do indicador socioprofissional de classe em COSTA, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*, Oeiras, Celta Editora, pp. 189-288.

mãe tem o 6.º ano de escolaridade e desempenha as funções de auxiliar de serviços gerais (limpeza) na administração pública. O pai trabalha por conta própria como carpinteiro, tem uma pequena empresa com cerca de 10 empregados. O pai da filha de Andreia é português, solteiro, não tem nenhuma prática religiosa e tem 19 anos. Completou o 4.º ano de escolaridade e por vezes faz alguns biscates como servente de pedreiro. Desde há um ano que a Andreia namora com outro jovem.

Classe social de origem: empresários, dirigentes e profissionais liberais.

2- Profissionais técnicos e de enquadramento

Biografia 3

Maria tem 29 anos e foi mãe aos 19 anos. É casada, vive com o marido e com os dois filhos. Nasceu em Lisboa e é perto da capital que vive. Tem quatro irmãos. É oriunda de uma família católica praticante, embora Maria não seja praticante. Faltam duas disciplinas para completar o 12.º ano de escolaridade na área de Artes. Trabalha por conta de outrem, como vendedora / comercial. O marido tem frequência universitária e desempenha as funções de técnico de contas. Os pais são portugueses. O pai é licenciado com várias pós-graduações e exerce o cargo de Director numa grande empresa. A mãe tem um bacharelato e é professora de 2.º e 3.º ciclo no ensino básico. Maria chegou a casar-se com o pai do primeiro filho mas ao fim de cerca de um ano e meio separaram-se. Uma das razões que contribuiu para esta separação foi o facto de durante o casamento (incluindo a gravidez), terem ocorrido diversas situações de violência (física) doméstica. Após a separação teve de ir trabalhar como empregada de balcão e, para sustentar o seu filho, chegou a ter dois empregos. Nessa altura, a relação com os pais era de algum afastamento, embora os visse de tempos a tempos. O pai do primeiro filho nasceu em Portugal, tem agora 30 anos, completou o 12.º ano de escolaridade, é ateu, não se voltou a casar, e Maria não sabe que profissão desempenha, apenas sabe que trabalha numa grande empresa.

Classe social de origem: empresários, dirigentes e profissionais liberais. Classe social actual: profissionais técnicos e de enquadramento.

Biografia 4

Luísa tem 30 anos e foi mãe aos 15 anos. É solteira, vive com a filha, com os pais e mais recentemente com a avó. Nasceu em Lisboa e vive num concelho da margem sul do Tejo. É filha única. É licenciada, tem uma pós-graduação e é professora do 3.º ciclo no ensino básico e no ensino secundário. Actualmente está a frequentar outra licenciatura. Os pais são portugueses. O pai tem o 9.º ano de escolaridade e trabalha por conta de outrem como empregado de escritório. A mãe tem o 12.º ano de escolaridade e é administrativa na administração pública. Luísa, tal como os pais, é católica não praticante. O pai da sua filha tem agora 32 anos, nasceu em Portugal, tem o 4.º ano de escolaridade e é pedreiro. Luísa namora com outra pessoa há cerca de oito anos.

Classe social de origem: empregados executantes. Classe social actual: profissionais técnicos e de enquadramento.

Biografia 5

Rita tem 22 anos e foi mãe aos 14 anos. Nasceu em Lisboa e sempre viveu num concelho da margem sul do Tejo com os pais, uma irmã mais nova e a filha. É solteira, licenciada e trabalha como fisioterapeuta no sector público. É católica não praticante. Os pais são portugueses e também são católicos não praticantes. A mãe tem um bacharelato e desempenha as funções de técnica oficial de contas. O pai está reformado mas é proprietário de uma agência imobiliária e trabalha como gerente nessa agência que tem entre 10 a 20 empregados. O pai da filha de Rita é português, casado e tem 24 anos. Completou o 10.º ano de escolaridade e desempenha as funções de electricista. Actualmente Rita namora com outra pessoa há quase um ano.

Classe social de origem: empresários, dirigentes e profissionais liberais. Classe social actual: profissionais técnicos e de enquadramento.

Biografia 6

Margarida tem 26 anos e foi mãe aos 18 anos. É casada, vive com o marido e com os dois filhos. Nasceu e vive num concelho do Baixo Alentejo. É filha única. É licenciada e trabalha por conta de outrem, como técnica superior de gestão. O marido (André) está a tentar concluir o 12.º ano de escolaridade e é motorista de pesados. Os pais de Margarida são portugueses, têm ambos um mestrado e são docentes do ensino superior. Margarida é católica não praticante e os pais são ateus.

Classe social de origem e actual: profissionais técnicos e de enquadramento.

Biografia 7

André tem 28 anos e foi pai aos 21 anos. É casado, vive com a mulher (Margarida) e os dois filhos. A mulher foi mãe com 18 anos. Vive num concelho do Baixo Alentejo. André é o mais novo de quatro irmãos e embora tenha o 12.º ano de escolaridade incompleto, está a tentar concluir este nível de escolaridade. Trabalha por conta de outrem como motorista de pesados. A esposa é licenciada e trabalha por conta de outrem como técnica superior de gestão. Os pais de André são portugueses, têm o 4.º ano de escolaridade e estão reformados. O pai era empresário, tinha uma firma de transportes, e a mãe era doméstica. Tanto os pais, como o André, são católicos não praticantes.

Classe social de origem: empresários, dirigentes e profissionais liberais. Classe social actual: profissionais técnicos e de enquadramento.

Biografia 8

Diogo tem 23 anos e foi pai aos 18 anos. Actualmente vive em Lisboa mas nasceu e sempre viveu nos Açores. Estuda engenharia num instituto público. É solteiro e católico não praticante embora já tenha praticado até ao momento em que soube que ia ser pai. Esse acontecimento levou-o a questionar a sua prática religiosa. Tem um irmão mais novo. A filha de Diogo vive a tempo inteiro com a mãe mas quando Diogo morava nos Açores, a criança vivia parte da semana com ele. Diogo tem um trabalho de verão embora dependa financeiramente dos pais. A mãe de Diogo nasceu em Portugal, tem um mestrado e desempenha funções de docente no ensino superior. O pai nasceu numa ilha perto da América Latina, embora tenha vindo para Portugal ainda bebé. O pai de Diogo é licenciado e exerce a profissão de enfermeiro chefe num hospital. Os pais são católicos. A mãe da sua filha tem agora 24 anos, nasceu e vive nos Açores, é solteira, católica praticante e concluiu o 12.º ano de escolaridade, estando a frequentar o 2.º ano da universidade. Diogo namora agora com outra jovem que não a mãe da sua filha.

Classe social de origem: profissionais técnicos e de enquadramento.

3- Empregados executantes

Biografia 9

Soraia tem 17 anos. Foi mãe aos 15 anos e voltou a ser mãe aos 17 anos, tendo duas filhas. Nasceu no concelho de Sintra e até à entrada na adolescência viveu em Lisboa com os avós.

Terminou o 5.º de escolaridade e chegou a trabalhar em casa, com 13 anos, na área do artesanato / bijutaria. Deixou de estudar com 15 anos, quando estava grávida de três meses. Na fase final em que viveu com os avós fugia muitas vezes de casa e chegou a dirigir-se à GNR para fazer queixa da avó, por maus-tratos – violência física. Deixou de ter contacto com o pai da primeira filha que tem actualmente trinta anos. Quando disse a este que estava grávida foi alvo de violência física e foi fechada num quarto, onde durante uma semana foi impedida de beber e de comer. Depois disso, chegou a viver quase um ano na rua com o seu actual companheiro (Pedro), pai da segunda filha. Uma parte da sua segunda gravidez foi vivida na rua. Actualmente frequenta o curso de competências básicas para a vida numa associação de apoio a mães adolescentes, que lhe permite receber uma bolsa mensal de 250 euros. Vive na residência desta associação com a filha mais nova, de cinco meses, que frequenta a creche da associação. Esta foi a forma encontrada para que a bebé não fosse dada para a adopção, já que antes de ir para a residência da associação, esta criança viveu até aos três meses de idade nos cuidados intensivos de um hospital. A filha mais velha de Soraia vive com a avó porque esta solicitou a guarda legal da criança. Também neste caso, houve o risco de a sua filha mais velha ser dada para adopção pelo facto de Soraia viver na rua. Soraia não tem contacto com a filha mais velha, só a viu três vezes depois do parto. Tem oito irmãos, seis mais velhos e dois mais novos. Não tem nenhuma prática religiosa. A sua mãe nasceu em Portugal, também não tem nenhuma prática religiosa, concluiu 5.º ano de escolaridade e desempenha as funções de cozinheira num restaurante, sendo que também entrou na maternidade com menos de 20 anos. Soraia não conhece o seu pai.

Classe social de origem: empregados executantes.

Biografia 10

Edna tem 20 anos e foi mãe aos 19 anos. É solteira, vive com a irmã, com a mãe e com a filha. Nasceu em Angola mas veio para Portugal ainda pequena. Desde há cinco anos que vive num concelho na margem sul do Tejo. É oriunda de uma família católica praticante, sendo que Edna também é católica praticante. Estava a trabalhar como auxiliar de acção educativa durante o dia mas o contrato acabou e ficou apenas com o segundo trabalho que tinha: empregada de mesa à noite, num restaurante. Começou a trabalhar com 13 anos. Continuou a estudar mesmo quando estava grávida. Está neste momento a concluir o 12.º ano de escolaridade à noite tendo sempre sido uma boa aluna. Edna não cresceu com o pai pelo que não sabe quase nada acerca dele, apenas que uma parte da sua família paterna é Angolana e outra parte portuguesa. A mãe de Edna nasceu em Angola, completou o 8.º ano de

escolaridade e é cozinheira num restaurante (o mesmo onde Edna trabalha à noite). O pai da sua filha também é Angolano, tem 25 anos, é católico não praticante, desempenha as funções de carpinteiro, completou o 9.º de escolaridade e fez um curso de formação profissional nessa área. Actualmente Edna não tem namorado.

Classe social de origem e actual: Empregados executantes.

Biografia 11

Vânia tem 20 anos e foi mãe aos 18 anos. Vive sozinha com a filha num concelho da margem sul do Tejo. É solteira e filha única. Concluiu o 9.º ano de escolaridade e trabalha de forma precária como vendedora numa sapataria, sendo este o seu primeiro emprego. Já fez um curso de formação profissional – o de cabeleireira. Por vezes faz uns pequenos trabalhos nesta área. Os pais nasceram em Portugal e não têm nenhuma prática religiosa. O pai completou o 12.º ano de escolaridade e desempenha as funções de escriturário numa empresa, com o vínculo de efectivo. A mãe tem uma licenciatura e embora tenha chegado a dar aulas acabou por preferir ser escriturária numa empresa de média dimensão estando também efectiva nesta empresa. Vânia, tal como os pais, não pratica qualquer religião. O pai da filha de Vânia tem 27 anos, é português (embora Vânia não tenha a certeza disto pois a família do pai da filha de Vânia é de origem cabo-verdiana), não pratica qualquer religião, concluiu o 9.º ano de escolaridade e está neste momento desempregado, embora faça uns biscates na área de mecânica. Há cerca de um ano a esta parte que Vânia tem outro namorado.

Classe social de origem e actual: Empregados Executantes

Biografia 12

Pedro tem 24 anos e foi pai aos 18 anos. Vive sozinho num quarto alugado em Lisboa. Aliás, desde os 15 anos que vive sozinho. Chegou a viver na rua com a companheira (Soraia). Nasceu na Madeira mas veio para Portugal Continental ainda bebé. Viveu com a mãe até aos 13 anos, no concelho de Sintra. Tem uma irmã mais nova. É solteiro e tem duas filhas de mães diferentes. Perdeu o contacto com a filha mais nova, que vive com a mãe por decisão do tribunal. Não vê esta filha há cerca de um ano e meio. Completou o 8.º ano de escolaridade. Chegou a fazer um curso de mecânico na Casa Pia de Lisboa onde esteve como interno durante dois anos. Aos 15 anos saiu da Casa Pia. Não pratica qualquer religião. Actualmente desempenha a função de caixeiro no sector da restauração, com um contrato a termo certo, mas já foi servente, pedreiro, pintor de casas, pintor de automóveis, entre outras profissões. O pai já faleceu (embora nunca o tenha conhecido). A mãe tem o 4.º ano de escolaridade, não

pratica nenhuma religião, nasceu em Portugal, está desempregada e costumava desempenhar as funções de cozinheira no sector da restauração.

Classe social de origem e actual: empregados executantes.

Biografia 13

Edilson tem 23 anos e foi pai aos 19 anos. Vive sozinho, num bairro social que fica num concelho da margem sul do Tejo. Nasceu em Portugal, é solteiro, tem três irmãos e é o segundo mais novo. Concluiu o 12.º ano de escolaridade. Trabalha com um contrato a termo certo, como empregado de mesa no restaurante de um barco de viagens de longo curso. Antes de exercer esta profissão desempenhou muitas outras, tais como: vigilante, segurança privado, operador de call center, ajudante de serralheiro mecânico, entre outras. Os pais nasceram em Angola e são católicos não praticantes. O pai completou o 9.º ano de escolaridade e desempenha as funções de distribuidor de produtos numa empresa. A mãe tem o 11.º ano de escolaridade e exerce as funções de auxiliar técnica num instituto público. Edilson é católico não praticante. A filha de Edilson vive no Alentejo, com a mãe, que tem agora 23 anos, é portuguesa, católica praticante, solteira, completou o 9.º ano de escolaridade e trabalha como animadora no sector de hotelaria. Actualmente Edilson não tem nenhuma relação afectiva duradoura.

Classe social de origem e actual: empregados executantes.

Biografia 14

José – tratado habitualmente por Zé – tem 23 anos e foi pai, pela primeira vez, aos 19 anos. Vive sozinho num bairro de barracas perto de Lisboa, onde passou também uma parte da sua infância. O resto da infância e uma parte da adolescência foram passados em França. Zé nasceu em Portugal, mais precisamente em Lisboa. Tem uma irmã dos mesmos pais, dois meios-irmãos da parte do pai e outros dois meios-irmãos da parte da mãe. Concluiu o 9.º ano de escolaridade em França e embora já tenha desempenhado várias profissões (na cozinha de um restaurante, nas obras, em publicidade, como mediador no Programa Escolhas, entre outras). De há dois anos a esta parte exerce a profissão de barbeiro, com um contrato a termo certo. A sua mãe é cabo-verdiana, mas nascida em São Tomé e Príncipe porque os avós cabo-verdianos tinham emigrado para este país para trabalhar. A mãe de Zé veio para Portugal em 1975. Está actualmente desempregada mas era operária fabril. É ateia e concluiu o 5.º ano de escolaridade. O pai de Zé também é cabo-verdiano, é pedreiro, vive há muitos anos em França e é católico não praticante. Quanto à religião, Zé considera-se católico - foi baptizado, fez a

1.^a comunhão e a profissão de fé - e em alguns momentos da sua vida já foi católico praticante. Zé tem dois filhos, de mães diferentes, um com três e outro com quatro anos. Ambos os filhos já viveram com ele durante algum tempo. A mãe do primeiro filho tem agora 22 anos, vive na zona de Lisboa, é católica praticante, solteira, completou o 8.º ano de escolaridade e habitualmente trabalha como empregada doméstica. Actualmente Zé não tem namorada.

Classe social de origem: operários. Classe social actual: empregados executantes.

4- Operários

Biografia 15

Vanessa tem 18 anos e foi mãe aos 16 anos. Vive com o companheiro, o filho, a sogra, a cunhada e o sobrinho (filho dessa cunhada), um outro cunhado mais novo e mais uma sobrinha pequena. Vanessa nasceu e vive em Lisboa. O companheiro tem 20 anos, nasceu em Portugal, está desempregado mas habitualmente trabalha nas obras. A sogra é a única pessoa do agregado familiar que trabalha. Vanessa foi chamada pela Comissão de Protecção de Crianças e Jovens para que pudesse ser feita uma avaliação da sua situação familiar. A Comissão encaminhou-a para uma Associação de apoio a mães adolescentes. Tendo completado o 9.º ano de escolaridade, frequenta, nessa associação, o curso de competências básicas para a vida que lhe permite receber uma bolsa mensal de 250 euros. Está à espera de uma casa de habitação social da Câmara Municipal de Lisboa. Os pais são portugueses. O pai tem o 8.º ano de escolaridade e é vigilante. A mãe tem o 6.º ano de escolaridade e é empregada de balcão e mesa. Vanessa tem uma irmã mais nova. Não tem prática religiosa e os pais são católicos não praticantes.

Classe social de origem: empregados executantes. Classe social actual: operários.

Biografia 16

Neusa tem 24 anos e foi mãe aos 15 anos. Nasceu num concelho da margem sul do Tejo e desde sempre que vive nesta área. Até aos 15 anos vivia num bairro de habitação social. Actualmente vive em casa da sogra com o namorado (Neusa prefere esta expressão à de marido ou companheiro que considera muito “pesado”), vive ainda com a filha e com os dois cunhados mais novos. Tem casa própria há dois anos mas como tem estado a fazer obras na casa só daqui a um ou dois meses se poderá mudar. Embora tenha deixado de estudar quando

engravidou (estava a frequentar o 6.º ano de escolaridade) recomeçou os estudos no ano lectivo imediatamente a seguir. Estudava e trabalhava como empregada de balcão num restaurante. Completou o 9.º ano de escolaridade e chegou a iniciar um curso de formação profissional na área de auxiliar de acção educativa, mas não pôde completar este curso porque entretanto a filha teve alguns problemas de saúde que obrigaram Neusa a realizar um maior acompanhamento a esta, nomeadamente nas idas ao médico e após a operação a que a filha foi submetida. Os pais de Neusa são católicos não praticantes. A mãe nasceu num concelho do Alentejo e é de etnia cigana. Não sabe ler, nem escrever e nunca trabalhou devido ao facto de ser portadora de uma deficiência. O pai de Neusa nasceu em Cabo-verde, tem o 4.º ano de escolaridade, está desempregado e trabalhava como pedreiro. Neusa tem sete irmãos, dois mais novos e cinco mais velhos. O pai da filha de Neusa tem 25 anos e nasceu em Lisboa, embora a família de origem seja oriunda de Angola e da Guiné-Bissau. Completou o 6.º ano de escolaridade e encontra-se desempregado pois a fábrica onde trabalhava como operário não lhe renovou o contrato.

Classe social de origem e actual: operários.

Biografia 17

Luís tem 20 anos e foi pai aos 18 anos. É solteiro, vive com a avó (por quem foi criado) e tem um irmão mais novo da parte do pai. Nasceu em Portugal e vive numa zona com traços rurais situada num concelho da margem sul do Tejo. Concluiu o 9.º ano de escolaridade. Trabalha de forma precária para uma empresa de trabalho temporário como operário de linha numa fábrica. Já tinha exercido esta profissão de operário em duas outras empresas. Para completar o 9.º ano de escolaridade fez um curso de formação profissional na área de informática. Os pais nasceram em Portugal e não têm nenhuma prática religiosa (embora o Luís não esteja muito seguro disto na medida em que diz ter pouco contacto com os pais). O pai não chegou a completar o 4.º ano de escolaridade e trabalha como pedreiro na construção civil. A mãe tem o 4.º ano de escolaridade, está desempregada e trabalhava na área de carpintaria. A filha de Luís vive com a mãe que tem agora 23 anos, é portuguesa, católica não praticante, solteira, completou o 11.º ano de escolaridade e encontra-se desempregada nunca tendo trabalhado. Actualmente Luís não tem namorada.

Classe social de origem e actual: operários.

Biografia 18

Elsa tem 20 anos e foi mãe aos 19 anos. É casada, vive com o marido e com as filhas (gémeas). Casou quando as suas filhas tinham quatro meses. Nasceu em Lisboa mas sempre viveu num concelho da margem sul do Tejo, na mesma freguesia, mesmo depois de se casar. Tem duas irmãs mais velhas. Chegou a frequentar o 12.º ano de escolaridade mas não concluiu duas disciplinas. Tinha 17 anos quando deixou de estudar. Nessa altura foi trabalhar como empregada de balcão numa loja de roupa. Actualmente trabalha como operadora de supermercado, com um contrato a termo certo. Tanto Elsa como os pais não têm nenhuma prática religiosa. Elsa não sabe que nível de escolaridade os pais completaram mas tem a certeza de que sabem ler e escrever. A mãe é doméstica. O pai encontra-se na pré-reforma e desempenhava as funções de ajudante de serralheiro. O pai das suas filhas tem 29 anos, é cabo-verdiano, não tem nenhuma prática religiosa, completou o 7.º ano de escolaridade e trabalha de forma efectiva como servente na construção civil. Elsa casou-se pelo registo civil.

Classe social de origem: operários. Classe social actual: Assalariados executantes pluriactivos.

Biografia 19

Flávia tem 19 anos e foi mãe aos 17 anos. Nasceu e sempre viveu num concelho da margem sul do Tejo. Actualmente vive com os pais e com a filha numa casa que os pais lhe compraram. Tem um irmão mais velho. É solteira, encontra-se a estudar, passou para o 11.º ano de escolaridade e trabalha, com um vínculo efectivo, como empregada de balcão num estabelecimento comercial perto de sua casa. Não tem nenhuma prática religiosa. Os pais são portugueses e também não têm nenhuma prática religiosa. A mãe tem o 4.º ano de escolaridade e desempenha as funções de técnica de farmácia. O pai tem o 10.º ano de escolaridade e desempenha as funções de foto compositor num centro de artes gráficas. O pai da filha de Flávia é português, solteiro e tem 21 anos. Completou o 8.º ano de escolaridade e Flávia, como deixou de ter contacto com ele, não sabe no que está a trabalhar actualmente. Contudo, pensa que desempenhará uma profissão na área da construção civil. Actualmente Flávia tem um namorado.

Classe social de origem: Profissionais técnicos e de enquadramento. Classe social actual: Empregados executantes.

Biografia 20

Ricardo – habitualmente tratado por Riqui - tem 23 anos e foi pai aos 19 anos. É casado, vive com a mulher e com a filha de 4 anos. Nasceu em Lisboa mas cresceu num bairro social na margem sul do Tejo. Actualmente vive numa outra freguesia muito próxima do local onde cresceu. Casou quando a filha tinha três anos de idade. Tem três irmãos, um mais novo e dois mais velhos. Riqui encontra-se a estudar à noite, a completar o 11.º ano de escolaridade e trabalha por conta de outrem, de forma precária, como ajudante de electricista. Já exerceu outras profissões como por exemplo vigilante ou fiel de armazém. A esposa tem o 12.º ano de escolaridade e trabalha como empregada de balcão numa loja de roupa. Os pais de Riqui completaram a 4.ª classe, são Angolanos e ambos católicos não praticantes. O Pai de Riqui (entretanto já falecido) era encarregado de armazém e a mãe é doméstica embora já tenha sido proprietária de um minimercado. Riqui não tem nenhuma prática religiosa mas a esposa é católica praticante (bem como a sua sogra). Riqui é casado pelo registo civil e pela igreja católica.

Classe social de origem: Empregados executantes. Classe social actual: Assalariados Executantes Pluriactivos.

Anexo IV

**Análise dos dados das entrevistas –
Ilustração de casos**

Enigma da investigação: como é que os pais e as mães adolescentes experimentam a sua parentalidade, que impacto essa experiência tem no seu percurso de vida e como é que esta vivência se articula com a posição da família de origem no espaço social e com a pertença de género?

ENTREVISTA 3, MARIA

Casada, 12.º ano de escolaridade (incompleto), vendedora / comercial, tem 29 anos e foi mãe aos 19 anos.

Classe social de origem: empresários, dirigentes e profissionais liberais. Classe social actual: profissionais técnicos e de enquadramento.

Sinopse:

Maria foi mãe aos 19 anos. Idealizava casar virgem mas iniciou a vida sexual ao fim de dois anos de namoro. Tinha uma educação católica, pautada por valores tradicionais e conservadores. Isto reflectia-se na forma como vivia a sexualidade. A gravidez aconteceu quando interrompeu a pílula para fazer um tratamento para a asma.

O namoro não era aceite pelos pais que consideravam que o namorado de Maria não era a pessoa ideal para a filha. Mas Maria insistiu em namorar, pois era uma forma de desafiar as normas instituídas pela família e com as quais não concordava. O namorado de Maria vestia-se de forma irreverente (brinco, calças de ganga rasgadas) e não se encaixava naquilo que os pais tinham pensado como melhor para a vida de Maria. A família idealizava que Maria tirasse um curso, depois se casasse, tivesse muitos filhos e fosse à missa regularmente, objectivos que não foram cumpridos por Maria.

Quando Maria soube que estava grávida, através de um teste que efectuou na farmácia, ficou muito chocada e assustada. A primeira pessoa a quem contou foi a uma tia, com quem tinha mais à vontade para conversar. Passados dois dias contou aos pais que ficaram muito chocados com a notícia e bastante desiludidos. Nessa altura, Maria estava grávida de um mês. Como era contra o aborto, embora não criticasse as pessoas que o fizessem, achou que a melhor decisão seria ter a criança. Contudo, foram momentos muito difíceis para Maria porque quase toda a família, com excepção da avó paterna e da tia, a criticavam e faziam-na sentir triste, lembrando-a constantemente o quanto Maria tinha desiludido os pais.

Inclusivamente, a mãe de Maria evitava andar na rua ao lado de Maria, pois tinha vergonha de a filha estar grávida. A avó paterna foi a única pessoa que lhe telefonou a dar os parabéns pela gravidez.

Com três meses de gravidez, Maria casou-se pelo registo civil, com o vestido de noiva de uma tia e onde houve uma festa dada pela avó. Foi o pior dia da sua vida. Sentia-se triste por ter desiludido a família. Não gostava do vestido de noiva, pois não tinha a ver com o seu estilo. São momentos que Maria recordou como muito tristes e difíceis.

Com o casamento, Maria passou a viver com o marido numa casa que um tio lhe emprestou. A família arranjou um novo emprego para o marido, um emprego que consideravam mais adequado. Nessa altura, Maria estava a meio do ano lectivo, a estudar no 12.º ano de escolaridade.

A partir dos seis meses de gravidez o marido começou a bater em Maria e esta sente que devido aos nervos não conseguiu passar com sucesso a dois exames do 12.º ano. Por isso, ficou com duas disciplinas por completar. A situação com o marido agravou-se e este achava que não tinha de ser ele o único a suportar as despesas com a casa. Uma das várias coisas que fez e que marcaram Maria, foi o ter trancado a despensa para que Maria não comesse tanto. Maria começou então a trabalhar.

A família estava distante de Maria e esta não tinha com quem desabafar. Mas também tinha vergonha de falar sobre o facto de o marido lhe bater. Ao fim de cerca de um ano conseguiu telefonar à tia e desabafar sobre o pesadelo que estava a viver.

A partir daqui conseguiu separar-se do marido e arranjou dois empregos para sustentar o filho, um dos quais como empregada de balcão. Passou a viver com o filho e este passou a acompanhá-la em todas as situações. De dia a criança ficava na creche e ao final do dia Maria tinha de pagar a uma ama para o ir buscar. Mais uma vez, a família encontrava-se distante de todas estas dificuldades de Maria.

Maria gostava muito de ter feito um curso tecnológico mas com a maternidade e a conjugalidade não foi possível realizar este sonho. Espera que um dia ainda o possa concretizar. Entretanto, passou por vários empregos, alguns bastante precários e esteve, inclusivamente, desempregada durante um ano.

Mais tarde, começou a sair com o seu actual marido, namoraram e casaram ao fim de seis meses. Maria voltou a ser mãe. Algum tempo depois casaram-se pela igreja católica (sobretudo porque era algo importante para o marido de Maria) e no mesmo dia baptizaram o

filho mais novo. Desta vez, Maria sentiu-se feliz e realizada. Sentiu-se apoiada pelo marido e sentiu que teve o apoio e a compreensão que não teve da família quando engravidou com 19 anos. Mas Maria também acha que nessa altura era muito mimada e que por isso teve um choque muito grande quando teve de começar a fazer as tarefas domésticas e a cozinhar. Teve de crescer muito rapidamente. Os amigos afastaram-se (e Maria também se afastou) e deixou de ter as práticas de lazer que muitos adolescentes da sua idade tinham. Passou a conviver com um grupo de mães adolescentes que viviam perto de si. E durante algum tempo foi assim.

Mas com o segundo casamento tudo mudou e a família ficou muito satisfeita com a escolha de Maria. Quanto ao futuro, Maria espera realizar um curso tecnológico, ter mais um filho, de preferência uma menina, e remodelar uma pequena casa de férias que comprou numa altura em que tinha um bom ordenado.

Histórico:

Maria engravidou aos 19 anos e ficou muito assustada e chocada com a notícia “*para mim foi super difícil porque eu não estava nada à espera*”. A família era católica praticante e tinha-lhe transmitido um conjunto de valores tradicionais e conservadores “*os meus pais são católicos, não é, praticantes, portanto, vivo numa, vivia num meio tudo muito, tinha que ser tudo muito certinho. Eu sempre fui proibida de sair à noite, aquelas coisas, tipo... tinha que ser tudo hummm pronto, tudo muito certinho, porque era rapariga, então tinha sempre aquelas coisas de não poder sair até às, até tarde e quando podia sair era uma festa. Sempre fui muito... como é que eu hei-de dizer... muito... chamada à atenção para certo tipo, para uma menina exemplar (...) eu virava-me para o pai Guilherme e dizia que queria casar virgem*”. Foi com muita dificuldade que Maria contou aos pais “*para mim o pânico total foi contar aos meus pais que eu só pensava que estava a magoá-los porque para eles a pior coisa do mundo era eu aparecer grávida, não é, o que os outros pensam, porque isso sempre foi assim que eles pensavam, preocupavam-se muito com o que os outros pensavam, então isso custou-me imenso e pronto, mas tive de contar*”. Os pais ficaram muito desiludidos. Não aceitaram muito bem a notícia. A mãe de Maria sentia vergonha de andar pela rua com Maria grávida “*para mim a maneira desta gente pensar, não tem nada a ver comigo. São ótimas pessoas, querem o meu bem e tudo, são ótimas pessoas, mas naquele momento não me ajudaram nada, tipo eram pessoas que estavam muito distantes. E aquilo que me custou mais é que sentiam vergonha. O meu pai não, mas a minha mãe sentia vergonha, não queria que eu andasse assim perto dela, tipo por estar grávida, não é, porque dá sempre um mau*

aspecto, então custou-me imenso. O que mais me custou foi isso. Não tive apoio, acho eu nenhum. É assim, eles acham que me deram muito apoio, não é, portanto, quando eu falo com eles, eles acham que me deram todo o apoio mas tipo, deram todo o apoio para quem vê de fora, porque, tipo, estarem ali ao pé de mim e tentarem-me perceber acho que não aconteceu. Eu acho que foi mesmo muita difícil. Foi assim o mais complicado”. Por isso, Maria sentiu-se muito incompreendida e triste com a atitude dos pais e do resto da família (com exceção da avó paterna e da tia) que a lembravam do mal que tinha feito “de resto era tudo, como é que tu pudeste, a apontar o dedo, como é que é possível, já viste o que vais fazer, destruístes a tua vida, tudo assim. Foi complicado”, “aquilo que eu sentia era uma tristeza horrível, andava triste pronto”. Durante a gravidez, Maria foi sempre sozinha às consultas de vigilância médica.

Com três meses de gravidez casou-se pelo registo civil, com uma festa dada pela avó e com o vestido de noiva de uma tia. Foi o dia mais triste da sua vida “*um disparate que eu fiz foi ter casado porque como sabia que estava a dar um grande desgosto...*”, “*eu sentia-me tão infeliz nesse dia (...) sentia-me super triste, sentia que estava a magoar muita gente*”. Iniciou então uma vida a dois e teve de crescer rapidamente. Teve de contar o dinheiro, de realizar as tarefas domésticas e de cozinhar, tarefas a que não estava habituada “*eu era uma mimada, não sabia fazer nada (...) fui aprendendo, um bocado sozinha (...) foi um choque*”, “*eu cresci assim tipo, eu devo ter envelhecido para aí dez anos naquele momento, quando fui mãe. Acho que a pessoa cresce assim muito rapidamente*”. Sentiu que foi um choque muito grande toda esta mudança na sua vida. E não se sentiu apoiada pela família. Inclusivamente, Maria chegou a ter uma depressão pós-parto.

Maria continuou a estudar no 12.º ano de escolaridade mas não conseguiu concluir duas disciplinas. A maternidade aliada à necessidade de começar a trabalhar impediram Maria de continuar a estudar “*deixei de estudar. Nunca mais pude estudar. Tenho imensa pena. Não queria estudar um curso superior, queria ter feito um curso tecnológico e tenho imensa pena*”.

A maternidade e a conjugalidade afastaram Maria das amigas e das sociabilidades juvenis “*Eu não tive juventude nenhuma. Por isso... hummm... aquilo que eu senti falta... na altura o sair para mim era uma coisa muito importante e que eu não pude gozar isso, aquelas viagens com amigos, de agarrar numa mochila e metermo-nos num comboio nunca pude fazer, que é uma coisa que hoje ainda digo, ahhh tenho tanta pena (...) adorava, achava muita giro, e depois como tive aquela educação que não podia porque era rapariga, não sei*

quê, não sei quantos mais, portanto não fiz. E depois engravidei, saí de casa e acabei por não fazer nada”, “a pessoa depois sente-se muito mais adulta ao pé dos nossos amigos (...) sentimo-nos um bocado deslocados porque como tivemos de crescer muito rapidamente depois não estamos bem no meio”.

Com seis meses de gravidez o marido começou a bater em Maria. Desde esse momento que a situação entre os dois se degradou e ao fim de cerca de um ano Maria separou-se do marido.

Começou uma vida a solo, com o filho. Arranjou dois empregos para o sustentar. E no seu percurso de vida desempenhou diversas profissões. Continuou sem sentir o apoio da família “*eu nunca me senti apoiada. Aliás, estava tempos e tempos sem lá ir. Não não... por exemplo, eu tive de arranjar dois empregos para conseguir sustentar o Guilherme quando me separei. E depois ainda tive de pagar uma ama para me ir buscá-lo à escola. Ninguém me ajudou”.*

Mais tarde, conheceu outra pessoa, casou-se e teve outro filho. Desta vez, sentiu que foi apoiada e compreendida, neste caso pelo marido. Sentiu-se realizada.

Mensagem:

Maria disse-nos que a sua gravidez e a maternidade foram períodos muito difíceis na sua vida, pois não foi apoiada, nem compreendida, pela família, uma vez que os valores tradicionais e católicos enraizados nesta, fizeram com que não aceitassem a maternidade de Maria. Sentiu-se muito sozinha e desamparada no seu crescimento que decorreu de uma forma demasiado rápida.

Interpretação local (pistas):

1. Maria engravidou quando deixou de tomar a pílula para fazer um tratamento para a asma. Quando soube que estava grávida ficou muito assustada e chocada. Teve muita dificuldade em contar aos pais, pois a vida destes era pautada por valores tradicionais e católicos. Quando souberam ficaram muito desiludidos. PISTA: Gravidez acidental → gravidez indesejada.

2. Maria sofreu muito quando teve de contar aos pais que estava grávida, pois ia totalmente contra as expectativas que os pais tinham para o seu futuro, assentes em valores católicos e tradicionais, valores estes que a conduziram ao casamento. PISTA: valores e representações face à sexualidade e conjugalidade → ausência de apoio familiar → sofrimento e angústia → conjugalidade.
3. A maternidade e a decisão de se casar, acabaram por provocar a inserção de Maria no mercado de trabalho e impedi-la de continuar a estudar. PISTA: conjugalidade → transição para a vida adulta num registo tradicional → impede a aquisição de qualificações escolares e profissionais → irregularidade no percurso profissional.
4. Com o casamento, a maternidade e um conjunto de novas responsabilidades domésticas, Maria deixou de sair com os amigos. PISTA: valores tradicionais → conjugalidade → aumento das responsabilidades → impacto nas sociabilidades juvenis.

ENTREVISTA 8, DIOGO

Solteiro, a frequentar o 3.º ano da universidade, tem 23 anos e foi pai aos 18 anos.

Classe social de origem: profissionais técnicos e de enquadramento.

Sinopse:

Diogo engravidou a primeira namorada por acidente. Namoravam há cerca de um ano. Lembra-se perfeitamente que estavam a acampar com amigos quando isso aconteceu. Usaram preservativo mas este rompeu-se. Dirigiram-se à farmácia e a namorada tomou a pílula do dia seguinte conforme indicação do farmacêutico. Por precaução dirigiram-se novamente a uma farmácia para fazer um teste de gravidez e este deu positivo para surpresa do casal que ficou muito chocado com a notícia, sem saber o que fazer. Afinal, nada tinha resultado, nem o preservativo, que se rompeu, nem a pílula do dia seguinte.

Diogo pensou que o melhor seria que a namorada abortasse. A namorada concordou. Entretanto, Diogo falou com o pai para lhe dizer o que tinha acontecido. Ao contrário do que Diogo pensava, o pai, para além de ter ficado muito surpreendido, não se mostrou favorável à realização do aborto e foi da opinião de que ele devia assumir as suas responsabilidades. Como profissional da área da saúde informou-o que existiam outros meios mais eficazes do

que a pílula do dia seguinte e que se Diogo tivesse ido falar com ele, o pai tinha-o ajudado. Agora era tarde de mais. Mas mesmo assim, o pai decidiu informar Diogo de que nos Açores não faziam abortos seguros e que se quisessem realizar um aborto seguro teriam de ir a Lisboa. Também avisou o filho de que a viagem de avião não era recomendada porque a namorada podia ter hemorragias na fase inicial da gravidez. Também o irmão mais velho da namorada sabia do sucedido e mostrou-se disponível para os ajudar, desde que fosse tudo muito sigiloso, para que os pais não soubessem. Com tantos entraves, Diogo e a namorada decidiram ter a criança e assumi-la.

A mãe de Diogo soube do que se passava por telefone, uma vez que estava em Lisboa a concluir o mestrado. Os amigos ficaram chocados com a notícia e acharam que o melhor seria abortar.

A mãe de Diogo regressa aos Açores e como é enfermeira, acompanha todas as consultas de vigilância médica da namorada do filho. Diogo também acompanha estas idas ao médico e inclusivamente assiste com a mãe ao parto da namorada.

Quando Diogo soube que ia ser pai estava a estudar no 12.º ano de escolaridade, na fase final deste ano lectivo. Foi uma fase difícil porque estava em plena altura de realizar os testes finais e os exames nacionais de acesso à universidade. Apesar de tudo conseguiu entrar para o curso de engenharia de que gostava, na universidade dos Açores, uma vez que tinha sido sempre um aluno aplicado.

A filha de Diogo nasceu e o casal continuou a namorar mas cada um em sua casa. Nos primeiros dois anos a filha passa mais tempo com a mãe porque Diogo não se sente muito à vontade para mudar a fralda e dar a comida. Aliás, não gosta destas tarefas e evita-as ao máximo. A partir dessa idade, a criança começa a ser mais autónoma e fica mais tempo com Diogo. Passa 3 a 4 dias da semana em casa de Diogo.

Em relação às saídas de Diogo com os amigos, com o nascimento da filha estas têm de ser moderadas. Diogo deixa de fazer saídas de 3 e 4 dias. E mesmo quando sai fica sempre preocupado com a filha, preocupa-se em saber se está bem.

Ao fim de algum tempo de namoro, a relação de Diogo começou a degradar-se e embora ele tenha pensado em casar-se e comprar casa a custos controlados com a namorada, sempre com o apoio dos pais, a namorada entende que esta não é uma boa solução. Mais tarde, quando a filha tem cerca de dois anos, a namorada, já saturada de uma série de situações, põe fim à relação de ambos.

Diogo completa os dois primeiros anos do curso de engenharia nos Açores e no 3.º ano inicia o ano lectivo em Lisboa. Sente-se triste por estar longe da família e da filha, num ambiente totalmente diferente do seu, muito mais urbano, e com o qual não se identifica.

Quanto ao futuro Diogo espera terminar o curso, para poder começar a trabalhar e a sustentar a filha, em vez de serem sempre os avós a fazer isso, o que o deixa um pouco triste. Não tem grandes planos, nem grandes ambições. Espera ser feliz e que a filha tenha uma posição na vida em que se sintam bem e que seja crítica em relação à sociedade.

Histórico:

Quando Diogo soube que ia ser pai ficou chocado e pensou que a melhor solução seria que a namorada abortasse *“a primeira opção que me passou pela cabeça foi abortar. Porque achava que era muito novo. Ia ser complicado ser pai aos 18 anos. E acho que toda a gente tem noção de que é complicado ser pai aos 18 anos”*. Com todos os entraves que surgiram Diogo acabou por desistir da ideia. Contribuiu para isso o facto de, por um lado, o pai de Diogo estar em desacordo com o aborto, recusando-se a ajudar e, por outro lado, de morar nos Açores, região do país onde não existiam clínicas que fizessem abortos seguros. Ao fim de um mês, decide assumir a responsabilidade e ter a criança.

Desde esse momento deixou de ser católico. Sente-se ateu. Rezava todos os dias mas com a chegada da filha, algo que não queria, nem desejava, sentiu-se injustiçado *“gostava de tar com a cabeça 100%, não, eu vou ser pai, eu quero ser pai, e não, eu vou ter que ser pai, eu vou ser pai, foi um ano e poucos que as coisas funcionaram assim”, “eu tomei as minhas precauções todas e mesmo assim não deu (...) não tem ninguém lá em cima”*.

Quando soube que ia ser pai estava a estudar no 12.º ano de escolaridade e pese embora o momento difícil que estava a atravessar, consegue ingressar no curso de engenharia na Universidade dos Açores.

Continuou a namorar com a mãe da filha e acompanhou esta a todas as consultas de vigilância médica *“sempre fui a todas as consultas médicas, só se não podia”*. A criança nasceu e Diogo assistiu ao parto *“a mãe reagiu melhor do que eu quando a criança nasceu”*. Recordava-se perfeitamente daquele dia.

Decidem que cada um continuaria a viver com os pais, em casas separadas. A filha fica a viver com a mãe e Diogo via-a com a frequência com que via a mãe da criança *“tinha*

uma noção grande das minhas responsabilidades, mas também tinha uma noção grande das minhas necessidades. Havia vezes que precisava de espairer. Foi complicado”.

Diogo sente que a filha modificou a sua vida e limitou-o em alguns aspectos da vida *“tive uma outra carga de responsabilidades, acabei por me cortar em algumas coisas, mas sinto que na mesma acabei por fazer tudo, não na frequência com que queria fazer mas acabei por fazer tudo (...) por exemplo em termos de convívio, já não se podia conviver com tanta frequência, até às horas que queria e... é assim complicado porque há uma criança que é nova e às vezes mesmo com um problema de consciência porque embora não vivêssemos juntos eu tinha hipótese de conviver e conviver muito mais que a mãe, sinceramente, a mãe só convivia na minha presença mas não por imposição minha mas por opção da parte dela. Eu também sempre fui uma pessoa que... e a gente sempre que ela podia estava comigo. Não podia conviver, não podia ter certos programas, por exemplo, 3, 4 dias, cortei algumas coisas, sobretudo o à vontade nesses convívios, tinha sempre uma preocupação nesses convívios, se bem que a mãe é que abdicou de muita coisa”, “(...) não fui o pai que devia. Porque... é pá as alturas que... quando a gente sente que o filho é um entrave... se bem que ele não tem culpa nenhuma disso. Em determinadas alturas por mais que eu me recrimine, era isso que eu pensava na altura. Eh pá não posso fazer isso. As vezes que eu tinha as minhas necessidades. E sentia necessidade de abdicar das minhas necessidades (...) às vezes a minha cara nem sempre era a melhor, a minha vontade em determinados momentos nem sempre foi a melhor... era complicado”, “senti-me mais adulto porque me via obrigado a sentir mais adulto, não foi aquele crescer com tempo e normal”.*

Nos primeiros dois anos de vida da filha, Diogo foge a todas as responsabilidades que tinham que ver com os cuidados físicos à filha *“sempre que tinha hipótese de fugir com o rabo à seringa, entre aspas, de mudar fralda, de dar banho, descartava-me sempre, sempre fui mais naquela de brincar com a rapariga e tudo (...) e nunca esqueci foi a parte de educação. Educada. Quando chega a hora, quando é preciso dar carinho, tá-se lá para dar o carinho. Quando é preciso brincar, tá-se lá para brincar. Mas também quando é preciso... serrar os olhos e... os dentes, também se serra os olhos e os dentes e olha-se para ela e: é! isso não se faz”.* A partir dessa altura, a criança torna-se mais autónoma e passa mais tempo em casa do pai, cerca de 3 a 4 dias por semana *“dou-me extremamente bem com ela”.* Contudo, *“eu sinto que durante algum tempo não fui o pai que devia ter sido por causa da idade e da cabeça que na altura não era a mesma”.* Falando em geral Diogo acha que *“quer a*

gente queira, quer não, mãe é mãe, como se costuma dizer, tem sempre um papel mais interveniente nos primeiros meses de vida e os laços são diferentes”.

Quando a filha tem cerca de dois anos, a namorada decide por fim à relação “*foi uma coisa que me custou bastante*”. Diogo fica triste mas aceita a decisão. Entretanto, mais tarde, arranja outra namorada, de quem também gosta muito.

Com a ida para Lisboa, para concluir o curso de engenharia, com o suporte financeiro dos pais, separa-se da filha, e fica muito triste com esta situação. Tem muitas saudades da filha e dos Açores “*hoje em dia é a minha filha, a minha rica filha*”.

Quanto ao futuro, espera concluir o curso e trabalhar para poder, finalmente, sustentar a filha, já que até ao momento as despesas da criança têm sido pagas pelos avós paternos, maternos e pela própria mãe da filha, quando trabalhava. Espera estar com a actual namorada.

Mensagem:

Diogo disse-nos que sentiu a presença da filha como um entrave na sua vida na medida em que tinha outras expectativas para o seu futuro. Pese embora goste muito da filha, a chegada desta limitou-o em algumas coisas, nomeadamente na sua vida social. Contudo, prosseguiu os estudos superiores.

Interpretação local (pistas):

1. Diogo engravida a namorada por acidente mesmo depois de tomar uma série de precauções. Com a chegada da filha deixa de fazer saídas longas e acampamentos com os amigos. Sente que a filha o limita em certos aspectos da vida, nomeadamente nas práticas de lazer. PISTA: Gravidez indesejada → impacto moderado nas práticas de lazer juvenis.
2. Diogo tem um grande apoio familiar, quer a nível económico, quer emocional. Continua a estudar, entra para a universidade, tal como era desejo dos pais. Continua a viver com os pais e a sair com os amigos. PISTA: pertença a uma classe social favorecida → suporte familiar → regularidade no percurso escolar → modelo de prolongamento da juventude.

ENTREVISTA 16, NEUSA

União de facto, 9.º ano de escolaridade, desempregada (última profissão: auxiliar de acção médica), tem 24 anos e foi mãe aos 15 anos, origem étnica: pai cabo-verdiano e mãe cigana. Classe social de origem e actual: operários.

Sinopse:

Neusa começou a namorar aos 13 anos e quando iniciou a sua vida sexual não utilizava nenhum método contraceptivo. Engravidou aos 15 anos. Ficou chocada com a notícia e ao fim de cerca de três meses conseguiu arranjar dinheiro para ir a uma parteira realizar um aborto. A parteira disse-lhe que quando começasse a sangrar, significava que tinha abortado. Contudo, já em casa, quando Neusa começou a sangrar, teve de ser levada para o hospital onde lhe disseram que estava tudo bem com o bebé. Neusa ficou desesperada com a notícia de que não tinha conseguido abortar. Fora enganada pela parteira.

O namorado tinha 16 anos quando soube que ia ser pai, fugiu para o Algarve e deixou um bilhete aos pais a dizer que tinha de resolver um problema grave. Ficou sem saber o que fazer. Os pais de Neusa quando souberam que esta estava grávida dificultaram-lhe a vida. A mãe de Neusa ficou desiludida com a notícia embora não se tivesse manifestado muito. O pai de Neusa, que bebia muito, é que a colocou fora de casa com quatro meses de gravidez. Até ao final da gravidez Neusa teve de dormir em casa de amigas. Ia sozinha para o hospital, sempre a pé, percorrendo uma distância de cerca de 5 km (10km ida e volta). Quando teve a filha decidiu que não podia continuar a dormir em casa de amigas. Num dia dormia numa casa, noutro dia dormia na casa de outra amiga. Por isso, num dia à 1:00h da manhã decidiu tocar à campainha do namorado e dos pais deste, com a filha pequena ao colo, dizendo que o pai a tinha colocado fora de casa e que tinha de ficar ali com a bebé, pois não tinha mais sítio nenhum para ir. Desde essa altura que vive em união de facto na casa dos sogros. Entretanto, reatou a relação com os pais, nomeadamente com o pai que costuma pedir desculpa com frequência pelo acto cometido – ter colocado Neusa fora de casa com 4 meses de gestação.

Quando Neusa engravidou estava a estudar no 6.º ano de escolaridade que não conseguiu concluir devido à maternidade. O parto ocorreu em Fevereiro e Neusa só conseguiu frequentar as aulas até Janeiro. Depois disso, no ano lectivo imediatamente a seguir, decidiu ir trabalhar de dia numa pizzaria em Lisboa e estudar à noite no ensino recorrente. Conseguiu completar o 9.º ano de escolaridade mas não conseguiu realizar um curso de formação profissional porque uma doença da filha exigiu um maior acompanhamento que a impediu de

continuar a frequentar o curso. Quando estava a estudar à noite, lembra-se que chegava a casa cansada e que ralhava com a filha, muitas vezes sem saber se teria sido correcto ou se ralhava por cansaço. Teve muitos empregos, todos precários e actualmente está desempregada, a receber subsídio de desemprego porque a instituição onde trabalhava fechou. Neusa gostaria muito de trabalhar na área de intervenção social onde trabalhava anteriormente. Gosta de ajudar as pessoas.

Entretanto, ao fim de 8 anos a viver com o namorado (Neusa não gosta da expressão de companheiro, nem de marido) em casa dos sogros, conseguiu comprar casa própria e está a remodelá-la há quase 2 anos. A casa está quase pronta e brevemente irão fazer as mudanças.

Neusa diz que ter engravidado foi a pior coisa que lhe aconteceu na vida. Não quer voltar a ter filhos porque sente-se traumatizada e tem receio de que possa voltar a passar pelo mesmo, ou seja, não ter o apoio de ninguém durante a gravidez, nem da família, nem do namorado, que na altura era muito novo e não sabia o que fazer. Por isso, quando aos 17 anos voltou a engravidar ao fazer a mudança de pílula, decidiu abortar novamente. Foi à médica e esta receitou-lhe uns comprimidos que lhe provocaram o aborto.

Neusa sente que cresceu muito rapidamente. Que de um momento para o outro teve de aprender a gerir o dinheiro, a cozinhar, a tratar da roupa. Foi quase como se fosse uma terapia de choque. Acha que aprendeu tudo muito rapidamente. Tem pena de ter deixado de brincar na rua. Quando engravidou ainda brincava na rua à apanhada e ao mata. Com a chegada da filha deixou de ser possível responder às solicitações das amigas que lhe diziam para ir para a rua jogar. Mas Neusa tinha de dizer que não podia porque tinha de tratar da filha.

Quanto ao futuro, Neusa espera tirar um curso de formação profissional que a habilite a trabalhar com crianças e idosos e espera que a filha esteja bem na escola, uma vez que a menina é portadora de uma deficiência e isso condiciona-lhe a aprendizagem.

Histórico:

Quando Neusa soube que estava grávida ficou desesperada “*foi um choque para mim, foi horrível*” e quis abortar. Arranjou dinheiro e foi a uma parteira para lhe realizar o aborto. Contudo, este não foi bem sucedido e a gravidez prosseguiu. Com quatro meses de gestação Neusa é posta fora de casa pelo pai e decide dormir em casa de amigas até ao momento do parto “*eu fiquei muito tempo sem falar com o meu pai. Muito tempo mesmo porque ... sei lá, chocou-me muito porque foi a fase que eu precisava mais deles e eles... nem me ajudaram,*

nem um pouco. Fiquei muito tempo sem falar com o meu pai”. Continuou a estudar até ao 8.º mês de gestação mas depois teve de interromper esse ano de escolaridade. Durante a gravidez também não teve apoio do namorado, nem dos irmãos. É um momento muito solitário em que foi sempre sozinha às consultas médicas. Quando estava para ter a filha vai ter com a mãe que a acompanhou ao hospital, juntamente com o namorado e os pais deste. A filha nasceu e como o pai não a aceitou em casa, Neusa decidiu ir à casa do namorado dizer que não tinha mais sítio nenhum onde ficar e que teria de morar ali com a filha.

Começa a viver em casa do namorado com os pais deste e depressa tem de se adaptar a cozinhar, tratar da casa, da filha e da roupa *“para mim isso tudo era uma novidade, não sabia fazer nada disso”*. Eram tarefas que desconhecia totalmente e cujo exercício a fizeram sentir-se adulta muito rapidamente *“tornei-me logo mulher muito rápido (...) nem brinquei, nem me diverti. Por isso é que eu às vezes penso: o que seria se eu não tivesse tido. Mas é giro, agora”*.

Quando a filha tinha seis meses decidiu começar a trabalhar numa pizzaria em Lisboa e estudar no ensino recorrente à noite. Conseguiu completar o 9.º ano de escolaridade. Contudo, quando estava a realizar um curso de formação profissional de que gostava muito, teve de desistir deste, pois um problema de saúde da filha exigiu da sua parte um grande acompanhamento à menina e impediu-a de frequentar o curso.

Quando começou a viver em união de facto com o namorado, o exercício da maternidade também não foi fácil *“Eu era muito nova, ele também (o namorado). Eu é que tinha a responsabilidade de ficar com ela. Ele ia para a rua com os amigos (..) por vezes ficava muito tempo sozinha (...) pelo menos os primeiros meses da vida da minha filha foi um bocado complicado mas depois ele também cresceu... tornou-se mais homenzinho e aí a gente foi-se dando melhor”*.

Com 17 anos voltou a engravidar na mudança de uma pílula. Ficou desesperada e dirigiu-se à médica para lhe dizer que não podia estar grávida e que não tinha condições de criar outro filho. A médica receitou-lhe comprimidos e Neusa conseguiu interromper a gravidez.

Entretanto, muda várias vezes de emprego, oscilando entre empregos precários. Com muito esforço, conseguiu comprar casa própria com o namorado e durante dois anos empregou todas as suas poupanças nas obras e remodelação da casa.

Neusa sentiu que engravidar foi a pior coisa que lhe aconteceu “*eu adoro a minha filha, amo muito ela, mas para mim foi a pior coisa que me aconteceu*”. Pese embora goste muito da filha e faça tudo o que estiver ao seu alcance para dar uma vida digna à filha acha que aquela não foi a altura certa para engravidar. Foi uma fase muito difícil da sua vida, com a total ausência de apoio familiar e em que teve de deixar de brincar na rua e de estudar no ensino regular. Só agora é que Neusa começou a sair à noite com o namorado e a ter práticas de sociabilidade juvenil que não pôde realizar na adolescência “*eu acho que como agora recuperei um pouco a liberdade, assim dizendo... tenho medo de voltar àquilo tudo, depois fico com medo porque é assim, não tive o apoio de ninguém, tenho medo de voltar a sofrer aquilo que eu passei, para mim foi muito mau, muito mau, muito, muito mesmo*”.

Quanto ao futuro, Neusa espera realizar um curso profissional na área de que gosta e que a sua filha esteja bem integrada na escola.

Mensagem:

Neusa disse-nos que a gravidez foi a pior coisa que lhe aconteceu na vida. Trouxe-lhe muitas tristezas, muitos momentos difíceis e teve de crescer muito rapidamente. Disse-nos também que o exercício da maternidade a fez perder uma série de oportunidades escolares e profissionais.

Interpretação local (pistas):

1. Neusa engravidou porque não usava qualquer método contraceptivo. Por isso, quando soube que estava grávida ficou desesperada e tentou abortar. Não conseguiu abortar e foi posta fora de casa pelo pai quando estava com quatro meses de gestação. PISTA: Gravidez acidental → Gravidez indesejada.
2. Quando teve a filha foi para casa do namorado e desde então que vive em união de facto. Com uma transição precoce para a vida adulta teve de estudar à noite e não conseguiu realizar o curso de formação profissional de que gostava. Teve empregos precários e actualmente encontra-se desempregada. PISTA: gravidez indesejada → conjugalidade (constituição de uma nova unidade doméstica) → transição para a vida adulta num registo tradicional → inserção precoce e precária no mercado de trabalho → dificuldade em aumentar as qualificações e em melhorar as condições de trabalho.

3. O exercício da maternidade, sem o apoio da família, conduziu a que Neusa deixasse de brincar na rua com os outros adolescentes da sua idade. Com 24 anos começa a sair à noite com o namorado. Nessa altura começou a realizar as práticas de sociabilidade juvenil que não teve oportunidade de exercitar na adolescência.
- PISTA: ausência de suporte familiar → impacto nas sociabilidades juvenis.

ENTREVISTA 20, RICARDO

Casado, 10.º de escolaridade (a frequentar o 11.º ano de escolaridade), ajudante de electricista, tem 23 anos e foi pai aos 19 anos, origem étnica: pai e mãe angolanos.

Classe social de origem: Empregados executantes. Classe social actual: Assalariados Executantes Pluriactivos.

Sinopse:

Ricardo namorava há nove meses quando a namorada engravidou. Embora não estivesse à espera, nem desejasse ser pai naquela altura, aceitou muito bem a notícia e ficou contente. Contou de imediato aos pais que ficaram igualmente contentes, referiram que o apoiariam no que precisasse e o pai acrescentou que Ricardo tinha de começar a trabalhar e tinha de ter consciência de que era uma grande responsabilidade. Os pais de Ricardo estavam divorciados, eram de origem Angolana (entretanto, o pai já faleceu) e Ricardo referiu que na sua família existem mais casos de gravidezes na adolescência.

A namorada de Ricardo ficou mais apreensiva com a notícia e os pais dela não aceitaram tão bem a novidade. Colocaram inclusivamente a hipótese dela poder abortar. Contudo, o casal já tinha tomado a decisão de ter a filha, pois Ricardo insistiu em assumir essa responsabilidade. Foi então que os pais da namorada decidiram apoiar a decisão do jovem casal.

Ricardo estava a estudar no 11.º ano de escolaridade, sem muita motivação, quando decidiu começar a trabalhar para poder sustentar a filha quando esta nascesse. Decidiu então viver em união de facto em casa do pai (ao fim de um ano compraram casa própria) e quando a filha tinha três anos, Ricardo e a namorada decidiram casar pela igreja, com festa, vestido de noiva e presentes. Ricardo não é católico mas a esposa e a sogra são católicas praticantes. Actualmente, é ajudante de electricista, embora seja um emprego precário.

Entretanto, Ricardo decidiu voltar a estudar para completar o 12.º ano de escolaridade e continua a sair com os amigos para jantar ou para ver futebol. Apenas deixou de ir para as discotecas, prática que mantinha com regularidade antes de ser pai, pois considera que, para além de não ser compatível com outras responsabilidades que tem, também não é muito saudável.

Ricardo tem uma relação de grande proximidade com a filha partilhando as tarefas educativas com a esposa. Deseja estudar para encontrar um emprego melhor e no futuro gostaria de voltar a ser pai.

Histórico:

Ricardo ficou contente quando soube que ia ser pai. Decidiu assumir essa responsabilidade *“como sempre fui assim responsável e tudo, aceitei logo e fui falar com o meu pai e com a minha mãe e eles também aceitaram, não houve grande problema. Não... Foi Fácil. (...) Fiquei contente. (...) Não foi desejado mas já que estava, já que tinha vindo, que viesse por bem”*. Para isso, deixou a escola, começou a trabalhar *“tive de deixar de estudar (...) não, mas eu já não ia à escola, já não estava muito interessado (...) fiquei preocupado porque tinha que arranjar um trabalho para poder sustentar a minha filha mas fiquei contente por ter uma filha”* e ficou a viver em união de facto em casa do pai. Quando a filha fez um ano compraram casa própria.

Desde o nascimento da filha que Ricardo partilha as tarefas educativas e as tarefas domésticas com a namorada *“damo-nos muito bem os três”*. Promove uma relação de grande proximidade com a filha *“brinco muito com ela, estou sempre com ela e ela também quer estar sempre comigo, está sempre a chamar por mim. E... acho que não conseguia estar sem ela muito tempo. (...) Somos assim muito chegados”*. Quando esta fez três anos, decidiu oficializar a união de facto, casando pela igreja católica e fazendo festa *“foi bué da giro!”*.

Com a experiência de ser pai Ricardo assumiu um conjunto de responsabilidades e o ser pai tornou-se uma oportunidade de crescimento pessoal *“deu-me responsabilidade e faz a gente ver as coisas como não víamos antes... a gente aprende a gostar mais das coisas, aprende a...aprende a tentar viver melhor. Eu acho que é isso. E depois a nossa vida já, já não é regida pelo que nós queremos mas sim por o que eles querem. Nós...hummm... não sei... tudo o que eu faço é a pensar na minha filha também (...) se calhar comecei a ter mais responsabilidade nas coisas que fazia, nas atitudes que tomava”*.

A família assumiu na vida de Ricardo uma importância central “*não é só ter o filho, tem que se ter também uma mulher porque eu acho, por mim né, uma criança quando não tem o pai e a mãe, não... não cresce da mesma maneira do que se tiver os dois pais. Por exemplo, a minha filha não percebe quando aparecem crianças que só têm um pai ou só têm uma mãe (...) se uma pessoa quer ter filhos tem de pensar também no termo família, não é só ter!*”.

As suas práticas de lazer mudam um pouco por opção de Ricardo que se adaptou à nova condição de pai “*não deixei de fazer nada, o que eu fazia também não era... não era muito bom para a saúde, nem nada, sair à noite e essas coisas. Acho que foi bom para mim porque assentei e... pronto, dei um rumo à vida que se calhar até agora se eu não tivesse uma filha, a minha vida se calhar ainda estava como estava antes... só passear*”. Com efeito, deixa de ir à discoteca “*já não vou à discoteca por causa da minha filha e também porque já não me interessa muito*” embora continue a sair para jantar e para ver futebol com o mesmo grupo de amigos.

Muda várias vezes de emprego até que decide continuar a estudar para completar o 12.º ano de escolaridade e ter um emprego melhor.

Mensagem:

Ricardo disse-nos que ficou contente com o nascimento da filha e que desde o início que assumiu a sua quota-parte de responsabilidade na educação da filha. Disse-nos também que dá muita importância à família e que a experiência de ser pai se constituiu como uma oportunidade de crescimento pessoal.

Interpretação local (pistas):

1. Ricardo não estava à espera de ser pai naquela altura mas ficou contente com a notícia de ser pai. PISTA: antecipação ao planeamento → gravidez desejada.
2. Quando soube que ia ser pai estava a estudar mas não estava muito motivado. Deixou a escola para começar a trabalhar. Começou a viver em união de facto e mais tarde oficializou esta relação. Três anos depois de ter deixado a escola decidiu recomeçar os estudos para melhorar de emprego. PISTA: paternidade → conjugalidade (constituição de uma nova unidade doméstica) → ingresso precoce no mercado de trabalho → transição para a vida adulta num registo tradicional → irregularidade no percurso escolar → insatisfação com o emprego (trabalhos precários) → interrupção temporária no percurso escolar.
3. A forma motivada e envolvida como Ricardo desempenha as suas funções parentais, partilhando com a esposa as tarefas educativas relativas à filha, alterou algumas das práticas de lazer que Ricardo costumava realizar. Contudo, mantém o contacto e a relação com o mesmo grupo de amigos, desenvolvendo outras práticas. PISTA: conjugalidade → impacto moderado nas sociabilidades juvenis → filiação em outro tipo de práticas de lazer.
4. Neste novo papel de pai, Ricardo descobre outras capacidades em si que não conhecia. Começa a perceber a realidade que o envolve de forma diferente. PISTA: paternidade → oportunidade de crescimento pessoal.